

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO ESCOLAR BRASILEIRA
KATIA BARBOSA MACEDO

AS RELAÇÕES DE PODER ENTRE PROFESSOR E ALUNO
ADULTO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL
UM ESTUDO DE CASO NO SENAI - GO

Dissertação apresentada como
requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre
em Educação Escolar Brasilei
ra sob a orientação da profa.
Dra. Maria Herminia M.S. Do-
mingues.

Goiânia, julho de 1994.

COMISSAO JULGADORA

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao SENAI , representado pelo Sr. Paulo Vargas, Diretor Regional e a equipe de Recursos Humanos pela cooperação e apoio durante todo o desenvolvimento do trabalho.

A profa. Dra. Maria Herminia M.S.Domingues , pela orientação correta que possibilitou a finalização do trabalho.

A minha família , por sempre acreditar que este trabalho seria concluído .

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo pesquisar como ocorrem as relações de poder entre professor e aluno adulto na formação profissional, tomando como objeto de estudo uma instituição de formação profissional.

A fundamentação teórica está dividida em capítulos e aborda: 1- a Educação de adultos ; 2- a Formação Profissional ; 3- as Relações de Poder. O estudo apresenta a instituição onde foi realizada a pesquisa - O SENAI - GO .

A pesquisa foi realizada com professores e alunos adultos de cursos de formação profissional, e os dados foram levantados através de questionários para professor e aluno e de entrevista para professor.

Após a análise descritiva dos resultados, o estudo concluiu que o SENAI adota os princípios básicos da educação de adultos a nível de discurso , mas que seus professores possuem dificuldade em colocar em prática alguns deles , principalmente os relacionados com a formação crítica de um cidadão socialmente participante .

No que se refere especificamente às relações de poder entre professor e aluno, o estudo concluiu que o poder dos dois são recíprocos e complementares e que os professores tendem a lidar com o seu poder de modo particular, apesar da formação psicopedagógica que recebem do SENAI. Isto provavelmente se deve ao fato de que esta formação não aborda, de forma enfática, as atitudes relacionadas às relações de poder.

ABSTRACT

The objective of this paper was to develop a research to explain the relationship between teacher and mature student, in the scenario of professional education. It was conducted within one single institution that deals specifically with professional training.

The theoretical paper is divided into three chapters: 1- adult education ; 2- Professional training and 3- Power relationship (between teacher and mature student). This essay also introduces the institution in which the research was conducted: SENAI -GO.

Sources of information were teachers and students of the professional training courses. The data was collated via questionnaires completed by teachers and students and from interviews with the teachers.

From (descriptive) analysis of the results, the author had concluded that the institution SENAI-GO is operating the basic principles of adult education within its courses, but that the teachers are having difficulty in practising some of them, more specifically, those principals related to the critical formation of citizens participating in society.

Regarding "power relationships" between teachers and mature students, the author had concluded that each part has a complementary power which confers mutual influence upon the other. Also, the teachers are trying to use their power based on personal ways, despite having received psycho-pedagogical instruction from SENAI. This is probably a consequence of the fact that this tuition does not treat on the relevant attitudes to "power relationships" with the emphasis necessary.

SUMARIO

| | |
|-------------------------------------------|-----|
| RESUMO | I |
| ABSTRACT | III |
| INTRODUÇÃO | 01 |
| CAP 1 - A EDUCAÇÃO DE ADULTOS | 10 |
| CAP 2 - A FORMAÇÃO PROFISSIONAL | 22 |
| CAP 3 - AS RELAÇÕES DE PODER | 35 |
| CAP 4 - O SENAI | 49 |
| CAP 5 - METODOLOGIA | 66 |
| CAP 6 - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS | 70 |
| CAP 7 - ANÁLISE DOS RESULTADOS | 133 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 148 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 154 |
| ANEXOS | 161 |

INTRODUÇÃO

A função de psicóloga tem nos permitido desenvolver trabalhos de consultoria em organizações desde 1985, atuando principalmente na área de desenvolvimento organizacional e desenvolvimento de recursos humanos. Ainda como professora do ensino superior temos trabalhado em diversas disciplinas relacionadas a esta área de atuação .

A escolha dessa área de atuação decorreu da crença de que somente através do investimento no desenvolvimento do ser humano pode-se intervir no processo de desenvolvimento histórico de nossa sociedade e auxiliar em sua construção. Assim, as atividades relacionadas a treinamento e desenvolvimento de recursos humanos foram ocupando gradativamente mais espaço em nossa agenda e direcionando nosso campo de investigação científica.

A experiência nesta área nos levou à constatação de que, apesar da grande maioria dos cursos profissionalizantes (oferecidos tanto por escolas técnicas ou não , empresas e outras instituições) serem dirigidos, em sua maioria , para adultos, não se observa nos mesmos a existência de embasamento teórico específico em educação de adultos.

Mesmo no ambiente universitário - onde os alunos são em sua maioria adultos - também não se verifica, por parte dos professores, uma preocupação em conhecer a metodologia direcionada ao aluno adulto.

Até em seminários, cursos e congressos, onde a ênfase é colocada na necessidade de investir em desenvolvimento de recursos humanos visando alcançar melhores níveis de qualidade e de excelência organizacional, a questão da educação de adultos não é colocada enquanto um embasamento necessário para subsidiar as intervenções a serem feitas junto a alunos adultos.

Vislumbrando a possibilidade de poder investigar melhor o tema e obter subsídios para validar uma metodologia teoricamente embasada, optamos pela realização de um mestrado na área da educação. Desta maneira, outro não seria o tema a ser trilhado na dissertação senão o da Educação de Adultos.

No decorrer deste percurso, algumas questões estavam latentes, por exemplo:

1-Existem características específicas para educar o aluno adulto?

2-Em que se fundamenta a maneira como o professor se relaciona com o aluno adulto?

3-Como o poder aparece na relação entre professor e aluno adulto?

Ao realizar o levantamento bibliográfico, constatamos que era uma área pouco explorada por outros autores. Este levantamento possibilitou a configuração de alguns pressupostos e de algumas delimitações importantes, a saber:

-Somos seres sociais, sendo sujeitos e objetos da sociedade em que estamos inseridos. Todas as pessoas desta sociedade tanto produzem como consomem os bens e serviços produzidos por ela. O mercado, ao produzir bens e serviços, adota gradativamente um maior nível de exigência no que se refere à qualidade dos mesmos. Essa exigência se reflete na necessidade de colocarmos pessoas mais qualificadas nas linhas de produção e de prestação de serviços, de modo que todos nós (ora produtores, ora consumidores) estamos sujeitos a esta exigência de qualidade, tanto exigindo-a ao consumir algo, quanto ao produzir algo.

Considerando os aspectos acima levantados, delimitamos o presente estudo visando focar a educação de adultos na formação profissional, ou seja, aplicada à área específica que visa formar ou desenvolver profissionais qualificados para produzirem bens e serviços para a sociedade:

-A mútua influência entre a educação e o trabalho sempre existiu. Porém, a partir da revolução industrial surgiu a necessidade de que a educação formasse os profissionais para atuarem no mercado de trabalho. Nesta época nascia a formação profissional. A relação entre educação e trabalho direcionou a qualificação profissional. Ao se analisar a formação profissional

no Brasil, partindo do período de colonização até a atualidade, constata-se que a mesma ainda não recebeu a importância necessária por parte do governo, mas sim de algumas instituições criadas com essa finalidade específica, qual seja a de formar profissionais para o mercado de trabalho. Dentre estas instituições situa-se o SENAI, que será enfocada como objeto de nosso estudo.

-A psicologia da aprendizagem (principalmente representada por Knowles, 1990) indica que existem diferenças fundamentais entre a educação de adultos e a educação de crianças e adolescentes, advindo daí pressupostos, metodologias e posturas pedagógicas diferenciadas; pretendemos verificar, neste estudo, se o SENAI adota posturas e metodologias específicas para a educação de adultos.

-A educação é vista como uma relação de poder que ocorre no âmbito social, na escola e na relação professor - aluno na sala de aula.

No presente estudo pretendemos abordar, prioritariamente, as relações de poder entre professor -aluno, por considerar esta a relação mais importante no processo ensino-aprendizagem. As relações serão enfocadas considerando o modo como professores e alunos desempenham seus papéis.

Existem diversas maneiras de desempenharmos um papel, e é exatamente a maneira como realizamos uma tarefa que demonstra o resultado de uma opção feita em detrimento de outras. Assim, quando um professor escolhe uma metodologia em

detrimento do outra, ou plancia de uma forma e não de outra, está exercendo seu poder de decisão. Por outro lado, quando o aluno aceita ou não a postura e normas do professor, quando se integra ou não ao processo, também está exercendo seu poder.

Dessa forma, no processo ensino-aprendizagem, tanto o professor quanto o aluno possuem o poder, e a influência de um sobre o outro é recíproca.

O nosso sistema educacional, atendendo à determinações e sofrendo influências de nossa sociedade, baseada na divisão de classes, também desenvolveu um sistema de hierarquia dentro da escola e das instituições de ensino.

Nesta divisão de poder " organizacional " , cabe ao diretor e supervisores uma grande parcela de poder de decisão e intervenção ; aos professores , um poder médio e aos alunos, um poder mínimo, sendo esperado por todos, que o sistema funcione. Desta forma, existem ainda sistemas de controle para verificar se o sistema está funcionando bem, o se são necessários ajustes e adaptações.

A relação professor-aluno supõe a existência de alguns fatores que assumem importância , na medida em que auxiliam a ambos a alcançarem o objetivo comum : a aprendizagem do aluno. Esses fatores incluem a figura do professor, a figura do aluno, o método utilizado, o conteúdo e a avaliação.

Quanto ao professor, desde os pressupostos que adota, como a forma como planeja, escolhe a metodologia, avalia os alunos e adota uma postura para se relacionar com eles, tudo isso demonstra como ele utiliza seu poder de professor. Consideramos que, mesmo em uma instituição que oferece normas e padrões específicos, existe um espaço para a decisão do professor, e estas decisões só podem ser tomadas de acordo com os critérios e valores internos de cada professor.

Quanto ao aluno, a forma como vê os papéis, as expectativas que tem, o grau de comprometimento, consciência crítica e os comportamentos expressos também nos orientam em relação a compreensão do seu poder.

Diante destas considerações, uma questão se coloca como questão fundamental : **Como ocorrem as relações de poder entre professor e aluno adulto na formação profissional?** A busca de sua resposta é o problema deste estudo, pois a volta a bibliografia demonstrou praticamente a inexistência de estudos nesta área específica .O trabalho procurou abordar as relações que ocorrem dentro de uma instituição específica ligada a área educacional cuja função básica é formar profissionais que irão atuar no mercado de trabalho, produzindo bens e serviços que serão absorvidos por esta sociedade.

Desta maneira, o SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - foi escolhida como instituição para se realizar o presente estudo pelo fato de ter como objetivo a formação profissional. O SENAI será aqui apresentado enquanto

instituição , abordando seu histórico, objetivos, sua estrutura, a metodologia adotada e a relação com seus professores. Essa dimensão é importante de ser abordada , pois será refletida na relação entre professor aluno, tema principal deste estudo.

O presente trabalho se estrutura em capítulos , sendo que o primeiro abordará o tema da educação de adultos .O segundo enfocará as relações entre educação e trabalho com especial atenção na qualificação e formação profissional .No terceiro capítulo serão consideradas as relações de poder entre professor e aluno. No quarto o SENAI será apresentado como instituição de formação profissional .O quinto apresentará a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa .No sexto capítulo serão apresentados os dados levantados e sua análise. O sétimo conterá a conclusão e sugestões do presente estudo.

Clara

Capítulo 1 - A EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Atualmente a sociedade dita capitalista passa por um período de transição onde os avanços tecnológicos de um lado e a crescente exigência do consumidor de outro, levam nossas instituições a perseguirem, gradativamente, a qualidade de seus produtos /serviços.

Não se pode pensar em qualidade sem incluir a questão da formação do homem para o trabalho, seja a nível de qualificação (ou formação profissional), ou de reciclagem.

Quando a formação profissional é mencionada existe a tendência de conectá-la com a imagem de crianças e jovens sendo preparados para uma **futura** vida profissional. Todavia, o que ocorre atualmente é um processo de aceleração crescente de tecnologias que surgem diuturnamente no mercado, com a conseqüente necessidade dos profissionais que estão engajados no processo produtivo -- em sua maioria **ADULTOS** -- de buscarem absorvê-las, até mesmo como tentativa de garantir a manutenção de sua posição no mercado de trabalho.

Essa situação leva à necessidade de utilização de metodologias mais adequadas à educação de adultos, uma vez que esses alunos possuem características específicas e diferenciadas

de crianças e adolescentes.

Ao abordar a educação de adultos , faz-se necessário definir primeiramente o que compreendemos como adulto.

Os estudos disponíveis nos demonstram que são várias as definições sobre adultos indicando posicionamentos diferentes.

Para Allport (apud Knowles, 1990 , p.41) existem alguns critérios para definir a maturidade, que são : extensão de si mesmo ; relação afetiva com os outros; segurança afetiva com aceitação de si mesmo; percepção realística do mundo ;conhecimento de si ;ter uma filosofia coerente com sua conduta.

O conceito de adulto para Ludojoski (1972, p. 10) pressupõe a aceitação de responsabilidade, o predomínio da razão e o equilíbrio da personalidade.

Já Goquelin (1970 , p. 50), considera que:

... O adulto - diferentemente da criança, que é um ser em desenvolvimento afetivo, mental, sensório-motor e sexual - possui seu desenvolvimento bem adiantado tendo adquirido conhecimentos, modelos de como fazer, experiência, os modelos de condutas em situações dadas. Ele tem consciência de que sabe de certas coisas, ignora outras e possui seus limites.

Como pode ser observado, alguns autores (Ludojoski, Allport) consideram o adulto como um ser caracterizado por estar

em fase de desenvolvimento estável, havendo concluído várias etapas anteriores, já Goguelin concebe o adulto dentro de um processo de desenvolvimento contínuo e dinâmico, como uma forma diferenciada de funcionamento. Consideramos a segunda abordagem mais completa na medida que apresenta o adulto como um ser inacabado.

Assim, o adulto possui características e necessidades* específicas de sua fase de desenvolvimento atual, que deverão ser consideradas ao abordá-lo enquanto aluno. Tal compreensão da psicologia do adulto deve auxiliar-nos no modo de abordar nossos alunos adultos.

Como nos lembra Axford (1980, p. 380) os alunos adultos estão especialmente interessados na aplicação prática do que eles aprendem; não gostam de ver seus resultados comparados com os de outras pessoas e devem ser considerados e tratados como adultos.

Além de reforçar esse aspecto, Stephens (1974, p. 34) diz que o aluno adulto chega com algumas expectativas em relação à postura do professor, não aceita disciplina rígida como a criança, tem necessidade de falar e possui motivações individuais para vir aprender.

*O termo necessidade aqui é entendido dentro da concepção de Maslow (in Coradi, 1985), sendo divididas em fisiológicas, de segurança e proteção, social, auto-estima e autorrealização.

Pelo que foi apresentado até o momento, podemos caracterizar o aluno adulto como uma pessoa que tem geralmente uma individualidade mais marcante do que os adolescentes e crianças, suas perspectivas pessoais e estilos de aprendizagem são muito mais diversificados. O aluno adulto é formado mais por seu próprio contexto pessoal de experiências e perspectivas. Sua aprendizagem se torna mais firme e segura quando aborda a prática e familiaridade com a incorporação e assimilação de impressões e sensações novas. O adulto é determinado, mais que os jovens, por suas experiências e idéias. Sua vontade e possibilidade para aprender dependem essencialmente das motivações para a utilização e a adequação aos seus interesses e necessidades individuais do que aprende.

Alguns estudos foram realizados tentando identificar o que motiva os adultos a aprenderem. Considerando a motivação como um fator interno da pessoa, tanto Dohmen como Tough apresentam os resultados de seus estudos.

Para Dohmen (1981, p. 7) os fatores motivadores de adultos para a aprendizagem incluem: busca de auto-afirmação profissional e obtenção de prestígio; busca de auto-realização ou ainda de novas perspectivas; busca de algo novo para ordenar os conteúdos previamente conhecidos; busca de orientação (geral ou especializada) e regras (abstratas ou concretas).

Tough (apud Knowles, 1990, p. 47) considera que os fatores que motivam os adultos a aprenderem incluem:

1-Fatores imediatos:

--Satisfazer

a

curiosidade;

- Gostar do conteúdo a ser apresentado;
- Gostar de desenvolver habilidades;
- Gostar da atividade de aprender.

- 2-Fatores a médio e longo prazo:
 - Produzir alguma coisa;
 - Entender sobre alguma situação futura;
 - Trocar conhecimentos e habilidades com outras pessoas;

JA Sá (1984, p. 26), numa abordagem que enfoca mais os fatores externos que propiciam a motivação interna do aluno adulto, considera três pontos importantes na motivação do aluno adulto : 1- que o professor consiga um estado de alerta do aluno com a ativação do seu cérebro ; 2- que o professor proporcione o prazer da realização de alguma coisa e 3- que consiga conservar o estudante interessado. Esta autora acrescenta que o professor precisa confiar no aluno, facilitar sua aprendizagem, respeitar o aluno como individualidade social e criar um clima pedagógico propício à aprendizagem.

Na medida em que, como educadores, conseguirmos levantar quais os fatores que estão motivando nossos alunos a aprenderem , poderemos oferecer-lhes mais possibilidades de desenvolverem-se e de sermos mais eficazes no alcance de nossos objetivos .

Por outro lado, não podemos deixar de considerar que o processamento da aprendizagem do adulto difere em alguns aspectos da aprendizagem infantil. Andrews (1981, p. 13) cita que existem algumas particularidades na aprendizagem de adultos, dentre elas podemos colocar:

- Inteligência- os adultos são mais inteligentes dos 18 aos 25 anos, porém, mais experientes com o tempo;

-Vocabulário - com 45 anos de idade, uma pessoa possui um vocabulário três vezes maior do que quando estava no segundo grau(com 16 anos);

-Processamento de informações - aos 60 anos de idade o cérebro processa quatro vezes mais informações do que quando a pessoa tinha 21 anos;

-Senso profissional- a pessoa possui o senso profissional melhor desenvolvido entre os 40 a 49 anos de idade;

-Criatividade - a criatividade é maior dos 30 aos 39 anos, mas varia de acordo com a profissão. Pessoas criativas continuam produzindo trabalhos de qualidade durante toda a sua vida.

-Aspectos emocionais - o sentimento de "felicidade " e satisfação com a vida ocorre com maior ênfase dos 15 aos 24 anos, e o pessimismo e depressão aparecem com maior frequência dos 30 aos 39 anos.

Existem diversas abordagens relacionadas ao processo ensino-aprendizagem do aluno adulto. Algumas delas focalizam a importância na técnica que o professor utiliza, outras, no aluno e suas necessidades, outras, no conteúdo a ser apresentado ou ainda na postura do professor.

Ao selecionarmos os autores que apresentaremos na seqüência, consideramos o fato deles colocarem em foco o aluno adulto e a dinâmica de seu processo de aprendizagem, e o fizemos por acreditar ser este elemento - o aluno (adulto no estudo em questão) - o elemento fundamental do processo ensino-aprendizagem.

Masetto (1992) realizou um estudo que englobou a educação de adultos , baseando-se em alguns autores como Smith, Brundage e Mackeraker, Elianor Lenz, Simpson e Gibb. Dentre os estudos destes autores, destacou alguns aspectos interessantes, que posteriormente iriam influenciar na sua abordagem e prática no trabalho de educar adultos. Ressaltamos os seguintes aspectos:

-a educação de adultos sendo vista como um processo contínuo, que envolve mudanças , é pessoal e diz respeito a experiência vivenciada;

-o adulto apresenta uma autonomia no processo de aprendizagem e utiliza sua experiência pessoal como recurso para aprender;

-a aprendizagem do adulto deve ser centrada em situações reais e ligadas a experiência, ser significativa para o aluno, ter objetivos definidos e fornecer um contínuo "feed-back" sobre o progresso do aluno.

Devemos lembrar, porém , que cada pessoa possui seu próprio ritmo e estilo de aprendizagem, bem como experiências e vivências diferenciadas, o que nos leva a termos de considerar o aspecto do acompanhamento individualizado do aluno adulto, se quisermos lograr bons resultados em sua aprendizagem.

Uma vez apresentados os pressupostos que fundamentam a prática da educação de adultos, apresentaremos a metodologia que consideramos a mais adequada para educar o adulto. Para isso, acrescentaremos as contribuições de alguns autores.

Para Masetto (1992, p. 83)

... existem nove princípios para facilitar a aprendizagem do adulto: promover a participação; valorizar a experiência e contribuição dos participantes; explicitar o significado; definir claramente os objetivos e metas a serem alcançados; estabelecer os recursos adequados, eficientes e avaliáveis; criar um sistema de feed-back contínuo; desenvolver uma reflexão crítica; estabelecer um contrato psicológico; adaptar o comportamento do professor a um processo de aprendizagem próprio de adultos.

Segundo Goguelin (1970, p. 50), formar um adulto é favorecer um futuro desenvolvimento de sua personalidade e, a partir de sua experiência vivida e de seus conhecimentos adquiridos, conduzi-lo na descoberta e construção de elementos de todas as ordens que lhe darão a possibilidade de uma realização mais completa de si mesmo, dentro de uma adaptação autêntica e realista.

Como vimos, a aprendizagem do adulto pode se tornar um processo mais enriquecedor na medida em que o professor considerar a aprendizagem como uma dinâmica onde o interesse pelo prático, a experiência anterior, a participação e autonomia do aluno podem lograr importantes contribuições rumo aos objetivos perseguidos.

Quintana (1986, pag 46), considera que a participação plena é fator essencial para autogerir a aprendizagem humana nos processos de educação de adultos. Para ele, os princípios básicos da estratégia participativa englobam: o fator dinâmico da educação como modificadora da sociedade; o fator eidético, ligado aos aspectos metodológicos; o fator teórico (aspecto descritivo

ou explicativo) e o aspecto axiológico ou normativo.

Concordamos com ele na medida em que consideramos que o método de ensino deve levar o aluno a despertar sua consciência crítico-social, que deve ser criada por ele no convívio do trabalho educativo com o educador, partindo da sua realidade cotidiana.

Ludojoski (1972, p. 127) nos apresenta os princípios gerais para uma psicopedagogia da educação de adultos, e dentre eles destacamos :

- Empregar exemplos clarificadores, tomados da experiência real;

- Facilitar a compreensão experimental dos conteúdos do ensino (o aluno deve compreender porque está estudando este conteúdo);

- Buscar a verdade como tarefa exclusiva do aluno -- formação crítica;

- Estimular a pesquisa pelo aluno;

- Relacionar o tema da aula com uma situação da vida cotidiana do aluno;

- Ensinar o aluno a pensar por si mesmo;

- Desenvolver uma síntese didática entre os conteúdos a aprender e o raciocínio pessoal do aluno, pois pensar é elaborar juízos pessoais sobre um tema.

JÁ Masetto (1992) apresenta sugestões sobre algumas condições que facilitam o processo de aprendizagem:

- O planejamento realizado com a classe no início do curso, considerando expectativas, interesses dos alunos e a disciplina, sendo flexível e garantindo uma sequência lógica de conteúdos;

-Definição do conteúdo do curso - assuntos do interesse dos alunos, úteis e relacionados com a prática, onde professor e aluno trocam experiências para solucionar problemas; o conteúdo deve ser proposto pelo professor, considerando as etapas do processo de auto-consciência crescente do aluno.

-Estratégias - variadas, dinâmicas para integrar o grupo, que deve ser participante e motivado. O aluno passa a ser co-responsável pela aprendizagem;

-O clima da sala de aula deve ser aberto, participativo e com ligações entre teoria e prática;

-Características do professor - coerente entre discurso e prática, aberto e flexível, competente didaticamente e na área específica de conhecimentos, preocupado e envolvido com os alunos.

Como pode ser percebido, a metodologia para adultos inclui aspectos específicos, desde o planejamento do curso, a escolha de estratégias, as características do professor até as formas de avaliação. A ênfase na participação também é de fundamental importância.

Kundu (1986, p. 124) diz que o processo de avaliação de um programa de adultos deve considerar três pontos básicos, a saber: objetivos; métodos e procedimentos utilizados; evidência de aquisição por parte do aluno (conhecimentos adquiridos, habilidades desenvolvidas, aplicação).

Para Abreu (1990 p. 92), os postulados básicos para o processo de avaliação devem estar relacionados com o processo de aprendizagem; serem planejados coerentemente com os objetivos propostos; serem contínuos; permitirem um contínuo reiniciar da aprendizagem até atingir os objetivos finais; estarem voltados

para o desempenho do aluno, do professor e para a adequação do plano.

Enfocamos a questão da avaliação por considerarmos uma etapa fundamental no processo de ensino-aprendizagem, e também porque veremos mais adiante que ela pode ser utilizada por alguns professores como um instrumento de controle dos alunos, assumindo assim mais a uma dimensão "política", que atende a interesses particulares, do que a uma dimensão técnica e metodológica do processo.

Visando situar nosso trabalho dentro das possíveis modalidades na educação de adultos, faz-se necessário comentar que a educação de adultos pode desenvolver suas atividades dentro de algumas modalidades. Ludojoski (1972, p. 32) considera que as principais são :

-A alfabetização de adultos. modalidade muito frequente em países subdesenvolvidos como o Brasil. Paiva (1987) inclusive destaca que no Brasil todo o direcionamento da educação de adultos esteve vinculado ao caráter de educação popular, visando principalmente a alfabetização.

-Instrução, qualificação ou treinamento, voltada para a formação e qualificação profissional onde a pessoa desenvolve habilidades e aprende a trabalhar. Essa modalidade apresenta-se como resposta à demanda do mercado de trabalho. Nosso estudo abordará essa modalidade.

-Educação para o desenvolvimento da comunidade, que possui caráter transformador da sociedade, através da conscientização e

consequente libertação.

-Educação permanente e contínua, de suprimento ou reciclagem , onde a necessidade de manter-se atualizado leva o profissional já formado a participar de reciclagens, seminários etc. Essa modalidade também será considerada no presente trabalho.

Uma vez apresentados os pressupostos teóricos que embasaram o nosso trabalho, faz-se necessário comentar que o aluno adulto possui características próprias, e , por esse motivo, deve ser abordado de modo diferenciado, se quisermos lograr sua aprendizagem de modo satisfatório. Devemos destacar como fatores fundamentais que este aluno deve ser compreendido como detentor de motivações individuais , experiência anterior, interesse por aspectos aplicáveis na prática e como portador de um potencial a ser explorado e desenvolvido.

Neste estudo vamos verificar se estes princípios estão sendo aplicados na prática pelos professores dos cursos de formação profissional do SENAI de Goiânia, instituição onde foi realizado este estudo.

No próximo capítulo discorreremos sobre a formação profissional no Brasil, que representa uma forma de educação de adultos , especificamente voltada para a questão da qualificação profissional .

Capítulo 2- A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

O trabalho é uma relação social, de força, poder e violência ; é também relação fundamental que define o modo humano de existência, e envolve dimensões sociais, estéticas, culturais, artísticas, de lazer.

... é no processo de trabalho que ocorre a socialização através de diferentes expressões de resistência e subordinação da força de trabalho. O povo produz no trabalho e na vida formas específicas de representação, reprodução e reelaboração simbólica de suas relações sociais. As culturas populares são construídas em dois espaços, as práticas sociais e populares e a forma de pensamento que expressam sua realidade . (Minayo, 1987, p. 32).

A história é o registro da transformação da sociedade pelo homem através de sua atividade e trabalho.

Para Marx (in Coradi, 1985, p. 87), o trabalho é a atividade humana essencial e pode ser produtivo e improdutivo. O trabalho produtivo é aquele que produz valor de mercadoria e valor excedente para o capital, se transformado em acumulação de capital para o empregador. O trabalho improdutivo é aquele que não leva à mais-valia, não leva ao excedente de capital. Pode ser improdutivo simplesmente devido ao fato de ocorrer fora do modo capitalista de produção ou quando é utilizado pelo capitalista

para funções improdutivas. Para se construir a hegemonia do trabalho, deve haver condições econômicas, políticas e culturais.

No capitalismo, o trabalho se tornou coercitivo porque o trabalhador perdeu a posse do produto do seu trabalho. Ele passou a comercializar a sua força de trabalho. Com o desenvolvimento das relações de produção capitalista, o trabalho foi se tornando alienante, monótono, mecanizado. Segundo Braverman(1977, p. 25) o trabalhador se tornou alienado do seu trabalho, de si mesmo e de sua relação com os outros homens também, de forma a não possuir uma consciência crítica de seu papel dentro da sociedade.

À medida que o trabalho se dividiu e simplificou, a aptidão particular de um trabalhador perdeu o seu valor. Reduziu-se a uma força produtiva, que já não tinha de fazer funcionar suas energias físicas ou intelectuais . O trabalho gradativamente mais simplificado levou à redução da despesa de produção e ao salário baixo.

Com a Revolução Industrial, o advento de máquinas para as indústrias, a produção em série e a modificação das relações de trabalho, visando o lucro capitalista, surgiu um novo conceito nas relações de trabalho e produção, que é a **qualificação de mão-de-obra.**

Qualificação pode ser entendida como o conhecimento da tecnologia e o desenvolvimento das habilidades básicas necessárias para o desenvolvimento e execução de um determinado objetivo ou tarefa. Para o trabalhador, o conceito de qualificação

está ligado tradicionalmente ao domínio do ofício e à combinação de conhecimento, materiais e processos exigidos para o desempenho em determinado ramo da produção.

Com o objetivo de qualificar mão-de-obra para a fábrica, surge a pedagogia do trabalho que assume as características de um ensino prático e parcial de uma tarefa fragmentada. Esse aprendizado não possibilita ao trabalhador uma postura crítica e científica de sua prática social, pois não leva a uma reflexão crítica. A educação para o trabalho não se esgota no desenvolvimento de habilidades técnicas que tornem o operário capaz de desempenhar sua tarefa no trabalho dividido, e sim objetiva a constituição do trabalhador enquanto operário, o que significa a sua acomodação ao modo capitalista de produção.

O aprendizado no trabalho (treinamento), com a orientação do instrutor, é a principal forma de aquisição do conteúdo do trabalho na empresa. Os mecanismos acionados pelas empresas para formar ou treinar o trabalhador para a função que vai desempenhar se constituem muitas vezes numa poderosa forma de controle do acesso ao saber.

A Teoria do Capital Humano (Friqotto , 1991, p. 42) diz que existe uma correlação entre o crescimento econômico, distribuição de renda e nível educacional; e ainda, que as diferenças entre renda pessoal e produtividade estão de acordo com o nível de educação do indivíduo. Assim, as habilidades e conhecimentos individuais são um capital que lhe rende benefícios econômicos. Além desses fatores mencionados, são considerados

também para efeito de cálculos e pagamento de salários, o cargo ocupado, a tecnologia utilizada e a divisão técnica do trabalho.

Com o crescente aumento da competitividade a nível mercadológico, surge a necessidade de se preparar ou qualificar os trabalhadores. Assim, as despesas com a educação entram na esfera dos valores a despendar para a produção da força do trabalho e adquire o caráter de investimento (pressupondo o retorno em forma de lucro). O investimento é feito em nome do desenvolvimento da nação, da sociedade, por isso o Estado financia , mas quem lucra é o empresário capitalista que emprega a força de trabalho "qualificada ".

O princípio de remuneração , segundo os níveis de qualificação, significa que o capital valoriza o saber teórico sobre o prático, a iniciativa e criatividade sobre a automatização , a independência sobre a submissão, o planejamento sobre a execução, o exercício do controle externo sobre a capacidade de obedecer às normas estabelecidas.

Segundo Paiva (1985 , p. 47),existem quatro grandes correntes que se ocupam das tendências de qualificação média da força de trabalho no capitalismo contemporâneo.

1- TESE DA DESQUALIFICAÇÃO - o capitalismo mantém as características da transição do artesanato à manufatura, provocando uma desqualificação progressiva;

2- TESE DA REQUALIFICAÇÃO -a automação vai exigir a elevação da qualificação média da força de trabalho;

3- **TESE DA POLARIZAÇÃO DAS QUALIFICAÇÕES** - o capitalismo moderno necessita de um pequeno número de trabalhadores qualificados e a grande massa desqualificada;

4- **TESE DA QUALIFICAÇÃO ABSOLUTA E DESQUALIFICAÇÃO RELATIVA** - o capitalismo moderno necessita de trabalhadores mais qualificados em termos absolutos (qualificação média se eleva) , mas a qualificação relativa se reduz em comparação com épocas pretéritas, considerando-se o nível de conhecimentos socialmente disponíveis .

O presente trabalho considera que a tecnologia e a automação levam a uma necessidade do trabalhador em aprimorar-se, contribuindo assim para um enriquecimento dele, concordando com a tese da requalificação.

É importante salientar que a qualificação pressupõe dois tipos de intervenções educacionais: uma delas se refere à **formação profissional** ou à aprendizagem de uma profissão, com o desenvolvimento das habilidades e a aquisição de conhecimentos necessários para o desempenho das atividades relacionadas à profissão; a outra se refere à **educação permanente ou reciclagem**, que visa suprir as necessidades de atualização e acompanhamento das inovações tecnológicas que surgem no mercado.

AS RELAÇÕES EDUCAÇÃO E TRABALHO NO BRASIL

A educação pode ser compreendida como o processo pelo qual a sociedade forma os seus membros, ou ainda, como a formação do homem pela sociedade.

Considerando que as relações sociais e culturais de uma sociedade estão diretamente relacionadas à sua economia ou ao seu modo de produção, podemos afirmar que a educação pode assumir dois papéis dentro da sociedade: pode reproduzi-la em um momento, visando sua manutenção ou perpetuação, ou formar o pensamento crítico de forma que a questionem e a transformem.

Para compreendermos melhor as relações entre educação e trabalho no Brasil, faz-se necessário retroagirmos no tempo, para termos uma visão do desenvolvimento desta interação até os nossos dias.

A economia brasileira pode ser dividida em três períodos, ou seja, o período de 1550 a 1930 onde imperava o modelo agro-exportador; o período de 1930-1960 onde ocorreu a substituição das importações e o impulso à indústria nacional; e o de 1960 a 1992 que se caracterizou pela internacionalização do mercado.

Nos sécs. XVI e XVII, a educação brasileira foi marcada pela origem colonial transplantada da cultura europeia e de atuação da Igreja. Os jesuítas, durante a colonização, já tinham dois tipos de escolas (sendo a educação dual): uma delas era a escola para o povo, que ensinava a ler e escrever, enquanto a outra eram os colégios para as elites dominantes, que possuíam um currículo mais elaborado e genérico.

No Séc. XVIII e XIX, a vertente religiosa era representada pela pedagogia católica e a vertente leiga, pelo positivismo de Herbart, Pestalozzi e Rousseau.

Em meados do séc. XIX e início do séc.XX, houve algumas tendências na escola formal como o enciclopedismo (ciência e humanismo), reformas de ensino, e o otimismo pedagógico. Dentre estas reformas, podemos citar a Reforma Antônio Carlos, de 1841 , que dava supremacia aos estudos literários; a Reforma de 1854 , que regulamentou a introdução de disciplinas científicas nos currículos; a de 1862, que retomou a orientação literária , a de 1882, com Rui Barbosa, que propôs a diferenciação do ensino médio (porém não foi aprovada na época) e a de 1890, ou de Benjamim Constant, que conciliou as duas tendências e introduziu disciplinas científicas, acrescidas às disciplinas humanistas, formando assim o currículo enciclopédico.

Percebe-se que, neste período, a escola tradicional e formal não possuía o objetivo de preparar mão-de-obra ou formar profissionais para o trabalho, uma vez que não havia uma exigência tecnológica de qualificação dos trabalhadores. A educação assumia o caráter de consolidar o poder religioso e a supremacia da elite, estabelecendo currículos enciclopédicos e/ou científicos.

Paralelamente à escola formal, em 1800 , o ensino profissionalizante no Brasil começou a se desenvolver , com a criação dos Arsenais de Guerra. Naquela época, havia uma mescla de objetivos sociais e econômicos para a formação de aprendizes, vista como obra social para os pobres.

Em 1857, foi regulamentado o funcionamento das Companhias de Aprendizes de Menores dos Arsenais da Marinha do

Rio de Janeiro. No período de 1840 a 1865, foram fundadas dez casas de menores artífices em cada província, organizadas por entidades privadas, com subsídios governamentais, que educavam órfãos ou desvalidos. Em 1858, foi criado o Liceu de Artes e Ofícios no Rio de Janeiro; em 1872, na Bahia e em 1882, em São Paulo.

Percebe-se que o direcionamento para essas iniciativas possuíam mais um caráter filantrópico do que realmente uma preocupação de cunho social envolvendo o reconhecimento da necessidade de formar trabalhadores.

Durante a Primeira República, com a expansão da rede escolar tradicional, o país vislumbrou a possibilidade de acelerar seu crescimento econômico e social. Houve um entusiasmo pela educação, entendida como meio para alcançar este objetivo. As discussões se intensificaram e houve algumas reformas. Através do ensino secundário, legitimaram-se as diferenças sociais instituídas pelo modo de produzir a vida social e forneceram-se as credenciais para a ocupação de certos postos na hierarquia do trabalho.

A sociedade necessitava, então, de profissionais qualificados, e a escola deveria cumprir o papel de formá-los.

Nesta época, foram instaladas as estradas de ferro em São Paulo e em 1874 a Escola Politécnica, também em São Paulo.

Em 1909, duas décadas após a proclamação da República, o governo federal, através do então presidente da República Dr. Nilo Pecanha, criou uma rede de 19 escolas de aprendizes

artífices, distribuídas pelas diferentes Unidades Federativas da União; pela lei, o ensino profissionalizante era destinado aos pobres.

Na época, houve grande resistência para aceitar o ensino profissionalizante por parte da sociedade, tipicamente agrária, pois faltava a perspectiva do desenvolvimento industrial do país, que somente começaria a se processar a partir da Revolução de 30 e, principalmente, após a II Guerra Mundial. Essa resistência se manteve por algum tempo e, 12 anos após, o deputado Fidélis Reis lutou para que o ensino técnico no país fosse obrigatório, mas foi derrotado pela mentalidade predominante na época que privilegiava o ensino clássico e acadêmico.

Não obstante, a constituição dessa rede escolar foi aos poucos adquirindo contornos mais nítidos, configurando as bases do nosso ensino industrial, evoluindo ao longo dos anos por meio de mudanças e reformas já a partir de 1919.

De 1905-1929 as humanidades literárias competiam com as disciplinas científicas, havendo uma dualidade educacional. Os debates não eram suficientes para provocar mudanças substanciais na estrutura do ensino, pois o secundário constituía o sustentáculo principal da manutenção da dualidade educacional que era produto da própria estrutura social do país, em decorrência da profunda segmentação social. Em 1926, o ensino profissional organizava-se à parte, não dando acesso à escola superior.

Nos anos 30 , houve uma situação de crise mundial, pois a guerra mundial acarretou uma crise nas exportações do café, e o Brasil se viu obrigado a adotar a industrialização como forma alternativa de equilibrar sua balança comercial e atender às demandas do mercado interno.

Assim, em 1930, com a Revolução, houve um rompimento com o modelo agrário-exportador, e ascendeu o urbano e o industrial. Getúlio Vargas assumiu e durante este período instituiu a Consolidação das Leis do Trabalho e o Ministério do Trabalho. Surgiram então as bases sindicais e, no ambiente da fábrica, a seção de pessoal e o chefe de pessoal. Era o esforço para acompanhar o tecnicismo tão em voga no exterior.

De 1931 -1937 ocorreram diversos debates entre católicos e liberais e se conseguiu um certo equilíbrio .Em 1931, foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública que instituiu o ensino primário obrigatório no país , e também foi criada a Inspetoria de Ensino Profissional. Foi implantado em definitivo a seriação no ensino secundário e a fiscalização sistemática das escolas passou a ser constante.

Com o Estado Novo, o ministro Gustavo Capanema , através de incentivo ao ensino técnico, conseguiu um aumento no número de matrículas em escolas técnicas, porém estas escolas ainda eram consideradas como " ensino de segunda classe".

Em 1939 houve a XXV Conferência Internacional do Trabalho, onde se tratou pela primeira vez do ensino técnico e profissionalizante e da aprendizagem. Com isso, aumentou a

pressão para que se incentivasse a formação de mão-de-obra técnica qualificada no Brasil , que se encontrava em franca fase de desenvolvimento .

O presidente Getúlio Vargas nomeou uma comissão de representantes dos industriários para prepararem um documento que instituísse o ensino obrigatório e a preparação de mão-de-obra , mas queria que a manutenção do programa ficasse sob a responsabilidade das indústrias. Esse documento foi elaborado e encaminhado ao Ministério do Trabalho.

Em 1940, foi criada a Lei Orgânica do Ensino secundário que marcou socialmente o privilégio da classe industriária. A partir de 1942, a Lei Orgânica do Ensino Industrial transformou as escolas que o formavam , unificou o ensino industrial no país e promoveu o ensino de ofícios manufatureiros a nível de II grau. A partir de então, surgem as Escolas Técnicas como uma nova fase do sistema iniciado por Nilo Peçanha.

As mudanças introduzidas por esta Lei tinham dois objetivos principais: o atendimento às mutações tecnológicas do setor industrial e a equivalência do ensino profissional com o acadêmico. A persecução desses dois objetivos passou a orientar as transformações que se sucederam.

Assim, o governo estabeleceu as bases do SENAI em atenção ao primeiro objetivo, em 1942, ocasião em que foram criadas as Escolas Técnicas de Química , a Escola Técnica Nacional, no antigo Distrito Federal, e a Escola Técnica de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Posteriormente, em 1944, surgiu a

Escola Técnica de Ouro Preto, em Minas Gerais.

Quanto ao segundo objetivo - a equivalência do ensino profissionalizante com o acadêmico - somente em 1961 foi alcançado, pela Lei no. 4 024/61, permitindo aos egressos do ensino profissionalizante o amplo acesso às Universidades, o que era legalmente impossível.

Apesar da proposta e do discurso de integração destas escolas para a formação profissional com a escola formal tradicional, as primeiras continuavam atendendo às camadas populares e sendo consideradas como de "segunda categoria", enquanto a outra atendia à elite dominante.

Em 1971 a Lei no. 5 692 e o Parecer 45 instituíram as habilitações básicas e criaram dez diferenciações do segundo grau. Em 1982 a Lei no. 7044 eliminou o caráter compulsório e universal da profissionalização, tornando-a facultativa.

A Lei n. 6297/75, que dispunha sobre a dedução tributável do dobro das despesas realizadas em projetos de formação profissional para fins de imposto de renda de pessoas jurídicas, fez com que várias empresas e instituições formassem centros de treinamento no local de trabalho, se utilizando, dessa forma, dos benefícios advindos desta lei.

A transferência da responsabilidade pela educação para o interior da produção revela que a escola tradicional e formal capitalista, sob o risco de negar o próprio contexto em que se situa, ainda não assumiu a vinculação (em termos de tempo e espaço) da difusão de conhecimentos necessários a realização do

trabalho ou à formação e qualificação profissional.

Por outro lado, o ensino no local de trabalho diretamente articulado com a produção tem evidenciado maior poder de consecução da tarefa de transmissão dos conhecimentos específicos ao desempenho de certas funções produtivas.

A partir de 1991 ,o ANO NACIONAL DA QUALIDADE , o Brasil abriu o mercado para a entrada de empresas multinacionais, facilitando as importações .Assim, a eficiência, competitividade, eficácia, produtividade, negociação e qualidade foram exigidos.

No início, essa situação ameaçou as empresas brasileiras, mas posteriormente, representou a chance de se desenvolverem para competir no mercado internacional.Descobriu-se que se não tivermos trabalhadores qualificados, não poderemos ter produtos de qualidade.

Diante das novas exigências tecnológicas do mercado, faz-se necessário redirecionar as escolas para o desenvolvimento e a formação de , não apenas de profissionais, mas de cidadãos melhor qualificados.

Este desafio passou a se constituir o principal objetivo do **SENAI -Sistema Nacional de Aprendizagem Industrial** .

Capítulo 3 - AS RELAÇÕES DE PODER

é importante, em um estudo onde se discute as relações de poder, que fique bem claro o que aqui estamos entendendo por poder. A literatura nos indica diversas definições e dentre elas destacamos:

Para Coradi (1986, p. 268)

PODER , como substantivo pode significar : 1- capacidade ou faculdade natural de agir; 2- faculdade moral ou legal, direito de fazer qualquer coisa; 3- autoridade. Já como verbo, pode significar : 1- ter força física; 2- ter vontade, disposição; 3- ter possibilidade; 4- dispor de direito; 5- dispor de autoridade concreta; 6- dispor de influência, manipulação , e contar com o domínio; 7- ter a posse; 8- vontade e domínio.

Das várias definições de poder identificadas, consideramos como a mais adequada ao nosso estudo pelo fato de apresentar de forma clara a principal característica do poder nas relações interpessoais, a apresentada por Max Weber (1864-1920 apud Coradi, 1985, p. 81) , que considerava " o poder é a possibilidade de alguém impor sua vontade sobre o comportamento de outras pessoas ou grupos".

É necessário considerarmos também , quais são as fontes de onde este poder provém.

Platão(apud Coradi, op. cit. p.164), considerava o poder como um motivo autônomo; McClelland (apud Coradi op. cit.p. 164) acreditava que o ser humano possui três necessidades básicas: a de realização, a de poder e a de afiliação. Para ele, a necessidade de poder se expressava através da vontade da pessoa manter o controle dos meios de influenciar outras pessoas, coisas ou sistemas.

Percebe-se diversos enfoques, onde alguns colocam o poder como necessidade ou característica intrínseca do ser humano, enquanto outros o colocam como resposta do homem decorrente das relações sociais de que participa.

French & Raven (apud Moscovici, 1985, p. 103), como representantes da Psicologia Social, nos apresentam " seis bases principais de poder , que são:

- 1- poder legítimo (autoridade);
- 2- de coerção;
- 3- de recompensa
- 4- de referência , de identificação ou carismático ;
- 5-de conhecimento ou de perito e
- 6- de informação."

Estes autores situam o poder contextualmente, sendo um fator externo ao ser humano e decorrente das relações que a pessoa mantém em um grupo.

Para o nosso trabalho escolhemos as abordagens de Galbraith e de Tofler por estas apresentarem as fontes de poder como fatores que podem tanto ser individuais como sócio-interacionais.

Para Galbraith (1986,p.6) existem três fontes básicas de poder, que são : **a personalidade, a propriedade e a**

organização. Ele faz uma relação entre estas três fontes de poder e os três instrumentos para utilizá-lo, que são os poderes condigno, compensatório e condicionado.

Tofler (1990, p. 38) nos apresenta, em sua teoria, três fontes de poder, que são: **a violência ou a força, o dinheiro ou a propriedade e a cultura ou o conhecimento.** Diz ainda que estas três fontes são classificadas quanto à sua qualidade, sendo que a violência é considerada uma fonte de poder de baixa qualidade, a propriedade, uma fonte de poder de qualidade média e a cultura ou conhecimento, uma fonte de alta qualidade. Isto decorre do fato de que o conhecimento não acaba, é infinitamente ampliável e a mais democrática fonte de poder. O poder do conhecimento é de alta qualidade porque significa e implica eficiência, e pode ser usado para punir, premiar, persuadir e até transformar.

Percebe-se que, historicamente, houve uma evolução na ênfase do poder advindo destas fontes, sendo que antes havia predominância da força física ou violência, que evoluiu para a propriedade e atualmente o conhecimento é a essência da tríade do poder, e por isso, a batalha pelo controle do conhecimento, informação e meios de comunicação estão ocupando lugares privilegiados em nossa sociedade.

Uma vez apresentadas as fontes de poder, passaremos a abordar aspectos relacionados mais à sua dinâmica.

As relações de poder são inerentes a toda e qualquer relação. Estão presentes no processo educativo e, neste campo, tanto influenciam a nível macro (sociedade-cultura-escola),

como a nível micro (escola-professor-aluno).

As relações de poder são recíprocas, têm um aspecto descritivo e normativo, repousam num presumido conflito de interesses e pré-existem às pessoas particulares que vêm ocupar a relação.

Para Burbules (1985, p. 21) o poder e as lutas de poder são consequências de conflitos subjacentes entre interesses humanos. O poder está latente nas estruturas de ideologia, autoridade e organização.

Consideramos como conflito a relação onde predominam as divergências entre duas partes com interesses ou necessidades antagónicas .

Dependendo da maneira como estes conflitos são conduzidos pelo grupo, podem levar a situações distintas, desde a harmonização, a acomodação até ao confronto ou desintegração do próprio grupo.

As relações sociais assumem um significado de poder porque as relações de poder suprimem, encobrem, conservam ou negam conflitos de interesses.

Uma teoria do poder requer uma forma de identificar aonde residem os interesses pessoais. As relações de poder são sempre uma recíproca , sendo ainda relações de autonomia e dependência.

Para Galbraith (1986 ,p. 4) existem três instrumentos básicos no exercício do poder: o poder condigno, o poder compensatório e o poder condicionado. O poder condigno obtém submissão

infligindo ou ameaçando conseqüências adequadamente adversas e o poder compensatório conquista submissão oferecendo uma recompensa positiva; o poder condicionado é exercido mediante a mudança de uma convicção ou crença.

Os dois primeiros possuem em comum o fato da pessoa se submeter conscientemente a eles, sendo que são objetivos. Já o poder condicionado é subjetivo, é conquistado através da educação e dos meios de comunicação de massa.

O exercício do poder condigno e do compensatório é graduado conforme a urgência, amplitude, importância e dificuldade da submissão pretendida.

É importante observarmos que as diferenças no exercício do poder são diferenças de grau na utilização de cada um desses três poderes.

A concepção relacional do poder diz que o poder é uma relação tornada mais ou menos necessária pelas circunstâncias, sob as quais as pessoas se reúnem. Nas relações de poder existe usualmente uma tensão entre consentimento e resistência que gera duas conseqüências :1-as alternativas do agente em vantagem são limitadas pela relação; 2-o agente em vantagem depende do envolvimento, cúmplice do agente em desvantagem e assim deve ceder ao outro uma área de autonomia e resistência.

Para Burbules(op. cit.), as relações de poder podem resolver os conflitos assumindo diversos caracteres, podendo ser consensual, de dominação/submissão ou de resistência.

A dominação começa com uma incompatibilidade de interesses, corrói a autonomia, representa um desprezo pelas pessoas e pelos valores humanos. Pressupõe ausência da mínima aquiescência ou consentimento por parte da vítima, tende a destruir as relações sociais.

A submissão se caracteriza por relações onde as pessoas cooperam com as exigências ou expectativas de outros, seja por ação ou por inação. Pode ser uma resposta a ameaça explícita ou implícita e aproxima-se da dominação. É assegurada por uma relação de troca, seja de incentivo econômico ou de acordo social.

A primeira reação lógica ao poder é procurar limitar ou impedir o seu exercício. Quase toda a manifestação de poder induzirá uma manifestação oposta, um esforço para resistir a essa submissão. Há uma simetria substancial entre a maneira pela qual o poder se amplia e aquela pela qual é afrontado.

A resistência parte de uma relação onde o conflito, o acordo e a submissão eventuais estão em fluxo e refluxo. A tensão entre a submissão e resistência é a forma que toma a maior parte das interações humanas. É sempre a possibilidade, uma vez que aquilo que é oferecido pode ser retirado; ou a pessoa se recusa a agir cooperativamente, ou age de uma forma antagônica e contestatória.

O poder está presente no conjunto de relações da vida social, e também no ato de ensinar se exerce um ato de poder. Assim, o conhecimento, a educação e o ato de ensinar são

diferentes formas de poder.

Nenhuma organização pode funcionar sem alguma consolidação das relações de poder que se estabelecem entre uma figura central e o grupo por ele selecionado. Quando isto não ocorre, podem dar-se problemas como a incapacidade de tomar decisões e avaliar o desempenho, ocorrência de lutas internas e rivalidades declaradas no grupo executivo.

A ascensão da organização é visível com o deslocamento das fontes do poder da personalidade e da propriedade para a organização, houve uma acentuada redução da eficácia relativa do poder compensatório e um aumento no exercício do poder condicionado.

Para Galbraith (op. cit., p. 8) , a organização como fonte do poder apresenta três características, que são : 1- a força e a confiabilidade do seu poder externo dependem da profundidade e firmeza da submissão interna , sendo a organização forte quando tem acesso eficaz a todos os três instrumentos de coerção (punição condigna, compensação e condicionamento); 2- intensidade da sua associação com as duas outras fontes do poder e seu acesso aos três instrumentos de imposição e 3- a diversidade ou concentração de seus objetivos.

Segundo Zalesnick & Devries (1981, p. 10) existe uma necessidade do ocupante de uma posição utilizar todo o poder que o cargo confere. A capitalização que fundamenta a base de poder de uma pessoa é constituída por três elementos, que são o volume de autoridade formal, a autoridade (habilidades profissionais e

de competência) e a atração exercida pela personalidade.

Como acontecimento político, o planejamento organizacional compõe-se de uma série de contradições. Ele constitui um exercício de racionalidade, mas sua energia provém de idéias que se formam na mente das pessoas revestidas de poder, cujos conteúdos e origens só obscuramente se percebem. Ele trata das fontes e da distribuição da autoridade, mas depende da existência de um equilíbrio de poder nas mãos de alguém que inicia e movimenta o planejamento organizacional em seus vários estágios.

Na escola, aparece essa questão em diversos níveis. Em relação aos assuntos administrativos, existe certa clareza quanto a metas, objetivos e decisões a serem tomadas, mas no que se refere a assuntos pedagógicos, a questão do poder se encontra mais velada e mais estreitamente relacionada com a da competência.

Há uma série de rituais associados ao planejamento organizacional e o resultado real é a consolidação do poder em torno de uma figura central, com a qual outras pessoas ligam-se emocionalmente.

As instituições educacionais podem assumir tanto o papel de cúmplices na perpetuação do problema, quanto o papel de canais para transformação.

Giroux (1983, p.93) diz que a escola representa uma arena de contestação e de luta entre grupos econômicos e sociais diferencialmente investidos de poder. Young (apud Knowles, op.

cit. p.49) afirma que aquilo que é considerado conhecimento em qualquer sociedade, escola ou espaço social, pressupõe e constitui específicas relações de poder.

As teorias da reprodução analisam como a escola usa seus recursos materiais e ideológicos para reproduzir as relações sociais e as atitudes necessárias para manter as divisões sociais do trabalho (essenciais para as relações de produção existentes).

Bowles e Gintis(in Chatelet, 1990, p. 32) propõem a teoria da correspondência, onde as habilidades, normas, padrões de valores estruturados hierarquicamente é que caracterizam a força de trabalho e a dinâmica da interação de classe sob o capitalismo e estes são refletidos na dinâmica social do encontro diário da sala de aula. A escola torna-se reprodutivista da ideologia capitalista.

Segundo Abreu (1990, p. 119) , o conceito de resistência é o ponto de partida para redefinir a importância do poder, da ideologia e da cultura no entendimento das relações entre escolarização e sociedade .Para o desenvolvimento de seu trabalho, utilizou os seguintes autores como embasamento teórico :Willis, 1977; Apple e King, 1983; Giroux, 1986 e Arnot, 1981.

Apontando lacunas e tensões nas escolas, os autores acima citados demonstram que os mecanismos de reprodução cultural e social encontram elementos de oposição e contestação mais ou menos conscientes.As teorias de resistência enfatizam a necessidade de combinar o estudo de classe e cultura para

desenvolver uma política cultural. Numa visão dialética, mostram que as próprias ideologias dominantes são contraditórias, assim como os diferentes grupos que detêm o poder, as instituições que os mantêm e os grupos que a eles se subordinam.

A resistência pode ocorrer com atos explícitos ou com comportamentos de oposição sutis e latentes. Há uma natureza contraditória na resistência, dos indivíduos e das condições em que ela é produzida.

A dominação nunca é vista como um processo estático e acabado, e sim numa visão dialética do poder. As concepções de resistência estão associadas a uma perspectiva positiva em relação ao papel da escola e dos agentes educacionais na luta pela transformação da sociedade.

O poder também é inerente à habilidade de manter uma situação existente sem mudança. O privilégio é também uma expressão de poder quando chega a ser visto como natural, tanto pelo privilegiado quanto pelo não privilegiado. O privilégio significa ser capaz de fazer ou ter coisas particulares. Poder preventivo significa o controle visando restringir ou evitar debate ou ação que venha a trazer mudanças que não interessam à situação.

Para Faviani (1984, p. 89), a dimensão essencialmente política da educação reside no poder de equilíbrio que ela pode estabelecer entre os grupos sociais quando exercido e compreendido como um direito à igualdade de condição de todos os homens.

Educar é um processo essencialmente relacional, que se efetiva pela interação entre o educador e o educando. Existem quatro elementos no ato de ensinar, que são o professor, a matéria, o processo de ensinar e o aluno. As relações de poder ocorrem na interação entre professor e aluno, lidando entre si e com os outros elementos .

Podemos descrever os três círculos básicos onde pode ocorrer a ação participativa ou a conduta democrática:

- O círculo da sala de aula onde o professor tem seu próprio espaço de responsabilidade;
- O círculo da escola como instituição de caráter social;
- o círculo da própria sociedade dentro da qual a escola e a sala de aula produzem e recebem influências.

Para Stephens (1974, p. 84), os papéis de professor e aluno são diferentes. O que os diferencia basicamente é o poder do professor para avaliar o aluno, o seu conhecimento do assunto e a sua habilidade para ajudar alunos a aprenderem . O professor também aprende com o aluno.

A relação do professor e aluno na sala de aula é uma forma elementar de interação entre as duas forças existentes na sala de aula. É o que determina as atitudes de simpatia ou hostilidade, interesse ou indiferença. O professor é o guia, orientador no caminho da aprendizagem de seus alunos. É quem fixa metas , acompanha e avalia. Quanto mais eficiente e competente for, mais aceito e poderoso será, como exemplo a ser seguido e admirado. Deve ter como objetivo fazer um aluno feliz

e, na medida do possível, realizado. A função dele é levar os alunos a reconhecerem sua autoridade na situação didática, como aquele a quem cabe a direção técnica da aprendizagem.

O jogo de influência entre o professor e o aluno é mútuo, e se evidencia quando surgem as simpatias/antipatias. As simpatias e antipatias são sentimentos que expressam nossa avaliação de algo. Geralmente gostamos quando sentimos que nos aprovam, elogiam e se interessam, e não gostamos do que nos inibe, rejeita e desestimula.

Segundo Abreu, (1990, p. 122), existem algumas situações em que o professor assume certas atitudes ou posturas diante dos alunos para demonstrar o seu poder sobre eles, e dentre elas podemos citar:

" -Adoção do livro didático;

-Programação prévia dos assuntos e atividades - o ponto de partida deve ser a prática social dos educandos.

-Atitudes no tratamento pessoal com alunos- respeitar o ritmo de cada um, que é individual e único;

-Emprego de métodos de ensino - métodos de ensino mecânico de aprendizagem leva aluno a não desenvolver seu raciocínio ou criatividade. O professor deve ser empático, capaz de conhecer e compreender seus alunos;

-A avaliação da aprendizagem é o feed-back de todo um processo de ensinar e aprender, que culmina como produto da aprendizagem do aluno, entendida como a modificação ou transformação de seu comportamento para o fim que lhe foi inicialmente proposto."

A avaliação é uma faca de dois gumes, pois de um lado verifica-se o que o aluno aprendeu ou deixou de aprender, e por outro, avalia-se também o trabalho do professor.

A dominação, a opressão, o poder professoral é colocado em evidência, manifestando-se através dos instrumentos falhos e unilaterais de sua avaliação.

O professor é o condutor do processo, mesmo que não imponha, é o que dirige, o que propõe e justifica tarefas e tem a responsabilidade de avaliá-las. Mesmo numa proposta democrática de educação, e participativa também, há a presença do professor, de normas, da autoridade constituída. O que não se pode permitir é a presença do poder repressivo e/ou coercitivo.

Para Almeida (1985, p. 62), a escola pode ser considerada como instrumento de reprodução do modo de ser da sociedade onde o professor exerce uma postura de autoridade.

Sabe-se que a prática da educação sempre tende a legitimar a própria sociedade que a originou. Os conhecimentos produzidos no mundo visam a atender os interesses do poder.

O poder, a força e a autoridade não provêm de nenhum ente superior, mas da vontade e das condições reais e históricas dos povos e dos interesses que dirigem os grupos. É importante lembrar que a democracia não exclui a existência da autoridade e das normas.

A função específica do professor é a de ensinar. O ensino consiste na transmissão de conhecimentos de informações e esclarecimentos. O ensino é um procedimento pedagógico que visa o

que é bom, útil e necessário à educação.

Existem papéis diferentes e complementares e atitudes que geram comportamentos como respostas, e estes tanto ocorrem com professores como com alunos -- a díade fundamental do processo ensino-aprendizagem.

Assim, tanto professores exercem seu poder ao adotarem uma abordagem teórica, ao optarem por uma metodologia em detrimento de outra, ao planejarem e avaliarem, quanto os alunos também exercem seu poder ao optarem por se submeterem, resistirem, consentirem, ou até dominarem o professor com suas atitudes e comportamentos.

O importante para compreendermos essa relação de poder é termos em mente duas coisas:

1--Os dois elementos da díade possuem poder, e seus papéis são complementares;

2--Devemos observar como ocorre a dinâmica desta interação, pois existem diversas maneiras de se ensinar e aprender, o que diferencia é exatamente a maneira como o processo é conduzido por ambas as partes.

Esta maneira de como são exercidos os poderes no processo ensino-aprendizagem, é o que será perseguida para compreendermos as relações de poder entre professor e aluno neste estudo.

Capítulo 4 -O SENAI

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

O SENAI , objeto deste estudo, será aqui apresentado quando a sua história, objetivos , estrutura e atuação.*

Existem algumas versões acerca de sua criação .Uma delas diz que sua criação teve seu maior impulso na ação de líderes da indústria (Euvaldo Lodi e Roberto Simonsen), enquanto outras já defendem a idéia de que ela fluiu a partir da ação governamental, uma vez que a diretriz adotada no anteprojeto era estatizante , estando o sistema preso ao poder público e os empregadores representando a minoria.

A história do SENAI está intimamente vinculada ao Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional- CFESP, fundado em 1934, englobando várias companhias de ferrovias, que teve como antecessor o curso de mecânico prático do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, criado em 1934.

* Os dados referentes ao SENAI foram retirados de obras editadas pelo SENAI e elaboradas pelos seguintes autores:Lopes(1982), Alcântara(1991), Barradas(1987), Nascimento (1986) , DFF (1989), Romizowski (1990).

Roberto Mange, que veio da Suíça para o Brasil, introduziu métodos científicos na aprendizagem profissional nas escolas de São Paulo, seguindo um modelo europeu. Esse modelo foi implantado na CFESP e foi seguido pelo SENAI. Este centro tanto inspirou o Plano de Preparação Profissional de emergência para a mão-de-obra industrial, como também o treinamento de dirigentes e técnicos do SENAI.

Como cita Lopes(1982), para Roberto Mange

... A missão do SENAI não pode ser exclusivamente de natureza técnica. Não se trata simplesmente do problema da formação profissional do trabalhador, mas de uma ação educativa de sentido muito mais amplo e elevado, visando acima de tudo, formar o cidadão, isto é, fazer do aprendiz um homem íntegro, moral, física e profissionalmente falando, cioso das prerrogativas inerentes a sua dignidade de pessoa humana e consciente de sua responsabilidade pessoal e profissional com a coletividade .(p. 32)

Alcântara (1991, p. 24) considera como razões básicas que motivaram a criação do SENAI:

- a necessidade premente de mão-de-obra qualificada para atender ao surto de industrialização, principalmente em decorrência da Segunda Guerra Mundial;

- as mudanças tecnológicas que impunham flexibilidade na qualificação de recursos humanos para a indústria e que só funcionariam se fossem agregadas às indústrias em sistemas de cooperativas, visando levantar as reais necessidades da mão-de-obra e programar sua formação;

- o sistema de aprendizagem remunerada , que revelava-se como uma experiência válida, e que possivelmente poderia ser aproveitada (segundo o exemplo das empresas ferroviárias, a partir de 1930);

- o fato de que os cursos industriais básicos que havia na época não atendiam às necessidades da indústria;

- as vantagens oferecidas pela experiência do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional demonstravam a excelência de uma instituição especializada na preparação de seu pessoal, administrada e mantida pelas próprias empresas e indicavam, ainda, a possibilidade do problema ser resolvido com um sentido mais amplo de valorização de recursos humanos para o desenvolvimento.

Além dos fatores externos, houve todo um direcionamento por parte do governo para a criação do SENAI. A Constituição de 1937 continha o Decreto-Lei n.º 1238 que designava as empresas industriais a proporcionarem a aprendizagem e o ensino profissional aos menores, filhos de seus empregados. Em 1940, foi aprovado o regulamento para a instalação e funcionamento dos cursos profissionais, com isso, o governo tentava implantar a aprendizagem industrial obrigatória às empresas. Em 1941 Getúlio Vargas nomeou Euvaldo Lodi e Roberto Simonsen para melhorarem o Decreto n.º 6029, que se referia a obrigatoriedade das empresas formarem mão-de-obra para a indústria .

Todos esses fatos convergiram para a criação do SENAI, como entidade organizada e dirigida pela Confederação Nacional da

Indústria , com o propósito de formar, aperfeiçoar e especializar mão-de-obra para o setor secundário da economia .

Esse Decreto-Lei instituía a Lei Orgânica do Ensino Industrial e já incluía algumas modificações implantadas pela participação de Euvaldo Lodi e Roberto Simonsen, que se referiam ao fato de que, além do custeio do programa ficar a cargo dos industriários, o controle do sistema seria feito pela Confederação Nacional da Indústria, e não mais pelos ministérios, como era a proposta inicial.

Segundo Alcântara (1991, p.20) , o SENAI foi criado com os seguintes objetivos:

-Realizar, em escolas instaladas e mantidas pela Instituição, ou sob forma de cooperação, a aprendizagem industrial a que estão obrigadas as empresas de categorias econômicas sob sua jurisdição, nos termos do dispositivo constitucional e da legislação ordinária;

-Assistir aos empregados na elaboração e execução de programas gerais de treinamento de pessoal dos diversos níveis de qualificação e na realização de aprendizagem metódica ministrada no próprio emprego;

--Proporcionar aos trabalhadores, maiores de 18 anos, a oportunidade de completar, em cursos de curta duração, a formação profissional parcialmente adquirida no local de trabalho;

-Conceder bolsas de estudo e de aperfeiçoamento ao pessoal de direção e a empregados de excepcional valor das empresas contribuintes, bem como a professores, instrutores, administradores e servidores do próprio SENAI;

-Cooperar no desenvolvimento de pesquisas tecnológicas de interesse para a indústria e atividades assemelhadas.

A criação do SENAI representou um passo na evolução da profissionalização brasileira, no sentido de integrar escola e indústria, reforçando:

- a preparação metódica do aprendiz em Centros de Aprendizagem ;

- a obrigação dos empregadores de manterem como seus empregados determinada porcentagem de aprendizes e de assegurar-lhes treinamento nos citados Centros;

- a administração direta do Serviço de Aprendizagem pela própria indústria;

- uma grande descentralização na administração do serviço;

- seu custeio através de contribuição compulsória de uma porcentagem sobre as folhas de salário pago pelos empregadores;

- a possibilidade do empregador manter junto a sua empresa um Centro de Aprendizagem, de acordo com os padrões aprovados pelo SENAI.

Mesmo após sua criação, o SENAI continuou a ser influenciado pelo governo através de alterações legais. Em 1967 a Constituição obrigou as empresas a ministrarem aprendizagem a seus trabalhadores menores em cooperação. Em 1969 foi publicado o Decreto-lei n. 937, em 13 de outubro, que valorizava o ensino ministrado nos cursos de aprendizagem do SENAI e SENAC, beneficiando seus concluintes. Foi criado, também nessa data, o Programa Intensivo de Preparação de Mão-de-obra Industrial. Em 1974 o Decreto -Lei n. 6038 criou o Ministério do Trabalho e em

1976 o Decreto-Lei n. 77 362 criou o Sistema Nacional de Formação de Mão-de-Obra.

O SENAI HOJE, SUA ESTRUTURA

O SENAI é uma entidade de direito privado, organizada e administrada pela Confederação Nacional da Indústria.

Para a consecução dos seus objetivos, corporifica órgãos normativos e órgãos de administração de âmbito nacional e de âmbito regional.

Divide seus órgãos em normativos e de administração. Os órgãos normativos são o Conselho Nacional, com jurisdição em todo o país e os Conselhos Regionais, com jurisdição nas bases territoriais correspondentes. Os órgãos de administração são o Departamento Nacional, com jurisdições em todo o país, e os Departamentos Regionais, com jurisdição nas bases territoriais correspondentes.

A administração do SENAI é exercida de forma descentralizada, dando os Departamentos Regionais de ampla autonomia na operacionalização dos Planos de Ação compatibilizados com as diretrizes emanadas dos Conselhos Regionais, do Conselho Nacional e do Departamento Nacional.

Os recursos financeiros do SENAI provêm de uma contribuição compulsória estabelecida por lei, calculada sobre o montante da remuneração paga pelas empresas industriais a todos os empregados. São contribuintes do SENAI, além das empresas industriais, as de comunicações e as de pesca. Além dessa

contribuição prevista em lei, os recursos financeiros do SENAI podem provir de acordos, doações, subvenções, multas arrecadadas por infração de dispositivos legais e regulamentares, rendas oriundas de prestações de serviços e mutações patrimoniais, inclusive as de locação de bens de qualquer natureza, bem como de rendas eventuais.

Hoje a autonomia dos departamentos regionais é quase completa e se exerce ao fixar as suas ações, seus planos de trabalho, as suas linhas de ação. O controle e unificação dos sistemas continua apenas no setor orçamentário e contábil.

O SENAI, influenciado pelas doutrinas técnico-pedagógicas defendidas pela OIT (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO) e pela UNESCO -(Fundo das Nações Unidas para Educação Comunitária), evoluiu para um Sistema de Formação Profissional, que exige o comprometimento de todos que estão envolvidos no processo, participando e integrando-o. Seguindo esta linha, foram criados, posteriormente ao SENAI, sob a égide da Confederação Nacional da Indústria, o SESI- Serviço Social da Indústria em 1946, o IEL - Instituto Euvaldo Lodi, em 1969 e o DAMPI-Departamento de Assistência a Média e Pequena Indústria em 1969.

Dentro desta linha de cooperação e convênios, o SENAI possui ligações externas com o SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, com os diferentes Ministérios, Fundações e outras entidades do governo a nível nacional, com a OIT, com o CINTERFOR -Centro Interamericano de Investigação e

Documentação sobre Formação Profissional , bem como intercâmbios com sistemas estrangeiros congêneres , desenvolvendo programas de cooperação técnica bilateral com vários países como Equador, Peru, Colômbia, África.

O SENAI serviu de modelo para vários organismos similares em outros países como Colômbia (SENA), Venezuela, (THCE), Argentina (CONET), Chile (INACAP), Peru (SENATI), México (ARMO), Costa Rica (INA), Nicarágua (INA), Panamá (IFARLU), Equador (SECAF), Paraguai (SENFOR), República Dominicana (INFOIEP), entre outros.

O SENAI organiza seus programas através de quatro modalidades de ensino:

- **APRENDIZAGEM**, que atende uma clientela de 14 a 18 anos , com escolaridade mínima de 5ª série do 1º grau;
- **QUALIFICAÇÃO** , para operários da indústria maiores de 18 anos;
- **HABILITAÇÃO** , atendendo maiores de 18 anos, em cursos integrados com currículo de 2º. grau, de nível técnico e auxiliar técnico;
- **SUPRIMENTO** , que atende operários qualificados, supervisores e gerentes de empresas, visando aperfeiçoamento e reciclagem.

O SENAI atua em diferentes unidades operacionais, a saber:

- **CENTRO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL - CFP** - equipado para realizar cursos de formação profissional e programas de treinamento nas diferentes modalidades.

- **ESCOLA TÉCNICA -ET** - unidade de formação profissional que promove a habilitação profissional plena ou parcial de jovens e adultos, preparando-os para as atividades de técnico e auxiliar técnico industrial.
- **CENTRO DE TECNOLOGIA - CETEC** - estabelecimento de pesquisa tecnológica em áreas de interesse específico da indústria e do SENAI, também como escola técnica.
- **CENTRO DE TREINAMENTO - CT** - unidade de formação profissional destinada a atender as necessidades imediatas de treinamento de adultos, formação e treinamento de supervisores operando em cooperação com a área empresarial.
- **AGÊNCIA DE TREINAMENTO - AT** - escritório técnico instalado em municípios que exigem programas permanentes de formação ou treinamento nos próprios locais de trabalho.
- **UNIDADE DE TREINAMENTO OPERACIONAL - UTO** - unidade ligada a um Centro de Formação Profissional, destinada a desenvolver programas de treinamento operacional.
- **UNIDADE MOVEL - UM** - unidade operacional, de estrutura e equipamentos transportáveis, utilizada no desenvolvimento de cursos volantes ou treinamentos de curta duração.
- **CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DE PESSOAL - CEDEP** - unidade que objetiva desenvolver recursos humanos para o SENAI. A meta principal do SENAI é a Educação Integral de seus alunos, formar o homem para a vida e o profissional para o trabalho industrial.

Os métodos e técnicas são selecionados de acordo com objetivos, disciplina, alunos, recursos financeiros e de

pessoal disponíveis para a realização da atividade de formação profissional.

Para o SENAI, a metodologia deve se fundamentar nos princípios psicológicos que explicam e orientem o processo de ensino-aprendizagem.

O método de ensino é um instrumento de direção da aprendizagem e não apenas de transmissão de conhecimentos, com características próprias que o diferenciam dos demais, pois deve considerar tanto a estrutura lógica do conteúdo (a matéria) a ser compreendida pelos alunos como a estrutura psicobiológica de cada um. É um conjunto de passos que vão desde a apresentação da matéria até a avaliação da aprendizagem. O método organiza e sistematiza e a técnica faz executar as atividades com habilidade e de maneira eficiente e correta.

O processo de desenvolvimento cria a necessidade de inovar. Considera a formação profissional como um processo global de desenvolvimento de recursos humanos, capaz de promover as mudanças e impulsionar o progresso - centrado no perfil de um homem renovado, concebido como profissional, pessoa e cidadão, preparando o aluno não só para adaptar-se às mudanças, mas também para influir sobre estas, inovando, criando e melhorando as condições de trabalho.

A evolução das doutrinas técnico-pedagógicas defendidas pela OIT e pela UNESCO influenciaram o SENAI, de forma a descartar a formação exclusivamente para um posto de trabalho, dando lugar a uma formação mais ampla e integral, apoiado nos

princípios da educação permanente .O SENAI passou a caracterizar-se num contexto sistêmico de Formação Profissional.

Villas Boas (1982 , p. 11) se refere ao fato de que o SENAI e o SENAC - (Serviço Nacional do Comércio) adotaram alguns princípios de andragogia, inspirados em propostas da OIT especificamente utilizando o sistema modular de formação profissional . Este sistema consiste na oferta de currículos modulados com dificuldade crescente e possibilidade de avaliação ao término de cada um.Para montá-los, se faz uma análise detalhada das funções, identificam-se elementos de aprendizagem necessários (conhecimentos, habilidades, atitudes) , que são submetidos a tratamento andragógico e formam os módulos, que estruturarão os currículos.A metodologia utilizada é auto-instrução (que respeita o ritmo do indivíduo).

Assim, segundo Romizowski(1990, p. 45), o SENAI optou pelo MÉTODO DE INSTRUÇÃO INDIVIDUAL - MII , porque acredita que a aprendizagem deve ser dinâmica, com a participação ativa dos alunos. Utiliza também as Series Metódicas Ocupacionais - SMO, e os multimeios.

O MII é um processo ativo que visa mudança de comportamento, partindo das diferenças individuais e tem como objetivos:

-Atender às individualidades, respeitar o ritmo e a capacidade dos alunos;

- Levar o aluno a aprender a estudar por meio de leitura reflexiva, da pesquisa e do estudo disciplinado, a fim de torná-lo agente do próprio aperfeiçoamento;
- Promover a participação ativa e a auto-confiança dos alunos;
- Desenvolver a iniciativa, criatividade e espírito crítico dos alunos;
- Dar condições para o professor ser orientador, guia e incentivador;
- Facilitar a fixação da aprendizagem.

Segundo Gonçalves (1990, p. 37) ,o MII tem como características ser flexível e adaptável às situações regionais e de grupo; levar a uma aprendizagem mais eficiente e completa; proporcionar maior unidade do ensino ministrado, por meio de folhas de instrução individuais ; favorecer o desenvolvimento individual do educando ; colocar o educando com papel ativo no processo ensino-aprendizagem; desenvolver a personalidade, especificamente a iniciativa, criatividade e capacidade de julgamento; desenvolver habilidades motoras e hábito pela leitura; levar o aluno a desenvolver atividades de acordo com características, interesse e aptidões; levar o docente a assumir o papel de guia e incentivador.

O MII possui como técnicas básicas o estudo dirigido (individual, socializado e misto) e a demonstração. Prevê quatro fases distintas, que são o estudo da tarefa, a demonstração das operações novas, a execução da tarefa e a avaliação, tendo o aluno um papel ativo durante todo o processo.

As Séries Metódicas Ocupacionais - SMO são unidades de ensino compostas de folhas de instrução, utilizadas para veicular informações necessárias à formação do educando. A folha de tarefa indica o que fazer, a folha de operação indica como fazer e a folha de informação tecnológica indica com que fazer.

Os multimeios englobam a utilização de vários veículos onde cada um possui características próprias e linguagem particular, incluindo os recursos instrucionais.

É importante salientar que todos os instrutores do quadro do SENAI são treinados para utilizarem esses métodos, passando por um processo de orientação, supervisão, segundo o Chefe da Divisão de Recursos Humanos do SENAI.

Os cursos que habilitam os professores pedagogicamente são o FAI -Formação e Aperfeiçoamento de Instrutores, etapas Básica e Complementar. Esse curso aborda basicamente os seguintes módulos: Relações Humanas, Metodologia de Ensino, Materiais Instrucionais do SENAI, Noções de Psicologia e Noções de Organização de Ambientes de Ensino-aprendizagem.

A RELAÇÃO DO SENAI COM SEUS PROFESSORES

O SENAI é uma instituição que possui como objetivo principal a formação profissional, e que visa descobrir, desenvolver e melhorar as aptidões do homem.

Segundo seu Regimento Interno , os Instrutores são:

Docentes que ministram aulas teóricas e práticas de formação profissional e que foram preparados para esse ensino.... Possuem como atribuições:

-Cumprir e fazer cumprir o regulamento interno de pessoal, regimento e normas, normas de higiene e segurança ;

-Acompanhar alunos até o final das atividades desenvolvidas; -Controlar a frequência dos alunos;

-Participar dos cursos sempre que for convocado;

-Participar do conselho de classe e reuniões de pais e mestres; -Escriturar o diário de classe;

-Avaliar o material didático; cuidar dos programas de ensino;

-Participar da seleção e orientação dos alunos;

-Avaliar os alunos;

-Planejar o ensino de atividades;

-Preparar a recuperação dos alunos;

-Manter a disciplina dos alunos;

Ainda:

-Preparar sessões de prática de oficina;

-Orientar os alunos na execução das séries metódicas ocupacionais e trabalhos industriais, de acordo com a metodologia;

-Diligenciar no sentido de que os alunos utilizem adequadamente as máquinas, ferramentas, instrumentos, equipamentos, matéria-prima e outros materiais;

-Manter registro das tarefas das séries metódicas ou dos trabalhos industriais executados pelos alunos;

-Comunicar ao coordenador de área irregularidades constatadas na oficina;

-Sugerir alterações necessárias em tarefas realizadas em oficinas pelos alunos, visando a melhoria da eficiência ensino-aprendizagem;

-Colaborar com trabalhos gerais de instalação e manutenção realizados na Unidade de Formação Profissional;

-Participar, quando convocado, do acompanhamento de egressos.

Segundo o Regulamento Interno de Pessoal, para admissão de servidores o SENAI deverá promover um processo de seleção de pessoal, em que se verifiquem o nível mínimo de escolaridade e a capacidade intelectual e profissional.

Os professores ou instrutores passam por um período de estágio probatório de experiência, num período de 90 dias, com uma redução de 20% do salário inicial do quadro. São avaliados nos requisitos de assiduidade e pontualidade, disciplina, eficiência e espírito de cooperação.

No que se refere a remuneração, os quadros de salários indicam especificamente a remuneração dos cargos de carreira, assim como a dos cargos de confiança em comissão e as funções gratificadas. Existe um controle de frequência por relógio de ponto, e os funcionários têm seu desempenho avaliado periodicamente.

Os critérios de promoção - considerado como o ato pelo qual se processa a movimentação do cargo do servidor - pode ser horizontal ou vertical.

A promoção horizontal dar-se-á por avaliação de desempenho ou por antiguidade, conforme disposto no Manual de

Classificação , Descrição e Análise de Cargos. Poderá ainda ocorrer quando o instrutor for classificado em 1 lugar na fase estadual do Concurso de Criatividade de Docentes(CONCKID); o instrutor concluir curso superior; o instrutor concluir curso de pós-graduação com carga horária mínima de 360 horas; o instrutor comprovar a realização de atividades de aperfeiçoamento na área específica de atuação, com soma de carga horária igual ou superior a 360 horas , ou mediante avaliação de desempenho, nos termos do art. 55 do Regulamento Interno de Pessoal.

A promoção vertical dar-se-á se houver vaga, se o servidor atender às exigências contidas na descrição de cargo e se houver disponibilidade orçamentária.

Os instrutores são divididos em quatro faixas, com as seguintes características:

-INSTRUTOR DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL I - escolaridade de Iº Grau completo, experiência profissional de 3 anos para pessoas com curso de aprendizagem industrial do SENAI ou equivalente, e de 5 anos para pessoas sem curso de formação profissional formal, e idade mínima de 21 anos.

-INSTRUTOR DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL II - escolaridade de II Grau completo, experiência profissional de 3 anos, formação profissional em aprendizagem industrial do SENAI na área (ou equivalente) ou FAI(concluído o núcleo comum da etapa complementar), idade mínima de 21 anos, e 6 meses de docência no SENAI.

-INSTRUTOR DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL III - escolaridade mínima de II Grau completo, experiência profissional de 3 anos, formação profissional em habilitação profissional na área ou licenciatura em educação, idade mínima em 21 anos e 3 anos de docência no SENAI.

-INSTRUTOR DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL IV - escolaridade em curso superior na área específica, experiência profissional de 1 ano e idade mínima de 21 anos.

Como a demanda é enorme, o SENAI possui também instrutores /professores extra-quadro ,ou seja , que possuem vínculo de prestação de serviços .

A forma de relacionamento do SENAI com esses profissionais é diferenciada quanto ao processo seletivo, preparação psico-pedagógica, controle e avaliação.

Todos estes dados apresentados são importantes na medida em que influenciarão nas relações de poder entre professor e aluno na sala de aula. Uma vez que esta está inserida no contexto que possui as características acima descritas, seus professores possuem um vínculo como o acima citado .

Capítulo 5 - METODOLOGIA

Tendo como base os pressupostos apresentados anteriormente, passaremos agora a sistematizar a metodologia adotada para a realização deste estudo .

A população deste estudo se constitui de professores do quadro que ministraram os cursos oferecidos pelo SENAI em suas escolas de Goiânia e seus alunos. Os cursos pesquisados são os de nível de qualificação ou formação e de suprimento ou reciclagem.

Como o SENAI possui duas formas de vínculos com seus professores/instrutores, que são os do quadro e os extra-quadro, optamos por trabalhar somente com os professores do quadro pelo fato destes receberem maior influência da instituição e uma atenção diferenciada, desde a fase de seleção, preparação psicopedagógica e avaliação de desempenho.

O universo pesquisado foi constituída por todos os professores do quadro do SENAI que atuaram em cursos de qualificação e suprimento oferecidos nas escolas do SENAI de Goiânia, em Agosto de 1993 e todos os seus alunos .

Com base nas abordagens teóricas anteriormente apresentadas, foram construídos um questionário para o professor e outro para o aluno, e elaborado um roteiro de entrevista para os professores. Para a elaboração destes instrumentos, utilizamos como consulta os trabalhos de Cunha (1990), Costa (1981), Falcão (1988), Franco (1988), Freitag (1980), Further (1970), Grattan (1964), Guerreiro (1989), Kuenzer (1985), Machado (1989), Moreira (1981), Pérez (1988), Pinto (1989), Pophan (1988), Salamé (1989), Severino (1986), Smyth (1989), Steffen (1985), Verner (1971), Wertheim (1985).

A escolha de questionário se deve ao fato de sua objetividade na coleta de dados e na economia de tempo de sua aplicação, visto a amostra ser muito ampla. A entrevista com professores foi utilizada como recurso para checar as respostas dos questionários. Foram utilizadas, também, a ficha do instrutor, cedida pelo SENAI, para o levantamento de dados cadastrais/funcionais dos professores.

A - Questionário do Professor : Na elaboração deste questionário (Anexo II), além dos dados de identificação da amostra, as perguntas foram agrupadas de acordo com os seguintes assuntos:

-1 a 6 - pressupostos que os professores adotam para sua prática docente;

-7 a 10 - relações do professor com o SENAI;

-11 a 14 - planejamento do curso;

-15 a 29 - metodologia utilizada pelo professor;

-30 a 49 - as relações de poder entre professor e aluno.

B - Questionário do aluno : Para sua elaboração , tomou-se por base as questões presentes no questionário do professor (Anexo III).

C - Entrevista com os professores - a entrevista foi diretiva, e teve como principal objetivo propiciar um contato mais próximo entre pesquisador e pesquisados, além de checar os dados coletados no questionário.(Anexo IV).

PROCEDIMENTOS

Após a montagem dos instrumentos, os mesmos foram submetidos a uma testagem piloto no SENAC de Goiânia, no mês de Julho de 1993. Essa instituição foi escolhida por apresentar o maior caráter de similaridade com o SENAI.

Após essa aplicação, algumas alterações foram feitas até se configurarem os instrumentos apresentados em anexo.

No início de Agosto de 1993 o SENAI forneceu uma lista contendo os nomes dos cursos, professores, horário e data de cada escola de Goiânia. A partir destes dados foram feitas visitas aos diretores de cada escola para o agendamento da aplicação dos questionários aos professores e alunos, bem como das entrevistas com os professores.

O período de coleta de dados foi de 25 de agosto a 3 de setembro de 1993.

A aplicação dos questionários foi feita simultaneamente para alunos e professores . Após todos os alunos estarem sentados juntamente com o seu professor, pediu-se que virassem o questionário em sua carteira. As instruções foram lidas (conforme constam no questionário) e tiradas todas as dúvidas. Não foi colocado, aos respondentes, um tempo limite para esta atividade . Após a devolução de cada questionário procedeu-se a conferência dos mesmos. Todos os questionários foram aplicados pela pesquisadora.

As entrevistas com os professores foram realizadas individualmente e os dados coletados foram registrados pela pesquisadora .

Após a coleta dos dados, os mesmos foram devidamente tabulados e analisados de forma descritiva.

Capítulo 6 - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A apresentação dos resultados e discussão dos mesmos será feita inicialmente do conjunto dos cursos e, a seguir, de cada curso isoladamente. A tabulação dos questionários do professor e do aluno está no Anexo V.

RESULTADOS DE TODOS OS CURSOS

Os cursos oferecidos pelo SENAI estão divididos em dois grandes grupos, de acordo com seu nível, sendo de qualificação (Eletricista Predial, Computação Gráfica, Fotomecânica, Mecânica de Autos, Impressor de offset, Pintura de Autos, Montador de Calçados, Cortador de Tecidos, Costureiro Industrial e Modelagem Industrial Feminina) e de suprimento (Sistema Operacional, Planilha Eletrônica e Etiqueta e Postura Profissional).

No que se refere à caracterização da população, percebe-se uma predominância de alunos do sexo masculino (61%) e solteiros (57.3%); quase a metade dos mesmos (48.9%) possuem menos de 25 anos de idade, o que nos indica um perfil de alunos jovens. Quanto à escolaridade, verifica-se dois grandes agrupamentos, 1 grau incompleto (26%) e 1 grau completo (26%).

Os professores apresentam as seguintes características: predominância do sexo masculino (69,3%), casados (76%) e com escolaridade entre II grau completo (47%) e superior incompleto (30%).

No que se refere à qualificação dos professores, considerando os cursos realizados no SENAI, verifica-se que os que possuem maior frequência são o FAI (Formação e aperfeiçoamento de instrutores - etapa básica) e o de Jogos e simulações em treinamento. Apesar do FAI ser obrigatório para todos os instrutores, em suas duas etapas, observa-se que existem três instrutores do quadro do SENAI que ainda não o fizeram.

No que se refere aos **Pressupostos adotados sobre educação**, pode-se perceber que há uma concordância entre professores e alunos no que se refere ao papel do professor, compreendido como guia e animador do processo ensino-aprendizagem, levando os alunos a buscarem o conhecimento. Essa visão pressupõe descentralização do poder, por parte do professor, e alunos participativos e co-responsáveis pelo processo. A adoção deste pressuposto é considerada como a mais adequada para lidar com alunos adultos.

O papel do aluno é visto por ambos (Professores 54% e Alunos 56%) como o de uma pessoa que observa, experimenta, compara, relaciona, analisa e argumenta, tendo, portanto, um papel ativo no processo ensino-aprendizagem.

As necessidades dos alunos constituem para 54% dos professores na principal fonte utilizada na definição do

conteúdo a ser trabalhado em sala de aula. 84% dos alunos e 46% dos professores consideram que estas necessidades são de fato identificadas pelos professores.

Os professores, ao elegerem o elemento mais importante para facilitar a aprendizagem do aluno, dividem-se em duas tendências opostas: de um lado, 46% dão ênfase na metodologia (o professor ficando como figura central), e de outro lado, 54% enfatizam a figura do aluno. O mais interessante é que essa diferenciação ocorre de acordo com o nível dos cursos, sendo a ênfase na metodologia, nos cursos de qualificação e a ênfase no aluno, como figura central, nos cursos de supramento e reciclagem.

Apesar de haver uma boa diferenciação entre educação de adultos e crianças /adolescentes, 38% dos professores não vêem grandes diferenças. A adoção dessa premissa, entendida como básica, pode comprometer o resultado final a ser alcançado com alunos adultos. Os professores, quase em sua totalidade(94%), dizem tratar os alunos como adultos. Essa atitude é considerada fundamental no trabalho com adultos e é confirmada por 94% dos alunos.

O processo de tomada de decisões pressupõe a utilização de poder e, parece haver, de acordo com os dados levantados, posturas bastante diferenciadas dos professores desta instituição no que se refere a centralização/participação de alunos na tomada de decisões. Enquanto 54% consideram que não cabe ao professor tomar todas as decisões, os demais consideram que este é seu

papel. Tal dado indica um não direcionamento do SENAI quanto a estas decisões, deixando o professor livre para agir conforme considera mais adequado.

Apesar da maioria dos professores e dos alunos concordarem sobre a importância dos alunos conhecerem as metas e objetivos do curso, 46% dos professores relatam que nem sempre discutem os programas com os alunos e 33% dos alunos relatam que não consideram importante tal conhecimento. Talvez este dado possa ser explicado pela motivação básica dos alunos ao procurarem o SENAI, ou seja, aprender uma nova profissão. Assim, compreender metas e objetivos do curso poderia significar "perda de tempo", o qual já é considerado insuficiente pelos alunos (de acordo com sugestões apresentadas pela maioria deles.)

No que se refere ao **Planejamento de curso**, foi verificado que o principal objetivo perseguido por 92% dos professores é a aprendizagem dos alunos e a aplicação prática dos conhecimentos apreendidos.

Evidencia-se diferenciação entre os professores quanto à postura de discussão com os alunos sobre recursos e estratégias a serem utilizados, na medida em que 62% afirmam que *o fazem*, enquanto os demais dizem não fazê-lo.

No que se refere à **Metodologia**, percebe-se que não existe consenso, nem por parte dos professores nem dos alunos, quanto a melhor técnica a utilizar visando alcançar uma melhor aprendizagem. Isto pode ser compreensível devido a diversidade de situações e cursos, bem como a autonomia do professor para

decidir qual técnica irá utilizar em determinada situação. Interessante observar que a maior tendência dos alunos (52%) aponta para aulas onde os professores direcionam mais, e já a maior tendência dos professores (54%) aponta para aulas onde ocorrem maior participação dos alunos.

O material didático é utilizado como apoio pelo professor na maioria das vezes (54%). No que se refere a este tópico, 96% dos alunos consideram que o material é utilizado de forma apropriada à turma; 99% considera que ele é apropriado ao tema e 94% que é motivador.

No que se refere a decisão sobre a metodologia e forma de avaliação que será adotada, todos os professores concordam que cabe a eles a decisão total ou parcial neste aspecto, o que indica a assunção de um poder inerente à sua função.

Há uma grande tendência, por parte dos alunos, em avaliar a metodologia utilizada pelo professor como adequada no que se refere à exposição, clareza e objetividade (83%), sequência, e relação entre teoria e experiência (74%). Já no que se refere a fazer conclusões ao final da aula e ligação entre as aulas, os alunos não consideram que esta prática seja amplamente adotada pelos professores.

Apesar de haver predominância dos professores em adequar as atividades ao ritmo dos alunos (70%), verifica-se que esta prática não é constante, na medida em que 30% dos professores relatam que tal fato não ocorre sempre. Já 92% dos alunos consideram que as atividades são adequadas ao seu ritmo.

O ambiente físico é considerado totalmente adequado pela maioria dos professores (76%). Tal fato decorre de que os ambientes são preparados para reproduzir as situações reais de trabalho. Apesar disso, muitos alunos apresentaram sugestões sobre este tópico, o que demonstra que, provavelmente, o ambiente não esteja atendendo totalmente às exigências no que se refere ao acompanhamento de novas tecnologias. (máquinas e equipamentos defasados,).

No que se refere à avaliação, identificou-se que o sistema de avaliação preferido por 92% dos professores é o diálogo e o acompanhamento do aluno, o que é coerente com a proposta de um ensino participativo e para adultos.

Se no planejamento os professores enfatizam como objetivo final o conhecimento e aplicação prática e na avaliação consideram, em primeiro lugar, as habilidades (54%) e em segundo lugar os conhecimentos (30%), verifica-se a existência de coerência em sua postura. Possivelmente os professores que dizem priorizar conhecimentos na avaliação, estão se referindo ao conhecimento necessário para o desempenho adequado de uma habilidade. Ainda no que se refere a avaliação, a maioria dos professores (62%) diz considerar os aspectos não verbais do aluno, o que é coerente na avaliação de habilidades.

Apesar de 76% dos professores afirmarem que divulgam para os alunos os critérios e os resultados de sua avaliação, 48% dos mesmos relatam que não têm conhecimento destes aspectos.

As relações de poder entre professor e aluno, eixo central deste estudo , advém agora alguns aspectos específicos que serão apresentados a seguir.

Quanto ao relacionamento em sala de aula, 84% dos alunos e 84% dos professores referem que é pessoal e amigável, o que é considerado indispensável nos processos de aprendizagem de adultos. Tal relacionamento pressupõe um equilíbrio e adequação nas relações de poder entre ambos.

Há consenso entre 100% dos professores e 97% dos alunos no que se refere a existência de diálogo , o que vem confirmar os dados referentes aos pressupostos sobre educação e avaliação anteriormente apresentados.

Apesar da maioria dos alunos (76%) relatar que seu professor acolhe suas sugestões, apenas 30% dos professores confirmam isto .é interessante observar que os alunos (73%) vêem seus professores muito mais abertos e disponíveis para atendê-los do que os próprios professores (70%), o que , de certa forma, propicia uma abertura para a participação do aluno.

No que se refere ao controle de sala de aula, verifica-se uma tendência entre os professores (34%) de que cabe a eles controlar os alunos. é importante salientar que controle pressupõe poder delegado para controlar e concordância da outra parte envolvida.No entanto, não está claro, para alguns professores , o seu papel no que se refere ao controle de sala de aula, na medida em que apenas 46% dizem não concordar totalmente com essa posição .

Apesar da maioria dos professores afirmarem nas entrevistas que não utilizam sua autoridade como professor, 30% deles afirmam, no questionário, utilizá-la na fase de planejamento e 32% no controle dos alunos e também na avaliação.

A aceitação da diferença hierárquica entre professor e aluno ocorre na maioria dos professores (94%), porém eles crêm que esta não deve interferir nas relações entre eles. Considera-se impossível esta não interferência, na medida em que os próprios papéis são definidos a partir dela. A maioria dos professores (85%) diz que interferem nos comportamentos indisciplinados dos alunos, o que pressupõe utilização de poder e autoridade, necessários ao desempenho do papel de professor.

Apesar dos alunos não rejeitarem o curso, 70% deles apresentam alguma forma de repúdio às normas e disciplina. Recompensa e punição são utilizadas por professores, apesar de ocorrerem numa frequência baixa. 14% dos professores dizem punir principalmente com castigos, mas seus alunos (13%) percebem a punição mais acentuada pela manipulação de notas. Esta atitude pode indicar mais um item que o professor lança mão na sua relação de poder com os alunos, provavelmente visando um melhor controle da sala de aula.

A maioria dos professores (76%) dizem aprender com os seus alunos, indicando uma postura de que os alunos também têm coisas a ensinar. Percebe-se com ela certa flexibilidade por parte dos professores, o que contrapõe à postura

normalmente utilizada de centralização em sua figura .

Nos dados referentes a **Relação do professor com o SENAI** , observou-se que, apesar de haver espaço para discussão com chefes e alunos, 30% dos professores adotam uma postura de receber o planejamento e executá-lo. Isso decorre provavelmente do fato de que existem alguns programas que não podem ser alterados (por legislação ou outras normas) enquanto outros estão abertos e surgem a partir de diagnósticos realizados anteriormente. Percebe-se que os cursos de qualificação oferecem menor oportunidade de adaptação do que os de suprimento, onde geralmente as modificações são mais constantes.

A concordância total da maioria dos professores (54%) com o sistema de disciplina da instituição indica que há certa adaptação às normas e que este sistema deve se repetir em sua sala de aula também. Relacionando os dados do questionário com as respostas das entrevistas, verifica-se que quase a metade dos professores (46%) questionam o sistema disciplinar, e a forma como eles lidam com este é o que diferencia sua postura diante de uma situação onde podem exercer seu poder de influência.

Por outro lado, enquanto 16% dos professores adotam uma postura passiva em relação ao SENAI , os 84% discutem e propõem mudanças ou adaptações .Essa atitude mais crítica e participativa vem de encontro com a proposta do SENAI de formar cidadãos , pois a "abertura deve começar dentro de casa ".

RESULTADOS POR CURSO

Os dados levantados serão agora apresentados relacionando as opiniões do professor (questionário e entrevista) com as dos alunos (questionários), de acordo com cada curso pesquisado.

Esta apresentação foi feita com cada uma das treze turmas, por considerarmos o fato de que é exatamente neste nível onde ocorrem as diferenças significativas.

CURSO 1 - Curso de Costureiro Industrial, a nível de qualificação, tem a carga horária de 180 horas aula, divididas em 20 horas de aula semanais (5 dias de 4 horas).

A professora é do sexo feminino, tem 42 anos de idade, é desquitada, possui nível de escolaridade de II grau e atua como instrutora do SENAI (Instrutora de Formação Profissional I) há 3 anos e 8 meses e na área de educação há 15 anos. Durante o tempo em que está na instituição, já atuou como instrutora de cursos na área de qualificação e aperfeiçoamento em costura industrial de cotton, lycra, renda e jeans. Já participou como aluna dos cursos de educação FAI I e II.

As alunas são todas do sexo feminino, a maioria é solteira e possui idade entre 18 e 25 anos; 68% possui nível de escolaridade de I grau incompleto .

No que se relaciona ao papel do professor e do aluno, há uma convergência nas respostas de ambos, sendo que o professor deve possuir um papel ativo e o aluno um papel mais receptivo.

A professora considera que o conteúdo da aprendizagem deve ser buscado basicamente nos livros-textos e apostilas. Concorda parcialmente que educar adultos é o mesmo que educar crianças e adolescentes a nível do discurso, apesar disso, diz tratar seus alunos como adultos. Concorda parcialmente, também, que cabe a ela tomar todas as decisões relacionadas a sala de aula.

A aprendizagem do aluno é vista pela professora como dependente do modo como ela conduz a aula e pelos alunos, como a maior fonte de preocupação do professor.

Esta professora diz que adota uma atitude de aceitação e reprodução do que é determinado pelo SENAI a nível de cumprir o seu programa e a disciplina do mesmo. Segundo ela, os objetivos finais do curso estão relacionados a aprendizagem dos alunos e sua aplicação prática na vida dos mesmos. Tanto professora quanto os alunos concordam sobre a importância destes compreenderem as metas e objetivos do curso . A professora diz procurar adaptar o programa aos interesses da turma o que é confirmado pelas respostas dos alunos.

Apesar da professora considerar que o melhor meio /técnica de ensinar é mediante aulas expositivas e esquemas, os alunos relatam que o tipo de aula mais comum é a aula prática ou trabalhos em grupo.

Segundo respostas da professora e alunos, os materiais e equipamentos são utilizados de maneira adequada ; o conteúdo é equilibrado .

A professora é vista pelos alunos como uma pessoa que comunica o conteúdo de forma clara e interessada e que leva os alunos a participarem , afirmam ainda que ela adapta o programa e o ritmo de trabalho aos interesses e necessidades dos alunos.

A professora diz fazer ligação entre o conteúdo apresentado e a vida prática dos alunos, bem como entre as aulas e o que já foi aprendido com o que está sendo exposto, o que é confirmado pelos alunos.

O clima de relacionamento entre professora e alunos é considerado bom por ambas as partes, sendo que a professora diz que sempre aprende com seus alunos.

A professora quase sempre dá atenção aos seus alunos e estes dizem que ela sempre responde as suas consultas, geralmente estimula suas perguntas e quase nunca fica impaciente quando eles a interrompem.

Esta professora diz considerar que a diferença hierárquica entre professor e aluno existe, mas que não pode intervir na sua relação e que utiliza sua autoridade como professor principalmente no planejamento . Apesar de dizer que

deve controlar os alunos, relata que raramente interfere nos comportamentos indisciplinados dos mesmos. Ainda que a professora diga que só utiliza recompensas com seus alunos e não a punição, 39% dos alunos relatam que ela utiliza punição e/ou ameaças, e 16% diz que ela demonstra preferência por alguns alunos.

A professora relata que não há ocorrência de comportamentos de rejeição dos alunos em relação ao curso ou às normas disciplinares.

A participação dos alunos nas atividades propostas pela professora aparecem com alta frequência nas respostas de ambos. Do mesmo modo que o diálogo entre professora e alunos (ela diz que sempre dialoga com eles, que por sua vez relatam que o diálogo é constante e que a professora busca, com a turma, as soluções para os problemas).

No que se refere a avaliação, a professora diz que considera que o melhor meio de avaliar é através do diálogo e observação durante todo o processo e que o fator mais importante para avaliar seus alunos é o conhecimento. Ainda coloca que sempre diz aos seus alunos os critérios que utilizará para avaliá-los. Os alunos são unânimes ao afirmar que são avaliados corretamente por sua professora, porém 24% relatam que não conhecem os critérios de avaliação utilizados e ainda 32% que não foram comunicados sobre a avaliação do trabalho realizado.

Dentre as sugestões, as mais frequentes se referem a pedidos de aumento da carga horária, o desenvolvimento de mais trabalhos em grupo e a instituição de lanches no período noturno.

Análise

Percebe-se que o discurso e a prática desta professora são contraditórios, pois em seu discurso adota pressupostos bastante diretivos e até autoritários, mas na sua prática, diz adotar uma postura tendendo mais a incentivar a participação dos alunos e procurando atendê-los (apesar de utilizar a punição).

Como este curso está bem voltado para a aplicação prática das habilidades e conhecimentos apreendidos e o nível de escolaridade dos alunos é de I grau incompleto, esta postura da professora é vista como adequada pelos alunos que, por sua vez, não adotam uma postura crítica e sim receptiva-reprodutivista, se submetendo às condições propostas pela professora sem questioná-las. É importante comentar que a maioria dos alunos procuraram o curso buscando uma profissão, e esse objetivo vem sendo alcançado.

CURSO 2 - CORTADOR DE TECIDOS . a nível de qualificação, possui uma carga horária de 80 horas aulas distribuídas em 15 horas semanais (distribuídas em 5 dias de 3 horas cada).

A professora é do sexo feminino, tem 39 anos de idade, é divorciada, possui curso superior completo em Filosofia e trabalha como instrutora no SENAI (Instrutora de Formação Profissional III) há 4 anos e na área de educação há 8 anos, tendo atuado como instrutora dos cursos de costureira industrial e cortador de tecidos .Já participou como aluna dos cursos de FAI - I, LTO e Jogos e Simulações.

Os alunos se dividem em 37% do sexo feminino e 63% do sexo masculino, sendo que 88% são solteiros e 37% possui idade entre 18-21 anos; 88% possui escolaridade de até 1 grau completo.

No que se refere aos pressupostos sobre educação, existe um consenso entre alunos e professora acerca do papel do professor como animador e guia do processo de aprendizagem.Há , porém, uma discrepância quanto ao papel do aluno, pois para a professora, cabe ao aluno um papel passivo-receptivo, e já os alunos se atribuem um papel mais ativo.

Para esta professora , o conteúdo da aprendizagem deve ser buscado basicamente nos livros-textos e apostilas devidamente selecionados para atingir os objetivos .Considera ainda que o elemento mais importante para facilitar a aprendizagem do aluno é o modo como ela (a professora) conduz a aula. Diz que educar adultos é diferente de educar crianças e adolescentes, e que

trata seus alunos como adultos quase sempre, o que é confirmado por eles.

Os alunos dizem que a professora está mais preocupada com sua aprendizagem e ela diz que cabe a ela tomar todas as decisões relacionadas a sala de aula.

A professora diz que elabora seu planejamento de curso baseando-se principalmente no programa do SENAI .Considera importante o fato dos alunos compreenderem os objetivos do curso como aspecto motivador. Relata que faz discussões sobre o programa e metodologia com os alunos, e também um levantamento de interesses da turma e conseqüente adaptação do programa a eles. Estes dados são confirmados pelas respostas dos alunos.

Apesar da professora dizer que considera como técnicas mais adequadas a instrução programada, os módulos de ensino e outras tecnologias individualizadas, os alunos colocam que o tipo de aula mais comum é a aula prática.

Para a professora , o material didático deve ser usado segundo todas as instruções e informações , e a experiência do aluno entra como ilustração em alguns casos. Essa forma de utilização parece adequada para esta turma, pois os alunos, em unanimidade, consideraram o material utilizado como apropriado à turma e ao tema, além de ser considerado como motivador.

A professora diz dar atenção a turma, percebendo suas necessidades e interesses e respondendo às perguntas, fazendo ligação entre as aulas; apresentando o conteúdo de forma clara e objetiva e ainda incentivando a participação dos alunos. As

respostas dos alunos confirmam esta postura da professora em relação a eles.

Professora e alunos consideram o clima de relacionamento entre ambos como bom, sendo que ela diz que sempre aprende com eles.

Para a professora, a diferença hierárquica entre professor e aluno existe, porém não pode intervir nas relações entre eles, diz que utiliza sua autoridade como professor principalmente no planejamento. Concorda que cabe ao professor controlar os alunos; diz que sempre interfere nos comportamentos indisciplinados dos alunos, que sempre utiliza recompensa ou elogio e que pune seus alunos através de notas. Os alunos confirmam sua postura e dizem ainda que ela fica impaciente quando eles a interrompem.

Esta professora diz não perceber nenhum comportamento de rejeição ao curso ou às normas disciplinares por parte dos alunos, salientando que os mesmos sempre participam das atividades propostas. Ainda afirma que sempre dialoga com seus alunos, que por sua vez confirmam esta resposta e acrescentam que sua professora busca, junto com a turma, soluções para os problemas.

No que se refere à avaliação, a professora considera que o melhor meio de avaliar é através do diálogo e observação durante todo o processo, concorda que as habilidades representam o fator mais importante para avaliar e diz que sempre considera aspectos não verbais do aluno na avaliação. Os alunos consideram que são avaliados corretamente por sua professora, que conhecem

os critérios que ela utiliza e os resultados de sua avaliação.

Dentre as sugestões mais frequentes, podemos citar o aumento da carga horária, um aumento do maquinário e a merenda escolar.

Análise

Este curso tem média duração , é um curso a nível de qualificação, tendo por isso um direcionamento mais voltado para os aspectos práticos.

Percebe-se uma boa adaptação da professora à turma e dos alunos ao programa desenvolvido. Apesar deste dado ser relativo, na medida em que ela ainda necessita de utilizar a punição em alguns casos, demonstrando assim, que esta adaptação é apenas relativa.

A professora assume seu papel de forma menos questionadora e crítica em relação ao SENAI , provavelmente devido às poucas possibilidades de alterações neste tipo de curso; em relação aos seus alunos, parece ser mais diretiva, dando, porém, espaço para participação dos mesmos.

Os alunos avaliam o curso e a professora como adequados às suas expectativas.

CURSO 3 - PINTURA DE AUTOS , a nível de qualificação, com carga horária de 100 horas aula, divididas em 15 horas de aula por semana (cinco dias de 3 horas).

O professor é do sexo masculino, tem 28 anos de idade, é casado, possui nível de escolaridade de II grau, e atua como instrutor do SENAI(Instrutor de Formação Profissional I) há 3 anos, não tendo atuado antes na área de educação.Já atuou como instrutor nos cursos de chapeador de autos e , como aluno , dos cursos na área de educação do FAI I e II .

Os alunos são todos do sexo masculino e em sua maioria solteiros (84%), com idade variando de 18-25 anos e 58% apresenta nível de escolaridade de até I grau completo.

Existe uma convergência de idéias sobre o papel do professor, que é visto como guia e animador do processo ensino-aprendizagem ,mas, no que se refere ao papel do aluno, existe certa divergência, na medida em que para o professor o aluno deve receber, apreender e fixar informações (numa atitude mais passiva) e para os alunos, o seu papel possui um caráter muito mais ativo, visto que 92% deles colocaram como funções do aluno observar, experimentar, analisar e decidir.

O professor diz buscar o conteúdo da aprendizagem basicamente nos livros-textos e apostilas e que considera o modo como ele conduz a aula como o elemento mais importante para facilitar a aprendizagem do aluno.Apesar deste professor dizer que educar adultos é quase a mesma coisa que educar crianças e adolescente,diz que trata seus alunos como adultos , o que é

confirmado pelas respostas dos alunos, que ainda dizem que o percebem como mais preocupado com a aprendizagem deles. Apesar do professor dizer que discute e adapta o que não concorda com o SENAI, ele assinala que sua postura deve ser a de receber o planejamento e executá-lo. É importante mencionar que para os cursos de qualificação, os programas já vêm montados e o professor tem poucas chances de opinar sobre eles.

Os objetivos que o professor diz perseguir se relacionam a aprendizagem dos alunos e sua aplicação prática. O professor relata que não considera importante a discussão do programa com alunos, tão pouco a discussão de metas e objetivos do curso. O seu planejamento é feito baseado na consulta a livros e apostilas.

Apesar do professor dizer que não considera as necessidades dos alunos para elaborar o planejamento, estes relatam que o programa atende às suas expectativas.

Segundo as respostas dos alunos e do professor, o diálogo ocorre frequentemente e o professor assume uma postura diretiva e centralizadora com relação aos alunos. Visto que não utiliza a experiência dos mesmos, raramente os consulta em relação a problemas e estratégias ou recebe suas sugestões. Apesar disso, eles relatam se sentirem bem com esta postura.

Tanto professor quanto alunos consideram adequados o conteúdo apresentado, o material utilizado, a postura do professor no sentido de incentivar os alunos a participação e a metodologia utilizada nas aulas (havendo ligação entre as aulas, conclusão em cada aula e relação entre teoria e prática). O

professor é visto pelos alunos como uma pessoa que se comunica de forma clara e objetiva.

O clima de relacionamento entre eles é considerado bom por ambas as partes, e o professor diz que quase sempre aprende com os seus alunos.

O professor diz que dá atenção e responde aos alunos, o que é confirmado pelas respostas de 75% dos alunos, que ainda acrescentam que ele estimula suas perguntas, apesar de às vezes ficar impaciente quando eles o interrompem.

Este professor diz concordar que deve controlar os alunos, que interfere nos comportamentos indisciplinados dos mesmos e ainda acrescenta que, em sua opinião, não deve haver diferença hierárquica entre professor e aluno, porém diz utilizar sua autoridade como professor no relacionamento de controle dos mesmos. Além disso, relata que quase sempre utiliza recompensa e elogios, mas que não pune. Os alunos confirmam estas posturas através de suas respostas.

O professor relata que observa alguns comportamentos de rejeição às normas disciplinares por parte dos alunos que formam grupinhos informais.

Os alunos dizem que o professor desenvolve o tema da aula com a participação da turma e que, através do diálogo, incentiva a participação de todos buscando as soluções dos problemas em conjunto.

No que se refere a avaliação, o professor diz que o melhor meio de avaliar é através do diálogo e observação durante o processo, que o mais importante para se avaliar são as habilidades e que raramente aborda aspectos não verbais na

avaliação . Apesar do professor dizer que sempre informa aos seus alunos os critérios que utiliza para avaliá-los, 25% deles dizem que não conhecem os critérios e 34% comentam que não têm conhecimento da avaliação que o professor fez de seu trabalho.

Dentre as sugestões mais frequentes, podemos citar uma carga horária maior, material didático atualizado, mais aulas práticas e número menor de alunos por turma.

Análise

Este professor assume uma postura centralizadora e diretiva, tomando todas as decisões relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem.

Isto pode ser verificado em várias respostas contraditórias com a postura adotada, de modo que nos leva a crer que se preocupa em dar o conteúdo proposto do modo que julga melhor, independente dos alunos. Essas posturas demonstram certa dificuldade deste professor em lidar com os seus alunos a nível de considerá-los adultos , promover a participação e o seu crescimento pessoal e profissional .

O mais interessante é que mesmo com esta postura os alunos avaliam-no bem e têm bom relacionamento com o mesmo. Isso talvez se deve ao fato de que a motivação básica deles é dirigida para aprender uma nova profissão, e ainda por sua escolaridade, o que não coloca para eles preocupações ligadas a postura do professor, desde que esta não seja muito destoante do "normal".

CURSO 4 - MONTADOR E SOLADOR DE CALÇADOS, a nível de qualificação, com carga horária de 150 horas aula, distribuídas em 15 horas semanais (sendo 5 dias de 3 horas).

O professor é do sexo masculino, tem 37 anos de idade, é casado, possui nível de escolaridade superior incompleto, atua como instrutor (Instrutor de Formação Profissional III) no SENAI há 8 anos e 9 meses sendo só essa experiência na área de educação. Já atuou como instrutor nos cursos de cortador, reparador, pespontador, modelagem, montador e solador de calçados. Já participou como aluno dos cursos na área de educação como FAI-I, Psicologia da Adolescência, Jogos de Simulações e Recursos Audio-visuais.

Os alunos são, em sua maioria (80%) do sexo masculino, possuem idade entre 26-29 anos (60%); (60%) escolaridade até 1 grau completo e são solteiros.

Há um consenso entre professor e alunos sobre o papel do professor, visto como guia e animador do processo ensino-aprendizagem. Percebe-se uma coerência entre as respostas do professor no sentido de colocar o aluno como fator principal do processo, de considerar suas necessidades e interesses. Este professor diz privilegiar os interesses que detecta em sua turma para planejar o conteúdo, e vê a participação e o interesse como os elementos mais importantes para a aprendizagem. Considera ainda que existe diferença entre trabalhar com adultos e crianças ou adolescentes e diz que trata seus alunos como adultos quase sempre, o que é confirmado pelas respostas dos alunos, que ainda

dizem perceber esse professor mais preocupado com a aprendizagem deles.

Em relação ao SENAI, o professor diz concordar com o sistema de disciplina e adotar uma postura de discussão e adaptação ao que lhe é apresentado.

Os objetivos perseguidos pelo professor estão relacionados com a aprendizagem dos alunos e a aplicação prática. O professor diz discutir a programação e a metodologia com os alunos e comenta que quando eles conhecem as metas do curso, geralmente se sentem mais interessados e seguros. Relata ainda que o planejamento é feito com base no diagnóstico das necessidades dos alunos. Os alunos confirmam que o professor faz este levantamento e adapta o programa a ele, e ainda que há discussões sobre o curso, assim propiciando que eles conheçam as metas e objetivos do curso.

O professor considera que o melhor meio/ técnica de ensinar é através do diálogo e discussões entre professor e alunos, e isto é confirmado na sua prática pelas respostas dos alunos, que dizem que as aulas são em sua maioria dinâmicas e há ênfase na prática; a experiência dos alunos é considerada e utilizada como exemplos, havendo espaço para o diálogo, críticas e sugestões. O professor é visto pelos alunos com um comunicador claro e objetivo, interessado, que leva a turma a participar, responde as perguntas e dá atenção aos alunos. O professor diz que utiliza o material didático como ponto de partida para a aprendizagem, sendo que é, segundo as respostas dos alunos,

utilizado de modo adequado a eles, considerando seu nível e ritmo.

O clima de relacionamento entre professor e alunos é considerado bom por ambas as partes, e o professor ainda comenta que sempre aprende com os alunos.

O professor relata que dá atenção e responde aos alunos quando necessário, o que é confirmado por todos eles.

Comenta ainda, que a diferença hierárquica entre professor e alunos existe, porém que não deve interferir na sua relação. Ao mesmo tempo que diz não utilizar autoridade, relata que considera como tarefa do professor o controle dos alunos; que sempre interfere nos comportamentos indisciplinados dos mesmos, que sempre utiliza recompensas e elogios, apesar de não usar a punição, o que é confirmado pelas respostas dos alunos.

Segundo professor, raramente são observados alguns comportamentos de resistência ao curso ou a normas disciplinares por parte dos alunos. Segundo estes, o professor incentiva a participação da turma nas atividades propostas, desenvolvendo o tema da aula com a participação de todos. Relatam ainda, que o seu professor mantém diálogo com a turma e que busca com eles as soluções para os problemas.

No que se refere a avaliação, o professor diz que o melhor meio de avaliar é através do diálogo e observação durante o processo; que o aspecto mais importante para avaliar são as atitudes, e que sempre considera aspectos não verbais no processo de avaliação. Apesar do professor relatar que sempre comenta com

os alunos os critérios que utiliza para avaliá-los. 20% dizem que não são avaliados corretamente por ele, 40% comenta que não conhece os critérios para avaliação e 20% diz que não sabe qual foi a avaliação que o professor fez do seu trabalho.

Dentre as sugestões mais frequentes, estão um maior número de aulas práticas, máquinas mais atuais e maior carga horária.

Análise

Pelos dados apresentados percebe-se que existe coerência por parte deste professor entre sua teoria e sua prática. Adota os princípios da educação de adultos, com a participação e discussão com os alunos, e ao mesmo tempo assume o seu papel de professor sem se sentir ameaçado por isso. Talvez o único ponto que poderia ser melhorado se refere a divulgação da avaliação dos alunos que, de uma maneira geral, avaliam o professor e o curso positivamente.

CURSO 5 - MODELAGEM INDUSTRIAL FEMININA, a nível de qualificação, com carga horária de 150 horas aulas, distribuídas em 15 horas semanais (5 dias de 3 horas cada).

A professora é do sexo feminino, tem 39 anos de idade, é casada, possui II grau completo, trabalha como instrutora do SENAI (Instrutora de Formação Profissional III) há 8 anos e atua na área de educação há 13 anos. Já atuou como instrutora nos cursos de costura industrial e modelagem industrial feminina, masculina e infantil . Participou como aluna nos cursos de educação FAJ-I, II, Jogos e simulações, entre outros.

Os alunos são em sua maioria do sexo feminino (82%) casados (54%), com escolaridade de II grau completo (46%) e com a grande variabilidade quanto a idade, variando de 34-37 anos (36%).

A professora e os alunos concordam acerca dos papéis de cada um, sendo a professora vista como uma estimuladora para que os alunos descubram e investiguem. A professora parece privilegiar o interesse e a participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem , bem como diferenciar o ensino para adultos do ensino infantil.

Apesar de dizer que concorda com o sistema de disciplina do SENAI para os alunos, a professora diz assumir uma postura de discutir e criticar tanto o programa da disciplina quanto outros aspectos com os quais não concorda.

A professora diz haver flexibilidade para adaptar o programa do SENAI às necessidades dos alunos, sendo que ela discute com seus alunos o programa de curso e os recursos e estratégias a serem utilizadas, e considera importante que os alunos compreendam as metas e objetivos do curso. A maioria dos alunos diz conhecer os objetivos do curso e que a sua professora levanta os interesse deles e adapta a programação à turma.

Apesar desta professora dizer que o melhor meio/técnica de ensinar é mediante aulas expositivas e esquemas organizados de transmissão de conteúdos, os seus alunos relatam que o tipo mais comum de aula é a prática.

Segundo respostas da professora e dos alunos, ocorre o diálogo, participação e abertura por parte da professora para aceitar críticas e sugestões dos alunos.

A professora é considerada como boa pelos alunos, pois sabe transmitir a matéria, de maneira clara e objetiva, utiliza exemplos práticos, faz ligação da teoria ou a prática, liga o conteúdo das aulas entre si e dá atenção aos alunos, respondendo as suas dúvidas.

O material didático é considerado adequado e utilizado de maneira adequada, tanto pela professora quanto pelos alunos.

O clima de relacionamento entre professora e alunos é considerado bom por ambas as partes. A professora diz que sempre aprende com seus alunos. Relata que sempre dá atenção e responde a seus alunos, o que é confirmado pela maioria deles, que ainda acrescentam que a sua professora estimula as perguntas.

Apesar da professora dizer que a diferença hierárquica entre professor e alunos existe, mas que não deve intervir em sua relação, relata que utiliza sua autoridade como professora principalmente na avaliação, que sempre interfere nos comportamentos indisciplinados, que concorda que deve controlar os mesmos e ainda que sempre utiliza recompensa e elogios, mas que não utiliza a punição. Os alunos, por sua vez, dizem que a professora estimula suas perguntas, eles afirmam que ela utiliza recompensas e elogios e são unânimes ao afirmarem que não utiliza punição. Acrescentam que algumas vezes a professora demonstra preferência por alguns alunos, que ignora outros e ainda que fica impaciente quando eles a interrompem.

No que se refere a participação nas aulas, tanto professora como alunos relatam que ela ocorre frequentemente, como resultado de um estímulo da professora. O diálogo também é visto por ambos como uma característica da relação, e os alunos ainda comentam que a professora busca com a turma as soluções dos problemas. Para a professora, quase sempre ocorrem por parte de seus alunos, comportamentos de resistência às normas disciplinares.

No que se refere a avaliação, a professora diz que considera o diálogo e a observação durante o processo como o melhor meio de avaliar, que considera os conhecimentos o mais importante para ser avaliado e que quase sempre considera aspectos não verbais em sua avaliação. Diz ainda que raramente diz aos alunos os critérios que utilizara para avaliá-los. Neste

aspecto, 36% dos alunos considera que sua professora não os avalia corretamente, 54% deles comentam que não conhecem os critérios utilizados na avaliação e 35% dizem que não receberam da professora a avaliação do trabalho que executaram.

Dentre as sugestões oferecidas, podemos citar: mais aulas práticas, a professora deverá dar mais atenção aos alunos com dificuldade, mais equipamentos e apostilas e aumento da carga horária.

Análise.

Existe coerência entre os objetivos propostos (aprendizagem dos alunos e aplicação prática) e a avaliação, que considera o fator conhecimento como fundamental.

Percebe-se dois movimentos oscilantes na postura desta professora : de um lado, levanta as necessidades do aluno, discute com eles, incentiva a participação e aceita sugestões (posturas consideradas adequadas para o curso), de outro lado, demonstra traços de centralização, diretividade e controle dos alunos, em situações que exerce seu poder de controle principalmente na avaliação e na intervenção de comportamentos indisciplinados.

E essa oscilação talvez se deve ao fato dos traços de personalidade (controle, centralização) entrarem em choque com a metodologia adotada para o trabalho no SENAI, à qual esta professora foi orientada a seguir.

Apesar de mencionar que em seu planejamento leva em consideração as necessidades dos alunos, tal fato não ocorre, o

que é demonstrado pelas respostas dos alunos e pela própria sugestão de "levar em conta as dificuldades dos alunos".

CURSO 6 - COMPUTAÇÃO GRAFICA, a nível de qualificação, com carga horária de 40 horas aula, divididas em 20 horas semanais (5 dias de 4 horas cada).

O professor é do sexo masculino, tem 49 anos de idade, é casado, possui curso superior completo em Ciências Econômicas e atua como instrutor do SENAI (Instrutor de Formação Profissional IV) há 3 anos e meio, mas está na área de educação há 20 anos. Já atuou como instrutor vários cursos de computação, economia política, estatística aplicada a educação. Participou como aluno de cursos na área de educação como FAI-I e ITD.

Os alunos são, em sua maioria (72%), do sexo masculino, casados (57%), com idade variando entre 34-37 anos (43%), e com nível de escolaridade superior completo (57%).

O professor e os alunos concordam acerca dos papéis de cada um, sendo o professor visto como um estimulador para que os alunos descubram e investiguem. O professor parece privilegiar o interesse/participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, bem como diferenciar o ensino para adultos do ensino infantil. No entanto, diz adotar uma postura diretiva ao planejar e tomar decisões relacionadas à sala de aula.

Para o professor o conteúdo da aprendizagem deve ser buscado basicamente através da leitura consciente e crítica da história do homem. Considera que o elemento mais importante para facilitar a aprendizagem do aluno é o interesse e sua participação. Ainda diz que educar adultos é totalmente diferente

de educar crianças e adolescentes e que trata os seus alunos como adultos, o que é confirmado pelas respostas de todos eles que ainda comentam que percebem seu professor mais preocupado com a aprendizagem deles. O professor ainda diz que discorda do fato de caber a ele tomar todas as decisões relacionadas a sala de aula.

A relação do professor com o SENAI é de questionamento no que se refere à programas de curso e metodologia, porém diz concordar com as normas disciplinares adotadas pela instituição.

Segundo o professor, os objetivos do curso se referem a aprendizagem dos alunos e a aplicação prática; o curso é planejado com base no programa recebido do SENAI, não havendo discussão com alunos no que se refere ao programa; os alunos são informados sobre os objetivos do curso como forma de abrir um diálogo entre professor-aluno. Já os alunos relatam que nem sempre seus interesses são levantados e a programação adequada a eles, e 43% diz que só conhecem parcialmente os objetivos do curso que estão fazendo.

O tipo de aula mais comum, segundo os alunos, é a aula prática, com o manuseio de apostilas e computadores. Existem sugestões para que os equipamentos sejam mais modernos e haja mais apostilas. O material é considerado adequado quanto ao seu conteúdo e utilização, tanto pelo professor quanto pelos alunos.

O professor diz expor a matéria de forma clara e objetiva, levando os alunos a participarem, e dialogarem e manter um bom nível de relacionamento entre os alunos, dá atenção aos alunos respondendo às suas perguntas e utilizando sua experiência

como exemplos, além de aceitar algumas sugestões. Esta postura é confirmada pelos alunos.

Tanto professor quanto alunos dizem que consideram seu relacionamento como bom (amigável), e o professor ainda comenta que sempre aprende com seus alunos. Este professor diz ainda que dá atenção e responde aos alunos, o que é confirmado pelas respostas dos mesmos, que ainda acrescentam que ele estimula suas perguntas e permite o diálogo.

O professor considera que a diferença hierárquica entre professor e alunos existe, mas que não deve interferir na relação entre eles. Apesar de dizer que não utiliza sua autoridade, relata que concorda que o professor deve controlar seus alunos, que quase sempre utiliza recompensas e elogios, (apesar de dizer que não utiliza a punição) e ainda que raramente interfere nos comportamentos indisciplinados dos alunos. Eles relatam que professor raramente os recompensa ou os elogia e tão pouco os pune, que algumas vezes demonstra preferência por alguns deles, ignorando outros e ainda que fica impaciente quando eles os interrompem.

O professor relata que não percebe nenhum tipo de resistência ao curso ou às normas disciplinares por parte dos alunos.

No que se refere a avaliação, o professor diz que o melhor meio de avaliar é através do diálogo e a observação durante todo o processo; que considera os conhecimentos como o mais importante na avaliação e que raramente considera os

aspectos não verbais. Ainda comenta que raramente diz aos alunos os critérios que utiliza para avaliá-los. Já os alunos apresentam dados contraditórios na medida em que todos dizem considerar que seu professor os avalia corretamente, 64% deles dizem conhecer quais os critérios de avaliação utilizados pelo professor e 42% diz não conhecer a avaliação que o professor fez do seu trabalho.

Dentre as sugestões mais frequentes, destaca-se a melhoria dos equipamentos e o fornecimento de material didático.

Análise.

A postura deste professor parece ser uma repetição do curso e seus módulos, independentemente dos alunos e suas necessidades. Toma todas as decisões, dirige, apresenta o conteúdo e avalia os alunos. O nível de relacionamento ocorre a nível superficial, sendo que a ênfase é para o conteúdo a ser trabalhado, não há preocupação ou espaço para o questionamento das relações de poder, considerados estanques por este professor.

Uma dificuldade parece ocorrer na medida em que este professor utiliza todos os módulos de forma indiferenciada, não levantando necessidades especiais dos alunos. No entanto, essa turma conseguiu se adaptar ao curso, tornando-o aproveitável.

CURSO 7 - MECANICO DE AUTOMOVEIS, a nível de qualificação, com carga horária de 600 horas aula, divididas em 15 horas semanais (sendo 5 dias de 3 horas cada).

O professor é do sexo masculino, possui 26 anos de idade, é solteiro, tem curso superior incompleto e atua como instrutor do SENAI (Instrutor de Formação Profissional IV) há 5 anos e meio, sendo esta sua experiência na área de educação. Atuou como instrutor nos cursos de mecânica de autos, manutenção de veículos para motoristas, manutenção periférica veicular para frentistas. Participou como aluno nos cursos na área de educação como FAI-I, ITO, Jogos e Simulações, entre outros.

Os alunos são todos do sexo masculino, a maioria casada (80%) com I grau incompleto (50%) e com idade variando de 18-21 anos (70%).

Há consenso na percepção dos papéis de professor e aluno, de modo que o professor é considerado um guia do processo ensino-aprendizagem dos alunos, que vivenciam e descobrem os conteúdos.

Para o professor, o conteúdo da aprendizagem deve ser buscado basicamente nas necessidades do aluno, segundo suas etapas evolutivas. Considera que o modo como o professor conduz a aula é o elemento mais importante para facilitar a aprendizagem do aluno. Diz ainda que educar adultos adultos é diferente de educar crianças e adolescentes, e que trata seus alunos como adultos, o que é confirmado pelas respostas dos mesmos, que dizem ainda perceber que a sua aprendizagem é o que mais preocupa seu

professor. Esse professor diz discordar do fato de caber a ele tomar todas as decisões relacionadas à sala de aula. Concorde com a disciplina do SENAI e também que adota uma postura de questionamento e discussão com chefes e colegas sobre programas e outras situações.

Segundo o professor, os objetivos perseguidos se referem a atitudes e comportamentos finais dos alunos e todo o curso é planejado a partir do diagnóstico das necessidades dos mesmos. A discussão do programa com os alunos não é rotineira, mas todos são "informados" sobre os objetivos e metas do curso. Apesar dos alunos relatarem que o professor levanta os interesses da turma, 40% diz que não adapta o programa a eles, e 50% diz que não conhece totalmente os objetivos do curso que está fazendo.

O tipo de aula mais comum, segundo professor e alunos é a expositiva, e o material é utilizado como apoio. Apesar de não haver discussão com alunos sobre as estratégias e recursos a serem utilizados, eles relatam que participam das atividades e inclusive, que algumas sugestões são acatadas pelo professor, que também utiliza a experiência dos mesmos em exemplos sobre o tema a ser trabalhado.

O material didático é utilizado pelo professor como apoio didático e tanto professor como alunos consideram que foi adequado à turma e ao tema e utilizado da melhor maneira.

Os alunos relatam que o professor expõe o conteúdo de forma clara, que os leva a participar, faz ligação entre teoria e prática e entre os conteúdos de outras aulas, além de os tratar

como adultos. O professor afirma que sempre aprende com seus alunos.

Apesar do professor dizer que o seu relacionamento com seus alunos é bom, 36% deles não consideram esse fato como verdadeiro.

Apesar do professor dizer que a diferença hierárquica entre ele e seus alunos existe, mas que não deveria intervir em sua relação, relata que concorda que ele deve controlar os alunos, que utiliza sua autoridade como professor no controle dos mesmos, que quase sempre utiliza recompensas e elogios, que sempre interfere nos comportamentos indisciplinados dos alunos punindo-os com castigos. Os alunos confirmam com suas respostas a utilização de punição por parte do professor, que quase nunca os elogia ou os recompensa e ainda que, algumas vezes, fica impaciente quando eles o interrompem.

O professor relata que os seus alunos demonstram rejeição às normas disciplinares do curso, e ainda que sempre participam intensamente das atividades desenvolvidas em sala, o que é confirmado pelos alunos, que acrescentam que ele incentiva e estimula a participação, além de buscar as soluções dos problemas com a turma. Tanto professor como alunos confirmam que o diálogo entre eles ocorre frequentemente.

No que se refere a avaliação, o professor diz que o melhor meio de avaliar é através do diálogo e a observação durante todo o processo; apesar de dizer que considera que as habilidades são o mais importante em sua avaliação, diz que

considera aspectos não verbais dos alunos ao avaliá-los. Ao analisarmos as respostas dos alunos, encontramos algumas contradições, pois apesar de todos dizerem que seu professor os avalia corretamente, 50% comenta que não conhece os critérios de avaliação que o professor utiliza, e 60% diz que não sabe qual foi a avaliação que o professor fez do seu trabalho.

Dentre as sugestões, destacam-se os pedidos para melhoramento dos equipamentos, aumento da carga horária e o fornecimento de apostilas.

Análise.

Este curso é de longa duração e pressupõe um bom relacionamento entre professor e aluno para que os objetivos sejam alcançados. É um curso que pressupõe muita prática.

O professor considera as necessidades dos alunos, os acompanha e observa, mas a ênfase mesma é dada no conteúdo do curso e a postura básica está no direcionamento, controle e centralização das decisões por parte do professor. A participação ocorre e os alunos consideram o curso e professor como bom, apesar de rejeitarem as normas disciplinares.

Aspectos como recompensas, avaliação e controle dos alunos poderiam ser melhor trabalhados por este professor.

CURSO 8 - FOTOMECANICA, a nível de qualificação, com carga horária de 300 horas aula, divididas em 15 horas semanais (sendo 5 dias de 3 horas cada).

O professor é do sexo masculino, com 32 anos de idade, casado, com nível de escolaridade de II grau completo. Está no SENAI (Instrutor de Formação Profissional III) há 6 anos e já atuou como instrutor em cursos de fotomecânica anteriores. Participou como aluno do curso FAI-I.

Os alunos são, em sua maioria, do sexo masculino (84%), solteiros (66%), com nível de escolaridade de II grau (68%) e com idade variando entre 22-41 anos (84%).

O papel do professor é visto, tanto pelo professor como pelos alunos, como animador e guia do processo de ensino-aprendizagem. Já para o papel de aluno, há certa divergência, pois para o professor o aluno deve adotar um papel passivo de receber, apreender e fixar as informações, e para os alunos ele deve assumir uma postura mais ativa e questionadora. Essas posições indicam prováveis problemas posteriores.

O professor diz basear-se nos alunos e seus interesses para delimitar seu programa de curso, além de priorizar a participação destes como elemento facilitador da aprendizagem. Ainda considera o fato dos alunos serem adultos e isto diferencia a forma de abordá-los enquanto tal, o que é confirmado pelas respostas dos alunos, que ainda dizem percebê-lo mais preocupado com sua aprendizagem.

A postura deste professor (segundo suas respostas) inclui discussões com chefes e alunos sobre conteúdo, metodologia e avaliação. Apesar de não concordar totalmente com o sistema de disciplina do SENAI, relata que adota a postura de não discutir e nem propor mudanças, mesmo não aceitando algumas coisas.

O professor indica que os objetivos a serem alcançados se relacionam com a aprendizagem dos alunos e sua aplicação prática dos conhecimentos. Ocorre a discussão do programa com os alunos, bem como a explicação dos objetivos e metas do curso. O planejamento é feito tomando como ponto de partida o diagnóstico das necessidades do aluno. Já os alunos relatam que não é sempre que o professor levanta seus interesses, 32% dizem que a programação não se adapta aos seus interesses e 66% diz não conhecer totalmente os objetivos do curso.

O tipo de aula mais frequente, segundo as respostas de professor e alunos, é a aula prática e trabalho em grupo, havendo priorização do diálogo e participação do aluno. O professor é considerado pelos alunos como portador de uma postura clara e objetiva, utilizando a experiência dos mesmos para ilustrar a aula e aceitando críticas e sugestões. Adota uma sequência nos temas trabalhados durante as aulas e utiliza adequadamente o material didático que serve como apoio; estimula a participação, responde às perguntas dos alunos e dá atenção sempre que é solicitado. Todas as atividades são desenvolvidas considerando o ritmo e as necessidades da turma, segundo o professor.

O clima de relacionamento entre professor e alunos é considerado bom por ambas as partes. O professor diz que quase sempre aprende com seus alunos.

O professor concorda que existe uma diferença hierárquica entre professor e alunos, mas que esta não deve interferir em suas relações. Apesar de dizer que não utiliza autoridade, concorda que o professor deve controlar os alunos, e revela que utiliza recompensas ou elogios, mas não punição ou castigos, além de interferir nos comportamentos indisciplinados com o diálogo. Já 66% dos alunos dizem que o professor utiliza recompensas e elogios, e 34% que ele pune e/ou ameaça, e comentam ainda, que algumas vezes demonstra preferência por alguns alunos e fica impaciente quando os alunos o interrompem.

Segundo o professor, os alunos apresentam alguns comportamentos que poderiam ser considerados de resistência como a tentativa de adaptar o ambiente para ter maior liberdade, repúdio esporádico ao ensino de normas e disciplina e a formação de grupinhos informais.

O professor indica que quase sempre os alunos participam das atividades propostas e os alunos comentam que o professor estimula a participação deles nas atividades.

No que se refere a avaliação, o professor relata que a mesma é feita através do diálogo entre professor-aluno e da observação constante, que considera basicamente os conhecimentos dos alunos, e desconsidera aspectos não-verbais. Segundo os alunos, os critérios para avaliação não são amplamente

divulgados, tão pouco as avaliações que o professor faz deles, sendo que para alguns alunos falta "FEED-BACK". Apesar disso, os alunos consideram que são avaliados corretamente pelo professor.

As sugestões mais frequentes se referem a maior número de aulas práticas e melhoria do material didático e equipamentos.

Análise.

As divergências entre professor e alunos se iniciam já na visão diferenciada que ambos têm do papel do aluno, visto por um como passivo e por outros como ativo.

Problemas ocorrem na medida em que de um lado o professor tenta controlar os alunos com recompensas, impaciência e punições, e de outro os alunos apresentam comportamentos de resistência.

Apesar disso, a convivência parece possível pelo fato do enfoque ser para o conteúdo do curso e a motivação básica de aprender nova profissão, sendo estes "outros aspectos" colocados em segundo lugar.

CURSO 9 - ELETRICISTA PREDIAL, a nível de qualificação, com carga horária de 250 horas aula, divididas em 15 horas semanais (sendo 5 dias de 3 horas cada).

O professor é do sexo masculino, tem 40 anos de idade, é casado, possui II grau completo e atua como instrutor do SENAI (Instrutor de Formação Profissional II) há 2 anos e 7 meses, sendo essa toda sua experiência na área educacional. Já atuou como instrutor nos cursos de eletricista instalador predial, instalador de água e esgoto, pedreiro e leitura de plantas. Como aluno da Área de educação, não participou de nenhum curso.

Os alunos são todos do sexo masculino, e em sua maioria, casados (70%), com idade variando entre 22-25 anos (50%), e escolaridade até II grau completo.

Há concordância quanto aos papéis de professor e aluno, sendo que o primeiro é visto como animador e guia do processo ensino-aprendizagem, cabendo ao segundo uma atividade de observar, questionar e descobrir relações.

O professor diz buscar o conteúdo da aprendizagem em livros e apostilas e considera que o elemento fundamental da aprendizagem é o modo como o professor conduz a aula, e ainda quando concorda que todas as decisões devem ser tomadas pelo professor. Diz que educar adultos é totalmente diferente que educar crianças e adolescentes, e ainda que procura tratar os seus alunos como adultos, o que é confirmado pelas respostas deles.

Em relação ao SENAI, o professor diz que adota uma postura de abertura e discussão, e que por não concordar totalmente com a disciplina do SENAI e adaptações quando necessário.

Segundo o professor, os objetivos perseguidos se referem a aprendizagem dos alunos e aplicação prática em suas vidas; o curso é planejado tomando como base o programa de curso do SENAI, que após ser definido, é transmitido aos alunos, incluindo metas e objetivos. A maioria dos alunos relata conhecer os objetivos do curso, e ainda que seu professor levanta os interesses da turma e adapta o programa a eles. Este professor diz que cabe a ele tomar todas as decisões relacionadas a sala de aula.

Segundo as respostas de professor e alunos, o material didático é utilizado de forma adequada, e adaptado à turma e às suas necessidades.

O professor é visto pelos alunos como pessoa que se comunica de forma clara e objetiva, fazendo ligação entre teoria e prática, estimulando sua participação e utilizando a experiência dos mesmos em suas aulas.

As necessidades dos alunos não recebem, por parte do professor, a prioridade necessária, o que pode ser verificado pelo fato dos alunos relatarem que não é feito nem um diagnóstico das necessidades e tão pouco adaptação do curso à turma.

Apesar do professor dizer que seu relacionamento com os alunos é bom, 20% deles não concordam com essa afirmação. O professor diz que sempre aprende com seus alunos.

O professor afirma que considera que a diferença hierárquica entre professor-aluno sempre existiu e deve ser respeitada, que o professor deve controlar os alunos e que utiliza sua autoridade principalmente no relacionamento de controle dos alunos. Ainda diz que sempre utiliza recompensas e elogios, além de punição (que faz ignorando os alunos). O professor ainda comenta que sempre interfere nos comportamentos indisciplinados dos alunos. Os alunos confirmam as proposições apresentadas pelo professor.

Este professor comenta que a turma apresenta alguns comportamentos de resistência, expressa através de tentativas constantes dos alunos de adaptarem o ambiente para terem mais liberdade, formação de grupinhos informais e repúdio ao ensino de normas/disciplina, ainda que a frequência dos dois últimos seja esporádica.

No que se refere a avaliação, o professor diz que a mesma é feita através da verificação do alcance dos objetivos comportamentais propostos; que considera fundamentalmente as atitudes dos alunos e desconsidera aspectos não-verbais. Apesar do professor dizer que informa aos alunos acerca dos critérios que utilizará para a avaliação, 50% deles dizem não conhecê-los. O mais contraditório ainda é que mesmo assim, 100% dizem ser avaliados corretamente pelo professor.

Dentre as sugestões, as mais constantes se referem a pedidos por mais aulas práticas e manuseio com o material, estágios pós-curso e mais estímulo aos alunos.

Análise.

O discurso que este professor adota vai de encontro ao esperado para um curso de educação de adultos. No entanto, na postura, na prática e as respostas dos alunos nos levam a crer que existe uma certa discrepância, pois tanto na avaliação, quanto no relacionamento com os alunos ou no controle dos mesmos adota atitudes que geram respostas de incompreensão ou resistência por parte dos alunos.

Talvez um trabalho de percepção sobre sua prática com este professor poderia auxiliá-lo a se conduzir de um modo mais satisfatório.

Este professor ainda não participou de nenhum curso de formação dado pelo SENAI. Esta dado pode influenciar em sua postura como professor, visto que ainda não manteve contato e nem recebeu formação adequada para trabalhar como instrutor de formação profissional, segundo os critérios do SENAI.

CURSO 10 - IMPRESSOR DE OFF SET, a nível de qualificação, com carga horária de 300 horas aula, divididas em 15 horas semanais (sendo 5 dias de 3 horas cada).

O professor é do sexo masculino, tem 40 anos de idade, é casado, possui II grau completo e atua como instrutor do SENAI (Instrutor de Formação Profissional III) há 7 anos, sendo esta sua experiência na área de educação. Já atuou como instrutor nos cursos de instrutor de OFFSET, e tipografia (impressor). Como aluno na área de educação, fez o FAI-T, ITO „Jogos e Simulações e Dinâmica de Grupos.

Os alunos são, em sua maioria, do sexo masculino (92%), solteiros (66%), com escolaridade a nível de II grau (68%) e idade variando entre 22-29 anos (50%).

Há concordância acerca dos papéis de professor e de aluno - o primeiro sendo considerado como guia e animador do processo ensino-aprendizagem e o segundo como observador, crítico e descobridor de relações. Existe uma contradição na postura dos alunos, na medida em que após optarem por este papel de aluno, 34% coloca que as funções do aluno incluem cumprir as determinações do professor desde que concordem, o que assume um caráter meio limitador/passivo de sua atividade.

Para o professor, o conteúdo da aprendizagem deve ser buscado, basicamente, nas necessidades do aluno, que diagnóstica e que servem de base à sua programação de curso.

Este professor diz que educar adultos é diferente de educar crianças e adolescentes e que trata seus alunos como adultos, o que é confirmado pelas respostas dos mesmos, que ainda percebem sua aprendizagem como a principal preocupação de seu professor. O professor diz que discorda que todas as decisões relacionadas a sala de aula devem ser tomadas por ele.

A postura básica do professor em relação ao SENAI (segundo suas respostas), é de abertura, discussão e receptividade. Diz que concorda parcialmente com algumas coisas, discutindo e adaptando as que não concorda.

Apesar de considerar as necessidades da turma, o professor diz que elabora o seu planejamento baseando no programa de curso recebido do SENAI e tem como objetivo final a aprendizagem dos alunos e a aplicação prática do aprendido. Relata que discute com alunos o programa, inclusive considerando isso como um fator motivador. A maioria dos alunos confirmam com suas respostas, esta postura do professor, a única dificuldade levantada se refere ao fato de que 42% dos alunos relatam que não conhecem totalmente os objetivos do curso.

Apesar do professor considerar o diálogo como a melhor técnica de ensino, os alunos relatam que o tipo de aula mais comum neste curso é a expositiva, feita pelo professor. Inclusive uma das sugestões mais frequentes se relaciona com o pedido de mais aulas práticas e maior participação dos alunos.

O material didático foi considerado pelos alunos e pelo professor como adequadamente utilizado, apesar de estarem defasados, e ainda faltarem apostilas e textos para os alunos.

O professor diz que utiliza a experiência dos alunos e às vezes aceita sugestões dos mesmos ; que as necessidades dos alunos são levantadas podendo o programa ser adaptado a elas. Os alunos confirmam estas colocações e dizem que o professor é claro e objetivo, incentiva os alunos, faz ligação entre teoria e prática e de uma aula com a outra, demonstrando segurança no que ensina.

Tanto professor quanto alunos concordam que o seu relacionamento é bom.O professor diz que sempre aprende com seus alunos.

Diz ainda , que concorda que existe diferença hierárquica entre professor e aluno, mas que ela não deve interferir em sua relação com eles; ao mesmo tempo, comenta que o professor deve controlar os alunos, e, apesar de dizer que não utiliza autoridade, diz recompensar e elogiar seus alunos, e não puni-los.Admite que interfere nos comportamentos indisciplinados dos alunos, o que é confirmado pelas respostas destes.

Segundo o professor, os alunos quase sempre participam das atividades propostas por ele e dizem que o professor desenvolve o tema incentivando sua participação na aula.

O professor indica que observa alguns comportamentos de resistência ao curso e as normas disciplinares, como o repúdio ao ensino velado de normas e disciplina e a formação de grupinhos

informais.

No que se refere a avaliação, segundo o professor, é feita através do diálogo e observação, considerando principalmente as habilidades desenvolvidas e os aspectos não-verbais. Os critérios de avaliação são divulgados pelo professor, porém segundo as respostas dos alunos, muitos não os conhecem, mas mesmo assim consideram que são avaliados corretamente.

As sugestões mais comuns referem-se ao pedido de mais aulas práticas, mais equipamentos, mais carga horária e maior participação dos alunos.

Análise

A participação do aluno é considerada como o fator fundamental para a aprendizagem, e o professor tanto concorda com isso que submete seu programa, metodologia e formas de avaliação para que os alunos opinem e dêem sugestões.

Apesar disso, este professor centraliza o curso em sua pessoa, direcionando e controlando os alunos que, apesar de dialogarem e participarem das atividades, também apresentam comportamentos de resistência e não compreendem a avaliação do curso.

CURSO 11 - PLANILHA ELETRONICA, a nível de suprimento, com carga horária de 30 horas aula, com 15 horas semanais (divididas em 5 sessões de 3 horas cada.)

O professor é do sexo masculino, tem 30 anos de idade, é casado, possui curso superior completo em Administração de Empresas e atua como instrutor do SENAI (Instrutor de Formação Profissional III), há 1 ano e 8 meses. Além disso é professor na Universidade Federal de Goiás há 2 anos. Já atuou como instrutor em outros cursos de informática. Como aluno na área de educação, não fez cursos de Didática básica, Jogos e Simulações, e Recursos audio-visuais.

Os alunos são, em sua maioria, do sexo masculino (90%), casados (58%), com nível de escolaridade superior completo (50%) e idade variando de 18-45 anos.

Há convergência nas idéias de professor e alunos sobre os papéis de cada um, cabendo ao professor guiar e animar o processo ensino-aprendizagem, e ao aluno descobrir, observar e criticar.

Para o professor, o conteúdo da aprendizagem deve ser buscado nas necessidades dos alunos, pois o elemento mais importante é o interesse e a participação dos alunos; cabe ao professor discutir com os alunos antes de tomar decisões que os envolvem e ainda considera que, educar adultos, é muito diferente de educar crianças e adolescentes, e por isso, trata seus alunos como adultos, o que é confirmado pelas respostas deles, que ainda

dizem percebê-lo mais preocupados com sua aprendizagem.

O professor diz que recebe o programa do SENAI, planeja e discute com os alunos sobre o curso. Relata que concorda parcialmente com a disciplina do SENAI, e ainda que discute e adapta os pontos em desacordo.

Segundo o professor, o planejamento do curso é elaborado a partir do levantamento das necessidades dos alunos e seus objetivos visam a aprendizagem e aplicação prática do que foi trabalhado. A discussão do programa é feita com os alunos, visando o acompanhamento do processo e a adaptação de expectativas a que o curso se propõe. Já para os alunos a situação parece diferente, pois a metade deles respondeu que nem sempre o professor levanta suas necessidades e nem adapta a programação a elas.

Segundo as respostas do professor e dos alunos, as técnicas mais utilizadas são dinâmicas grupais participativas e as aulas mais comuns são as aulas práticas. O material utilizado é considerado resumido e superficial e o número de equipamentos é pequeno.

Os alunos relatam que seu professor dá atenção a eles, é claro e objetivo, estimula a participação e faz ligação entre a teoria e a prática, utiliza suas experiências durante as aulas, aceita sugestões e levanta as necessidades da turma visando adaptar a programação a eles.

O professor diz concordar que cabe a ele todas as decisões relacionadas a sala de aula.

O clima de relacionamento entre professor e alunos é considerado por ambos como bom e o professor diz que quase sempre aprende com seus alunos.

O professor comenta que concorda que a diferença hierárquica entre professor e aluno exista, porém, apesar de dizer que ela não deve interferir nas suas relações, relata que utiliza sua autoridade como professor principalmente no planejamento, que utiliza recompensas ou elogios e punições (através de castigos), quase sempre interferindo nos comportamentos indisciplinados de seus alunos. Os alunos, por sua vez, confirmam com suas respostas estas atitudes do professor.

Tanto professor como alunos comentam que o diálogo ocorre frequentemente e os alunos acrescentam que seu professor busca com a turma as soluções para os problemas surgidos.

Segundo o professor, tanto a participação dos alunos nas atividades quanto alguns comportamentos de resistência ocorrem nesta turma. Os comportamento de resistência podem ser exemplificados, como o fato de alguns alunos não seguirem a turma quando conhecem o assunto que está sendo trabalhado, ou quando formam grupinhos informais.

No que se refere a avaliação, o professor considera que o melhor meio de avaliar é através do diálogo e observação durante o processo de ensino e aprendizagem, e relata que leva em conta, principalmente, as habilidades desenvolvidas e observa

também os aspectos não-verbais para a avaliação. Ainda relata que é importante dizer aos alunos sobre os critérios que utilizará para avaliá-los . Porém, a grande maioria dos alunos relata que não conhece os critérios de avaliação e tão pouco a avaliação que ele fez do seu trabalho.O mais interessante é que mesmo assim, 92% considera que são avaliados adequadamente pelo professor.

Dentre as sugestões mais frequentes, podemos citar a proposta para aumentar a carga horária, mais equipamentos e a implantação de um sistema de avaliação.

Análise.

Trata-se de um curso de curta duração, a nível de reciclagem. O relacionamento entre professor e alunos fica prejudicado devido a falta de tempo, e muitos dos aspectos de diálogo e discussões ficam para o segundo plano.

Relacionamento superficial, falta de diálogo e problemas de resistência ao curso e incompreensão quanto a avaliação são algumas das consequencias que poderiam ser minimizadas com um bom contrato inicial de trabalho.

CURSO 12 - SISTEMA OPERACIONAL, a nível de suprimento, com carga horária de 15 horas aula,(distribuidas em 5 dias de 3 horas cada.)

O professor é do sexo masculino, tem 28 anos de idade, é casado, possui curso superior completo em Engenharia Elétrica atua como instrutor do SENAI(Instrutor de Formação Profissional III) há 2 anos, mas atua como professor em treinamentos de empresas há 5 anos. Atuou como instrutor em outros cursos informática. Como aluno na área de educação, participou dos cursos de Didática Básica e Monitor.

Os alunos são, em sua maioria do sexo masculino, (73%), casados (67%), possuem nível de escolaridade de II grau completo (59%) e idade variando entre 22-35 anos (49%).

O professor e alunos concordam quanto ao papel ativo e complementar de ambos, visando a aprendizagem dos alunos.

Para este professor, o conteúdo da aprendizagem deve ser buscado basicamente nas necessidades dos alunos, segundo suas etapas evolutivas. Considera que o interesse e participação dos alunos são os principais elementos para sua aprendizagem. Ainda coloca que existem diferenças entre educar adultos e crianças e adolescentes, motivo pelo qual procura tratar seus alunos como adultos, o que é confirmado pelas respostas deles.

O professor diz discordar que cabe a ele tomar todas as decisões relacionadas à sala de aula.

A postura deste professor em relação ao SENAI segundo suas respostas, é de receber o seu conteúdo e discutir com os

alunos sobre o curso. Diz discordar do sistema disciplinar para os alunos, mas que não discute nem propõe mudanças, apesar de adaptá-lo para sua sala.

O planejamento do curso é feito baseado no diagnóstico das necessidades dos alunos e visa principalmente a aprendizagem do aluno e a aplicação prática dos conhecimentos aprendidos. Há a divulgação e explicação das metas e objetivos do curso aos alunos, porém raramente se discute o programa do curso. A maioria dos alunos confirmam estas respostas, a não ser as que se referem a divulgação dos objetivos curso, pois 34% deles disseram não conhecê-los claramente.

O professor considera que a melhor técnica de ensinar é através de dinâmicas grupais participativas, sendo o tipo de aula mais comum no curso a aula prática com a participação dos alunos, o que os alunos confirmam com suas respostas.

O material didático é visto pelo professor como apoio e sua utilização é considerada adequada pelos alunos, apesar de surgirem sugestões para melhoria e aprofundamento dos temas nas apostilas.

O professor é recebido pelos alunos como alguém que se comunica de forma clara e objetiva, e também que dá atenção aos alunos e incentiva a sua participação. Ele faz ligação entre teoria e prática e entre as aulas, além de utilizar a experiência dos alunos, acata algumas sugestões deles e procura adaptar o programa às necessidades dos mesmos.

O clima de relacionamento entre professor e alunos é considerado como bom por ambas as partes. O professor diz que sempre aprende com os alunos.

O professor considera que a diferença hierárquica entre professor e aluno não deve existir ; diz que não utiliza sua autoridade como professor, apesar de relatar que utiliza elogios e recompensas e que também interfere frequentemente nos comportamentos indisciplinados dos alunos. Os alunos dizem que ele utiliza recompensa, mas não a punição.

Segundo as respostas de professor e alunos, a participação e o diálogo ocorrem frequentemente, e quase não se percebem comportamentos de resistência por parte dos alunos, a não ser algumas adaptações que eles fazem para sair da sala ou a formação de grupinhos informais.

No que se refere a avaliação , o professor comenta que considera que o melhor meio de avaliar é através do diálogo e da observação durante todo o processo de ensino-aprendizagem, e ainda , que considera os aspectos não-verbais em sua avaliação e que prioriza as habilidades desenvolvidas. Apesar do professor relatar que diz aos alunos os critérios que utilizará para avaliá-los, os alunos dizem que não os conhecem e tão pouco são avaliados de maneira formal, inclusive sugerindo que seja instituída uma avaliação para os próximos cursos.

Dentre as sugestões mais frequentes se colocam a necessidade de mais equipamentos atualizados, maior carga horária, distribuição de apostilas e avaliação dos alunos.

Análise.

Trata-se de um curso de reciclagem de curta duração, onde o enfoque principal deve ser para o conteúdo a ser trabalhado.

O professor adota uma postura aberta e estimula a participação dos alunos, mas peca ao não comentar os objetivos ou a avaliação com os mesmos. Mesmo assim, o relacionamento é considerado satisfatório.

CURSO 13 - ETIQUETA E POSTURA PROFISSIONAL, a nível de suprimimento, com carga horária de 15 horas aulas, (distribuidas em cinco sessões de três horas cada.)

A professora é do sexo feminino, tem 45 anos de idade, é casada, possui pós-graduação e atua como instrutora do SENAI (Instrutora de Formação Profissional IV) há 22 anos. Também é professora da Universidade Católica de Goiás e Faculdade Anhanguera. Já atuou como instrutora nos cursos de Atendimento ao Público, Relações Interpessoais, Redação Oficial, Etiqueta e Postura Pessoal, Capacitação para Secretárias, Documentação e Arquivos. Como aluna na área de educação participou dos cursos de Didática Básica , FAI, ITU, Jogos e Simulações, Audio visuais, Psicologia do Adolescente, dentre outros.

As alunas são todas do sexo feminino, e em sua maioria, solteira (70%), com idade entre 18-21 anos (54%) e escolaridade variando entre II grau completo e superior incompleto (56%).

Há concordância entre professora e alunas sobre os papéis de ambas, entendidos como ativos e complementares, onde a professora age como guia e estimuladora e as alunas como observadoras e descobridoras de relações entre os fenômenos.

Para a professora, o conteúdo da aprendizagem deve ser buscado nos livros e apostilas. O elemento que considera mais importante para facilitar a aprendizagem das alunas é seu interesse e participação. Considera ainda que existem diferenças entre educar adultos e crianças/adolescentes, o que o leva a tratar suas alunas como adultas, o que é confirmado pelas

respostas das mesmas.

A professora diz que nem todas as decisões relacionadas a sua sala de aula cabem a ela. Esta professora relata que seu papel é o de receber do SENAI o planejamento e executá-lo, podendo discutir e alterar o programa de curso e ainda que concorda com suas normas disciplinares e quando surgem divergências, discute e adapta.

O planejamento do curso é elaborado pela professora, que diz tomar como base o diagnóstico das necessidades das alunas, tendo como objetivo principal a aprendizagem das mesmas e a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos.

Apesar de não adotar como prática a discussão do programa com as alunas, a professora apresenta e discute as metas e objetivos visando despertar maior interesse. As respostas das alunas confirmam estes dados.

Enquanto a professora relata que o tipo de técnica que considera mais adequado são as dinâmicas grupais participativas, as alunas dizem que o tipo de aula mais comum são as aulas expositivas.

O material didático e sua utilização é considerado pela professora e alunas como adequado à turma, sendo que a professora o utiliza como material de apoio.

A professora é vista pelas alunas como alguém que se comunica de forma clara e objetiva, e ainda que incentiva a participação, faz ligações e relações entre teoria e prática e entre as aulas, utiliza a experiência das alunas nas aulas, dá atenção às mesmas e procura adaptar o curso as suas

necessidades .

Apesar da professora dizer que o clima de relacionamento com sua turma é bom, 46% das alunas relatam que nem sempre isso ocorre. A professora diz que sempre aprende com suas alunas.

Para a professora, a diferença hierárquica entre professor-aluno existe, mas não deve interferir em sua interação. No entanto, concorda que o professor deve controlar o aluno, diz que utiliza sua autoridade principalmente no planejamento, utiliza recompensas e elogios, mas não a punição e admite que quase sempre interfere nos comportamentos indisciplinados dos alunos. As respostas das alunas confirmam que ela utiliza recompensas e elogios, mas não punição.

A participação e o diálogo são uma constante, segundo as respostas de ambas as partes e os comportamentos de resistência às normas disciplinares , ocorrem de forma esporádica.

No que se refere a avaliação, a professora diz que considera que a melhor maneira de avaliar é através do diálogo e observação durante o processo de ensino-aprendizagem, que prioriza as habilidades desenvolvidas e raramente considera aspectos não-verbais em sua avaliação. Apesar da professora relatar que divulga quais os critérios que utilizará para avaliar as alunas, 54% delas não os percebem de modo claro, tão pouco conhecem a avaliação que ela fez do seu trabalho.

Dentre as sugestões, as mais frequentes se referem a necessidade de mais aulas práticas, de distribuir mais material e

avaliar cada módulo.

Análise

Outro curso de curta duração.

Esta professora adota um discurso incoerente com sua prática, pois as respostas das alunas demonstra que existem alguns problemas de relacionamento e no sistema de avaliação

Apesar disso, a postura da professora é considerada adequada pelas alunas na maioria das situações, o que presuppõe conhecimento dos princípios básicos em educação de adultos.

Capítulo 7 - ANÁLISE DOS RESULTADOS

A seguir será feita uma análise dos dados apresentados e para a qual nos apoiaremos no referencial teórico deste estudo e nas propostas do SENAI.

Para o SENAI, a denominação de adulto se refere ao aluno maior de 18 anos de idade, conforme a legislação de sua criação, apesar de que, em 1967, passou a atender a alunos menores também. No entanto, a maior parte de seus alunos é constituída de adultos.

Embora o SENAI não faça nenhuma caracterização do aluno adulto, percebe-se que, implicitamente, através da metodologia utilizada, a adoção de alguns pressupostos, tais como: o adulto possui experiência; predomínio da razão; aceita responsabilidades; tem consciência de que sabe certas coisas, ignora outras e possui seus limites, além de tender a um equilíbrio de personalidade.

Observa-se também coerência do SENAI no sentido de tratar seu aluno como adulto, na medida em que o aborda sempre lembrando que ele está mais interessado na aplicação prática do que na teoria; considerando as expectativas, perspectivas e motivações individuais e ainda suas experiências anteriores.

Dentre os fatores que motivam o adulto a aprender está a busca de auto-afirmação profissional, de obtenção de prestígio, de novas perspectivas e de orientação. A motivação central é a busca do desenvolvimento profissional, o que de fato se espera de uma clientela de curso profissionalizante.

No que se refere aos pressupostos sobre a educação, existe concordância entre professores e alunos no que se refere ao papel do professor, compreendido como guia e animador do processo ensino-aprendizagem, o que indica uma certa descentralização do poder por parte do professor. A adoção deste pressuposto é considerada como bastante adequada para lidar com alunos adultos e se mostra reforçado na medida em que é dado ao aluno um papel de observador e experimentador, advindo daí certa abertura e liberdade para participar e opinar.

A maior fonte para buscar o conteúdo da aprendizagem, e que serve de base para a elaboração do programa de curso, são as necessidades do aluno, entendidas aqui, desde aquelas relacionadas à necessidades primárias, de segurança, sociais, de auto-estima e de auto-realização (segundo Maslow - [?] op. cit.).

É interessante salientar que o levantamento dessas necessidades do aluno é realizado nos cursos de suprimento ou reciclagem, porém, com maior dificuldade nos cursos de qualificação, por estes já terem, pre-determinados (por legislação) alguns temas a serem desenvolvidos. Considera-se que

esta preocupação - em satisfazer as necessidades do aluno - vêm de encontro à proposta da educação de adultos.

O elemento considerado como mais importante para facilitar a aprendizagem do aluno oscila entre a metodologia utilizada pelo professor e a figura do aluno. Observa-se que a ênfase na metodologia é mais frequente nos cursos de qualificação (que possuem como característica uma duração maior e professores com nível de escolaridade técnico, em sua maioria) e que a ênfase na figura do aluno é mais frequente nos cursos de suprimento ou reciclagem (onde a qualificação dos professores é, em sua maioria, superior).

Apesar da maioria dos professores considerar importante que os alunos compreendam as metas e objetivos do curso, existem restrições por parte dos mesmos sobre a discussão dos programas com os alunos. Verifica-se aqui uma incoerência nas atitudes dos professores, pois como podem seus alunos compreenderem as metas e objetivos do curso se os programas não são divulgados e discutidos? Tal divergência leva, possivelmente, professores e alunos a divergirem na persecução dos objetivos do curso.

A literatura demonstra que o processo ensino-aprendizagem é dinâmico, e que supõe alguns princípios básicos. O GENAI adota muitos deles, a nível de discurso, mas na prática, observa-se dificuldades na aplicação de alguns. Entre os mais amplamente aplicados nos cursos estudados, podem ser citados: a utilização de experiências pessoais do aluno, a definição de

objetivos, a promoção da participação e o enfoque em problemas práticos. Os dados indicam certa dificuldade, por parte dos professores, em manter o foco no aluno, em desenvolver um acompanhamento individualizado e contínuo e em desenvolver uma reflexão crítica. Estas dificuldades, por parte dos professores, acaba por comprometer a aprendizagem final do aluno, que é levado a assumir uma postura mais passiva-receptiva, portanto, menos crítica e participativa, o que pode interessar indiretamente a indústria.

Na fase de planejamento, os objetivos perseguidos pelos professores são a aprendizagem dos alunos e a aplicação prática dos conhecimentos na vida dos mesmos. Estes objetivos são coerentes e sintônicos com os objetivos e as propostas do SENAI. Os alunos, por sua vez, percebem que o seu professor está mais preocupado com sua aprendizagem, o que vem demonstrar perseguição dos objetivos acima mencionados.

No que se refere à metodologia, não se verifica consenso entre os professores quanto a melhor técnica a utilizar em suas aulas. Isto pode ser compreensível, devido a diversidade de situações e cursos pesquisados, bem como a autonomia do professor para decidir qual técnica irá adotar para trabalhar cada conteúdo.

O material didático é utilizado como apoio pelo professor, e a grande maioria dos alunos consideram que é utilizado de uma forma adequada, sendo motivador e apropriado ao tema e às suas necessidades.

O desempenho do professor é visto pelos alunos como o esperado, na medida em que desenvolve o tema da aula de forma adequada, apresenta o conteúdo de maneira clara e objetiva, é capaz de explicar bem o tema proposto, faz conclusão ao final da aula, faz ligação entre as aulas e entre a teoria e a experiência prática dos alunos.

Apesar da maioria dos alunos considerarem que o ambiente físico e as atividades desenvolvidas são adequadas, alguns colocam, a nível de sugestões, que os cursos deveriam otimizar seus materiais, equipamentos e máquinas. Isso demonstra que se faz necessária uma melhor adaptação do material e equipamentos utilizados durante os cursos no sentido de acompanharem as constantes mudanças tecnológicas a nível de mercado de trabalho.

Ainda no que se refere à metodologia, verifica-se a existência de alguns aspectos que, apesar de serem citados teoricamente pelo SENAI, dificilmente são aplicados. O SENAI apresenta como princípios metodológicos a participação e motivação plena do aluno, o enfoque na realidade e na experiência real, a existência de um clima aberto e um professor flexível. Estes princípios são aplicados, porém, no que se refere a utilização de métodos que levem o aluno a despertar sua consciência crítico-social, a buscar a verdade, a ensinar o aluno a pensar por si mesmo, percebe-se certa dificuldade de aplicá-los, pelo menos nos cursos pesquisados. Esta dificuldade pode ser explicada ao se observar que o MII e as SMO focalizam

cur.

principalmente as atividades e habilidades a serem desenvolvidas para o melhor desempenho das mesmas. Não existe uma preocupação além da própria técnica, o que seria indispensável para o desenvolvimento dessas habilidades.

Na avaliação, um dos métodos mais utilizados, segundo os professores, é a discussão e acompanhamento do aluno, o que é coerente com a proposta de um ensino participativo para adultos. A maioria dos professores relatam ainda que consideram aspectos não-verbais dos alunos ao avaliá-los. Esta postura vem demonstrar coerência, pois a medida em que os objetivos a serem alcançados (estipulados na fase de planejamento do curso) se referem a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos, a melhor maneira de se avaliar as habilidades é através da observação e acompanhamento da execução destas habilidades no desempenho das atividades propostas, que deve, por sua vez, considerar aspectos não-verbais dos alunos.

Percebe-se na avaliação um dos aspectos mais discrepantes entre os dados levantados e a proposta do SENAI. Enquanto o SENAI propõe que a avaliação seja coerente com os objetivos, métodos e procedimentos utilizados, que esteja relacionada com a aprendizagem, que seja contínua e voltada para o desempenho do aluno, 48% dos alunos dizem desconhecer os critérios e os resultados de sua avaliação. Alguns alunos chegam a propor inclusive a implantação de um sistema de avaliação para os cursos de reciclagem e suprimento. Tal fato ainda é mais preocupante quando se verifica que alguns professores afirmam

que utilizam seu poder e autoridade como professor no controle dos alunos através de notas.

O poder do professor tem como base principal um poder legítimo, na medida em que existe um regimento interno no SENAI com seu papel e funções determinados; ocorre também baseado no poder de referência e de conhecimento ou de informação que o professor possui. Além destes, alguns professores ainda adicionam o poder de coerção e de recompensa em sua prática docente, o que faz com que a qualidade de sua relação com o aluno fique comprometida.

Segundo Tofler (1990), o poder que tem como base o conhecimento é o de melhor qualidade, e portanto a autoridade do professor deve se basear principalmente neste aspecto.

Galbraith (1986) lembra que o poder pode se dar a nível consciente (condigno e compensatório) e a nível inconsciente (condicionado). Os dados indicaram que estas três formas estão presentes na relação entre professores e alunos do SENAI. A utilização do poder condigno e compensatório pode ser exemplificada através da obtenção de comportamentos dos alunos através da punição e de recompensas. Já o poder condicionado é exercido mediante a tentativa do professor em mudar uma convicção ou crença dos alunos, através da transmissão de conhecimentos e habilidades em conjunto com a ideologia dominante.

Burbules (1985) diz que o poder também advém da forma como as duas partes (no caso, professor e alunos) lidam com os

conflitos, podendo direcionar a relação tanto para a integração (consenso) quanto para a desintegração (dominação, submissão).

Os dados indicam que alguns aspectos são trabalhados nos cursos de forma a haver consenso e participação (discussão, troca de idéias e sugestões), outras vezes, são trabalhados de forma a centralizar na figura do professor (tendendo para a dominação e esperando uma atitude de submissão por parte dos alunos, o que nem sempre ocorre). Percebe-se uma tendência clara de centralização do professor nos cursos 3, 6, 7, 8 e 10*, contra uma tendência participativa nos cursos 4 e 12. Os demais cursos apresentam um movimento de oscilação entre as duas tendências.

Os comportamentos de resistência verificados ocorreram por parte dos alunos nos cursos 3, 5, 7, 8, 9, 10 e 11, o que demonstra que esses comportamentos ocorrem quase sempre em decorrência de uma atitude centralizadora por parte do professor.

* cursos : (Cursos de 1 a 10 são a nível de qualificação) 1- Eletricista predial; 2- Computação gráfica ; 3- Fitomecânica ; 4- Mecânica de autos ; 5- Impressor de off-set ; 6- Pintura de autos; 7- Montador de calçados; 8- Cortador de tecidos; 9- Costureiro industrial ; 10- Modelagem industrial feminina; (Cursos de 11 e 13 são a nível de suprimento) 11- Sistema operacional ; 12- Plaquilha eletrônica ; 13- Etiqueta e postura profissional.

O clima de relacionamento entre professor e alunos é considerado bom por ambas as partes. O diálogo ocorre normalmente, e os alunos se percebem tratados como adultos na grande maioria dos cursos.

Os professores também concordam com a existência de diferença hierárquica entre a figura do professor e a do aluno. Apesar da maioria dos professores afirmar que não utiliza sua autoridade como professor, alguns dizem utilizá-la na fase de planejamento e outros, ainda, no relacionamento de controle dos alunos. Existe, inclusive, uma grande tendência por parte destes professores em considerar o controle dos alunos como sua tarefa. A maioria ainda relata que interfere nos comportamentos indisciplinados dos alunos, o que também pressupõe a utilização de poder e autoridade.

Embora ocorra em baixa frequência, alguns professores utilizam recompensas e elogios. A punição também é utilizada - atitude esta que pressupõe dificuldades por parte do professor para lidar com a turma. A resistência dos alunos é decorrente, possivelmente de sua atitude centralizadora.

Como os cursos de formação para instrutores não abordam as atitudes como enfoque principal, as relações de poder entre professor e aluno ficam para o segundo plano, e na dependência da postura individual de cada professor. Assim, algumas incoerências ou oscilações entre o discurso e a prática ocorrem. Apesar da maioria dos professores dizer ter uma postura aberta, participativa e centrada no aluno e em suas

necessidades, adotam uma postura centralizadora e diretiva, com atitudes que vêm contrapor-se a esta proposta.

É interessante ressaltar como os professores vêem seu poder de modo pouco claro. Enquanto por um lado dizem que seu poder não deveria interferir em sua relação com os alunos, ao mesmo tempo afirmam que controlam os comportamentos dos alunos, punem, recompensam e até mesmo utilizam seu poder de professor ora no planejamento, ora na avaliação, ora no controle dos alunos.

Esses dados vêm reforçar a tese de que as relações de poder entre professor e aluno não são abordadas a nível de atitudes na formação dos instrutores, fazendo com que eles, muitas vezes, adotem um discurso baseando-se em conteúdos aprendidos a nível de informação, relacionados com metodologia, mas que ficam impossibilitados de aplicá-los na prática pela interveniência de variáveis, como fatores de personalidade, por exemplo.

Já os alunos, habituados a um sistema educacional baseado na pedagogia tradicional (com enfoque na figura do professor), e tendo como motivação básica a busca de desenvolvimento profissional, não se posicionam explicitamente de forma a questionar as contradições, apesar de adotarem algumas atitudes de resistência. Desse modo, os conflitos dificilmente submergem do nível latente, pois o enfoque privilegia o conteúdo e os aspectos quantitativos e os profissionais, conseqüentemente cidadãos formados "globalmente" são instruídos implicitamente

de modo a se adaptarem às situações da vida cotidiana de uma indústria.

De fato „a maioria dos alunos buscam os cursos do SENAI visando melhoria na formação profissional „ havendo coincidência com os objetivos da instituição. Os alunos percebem que o que estão aprendendo no curso é aplicável a seu trabalho e sua vida. Desta maneira, o interesse dos alunos pelo curso que estão fazendo é muito grande, sendo que consideram que quase tudo que aprendem é novo ou faz inovações.

Apesar de estarem contentes com os cursos, os alunos sugerem reformulações tais como : aumentar a carga horária dos cursos (cursos 1,2,3,4,7,8,10,11,12 e 13) ; aumentar e melhorar as máquinas e equipamentos utilizados (cursos 2,4,6,7,8,10,11 e 12) ; aumentar o número de aulas práticas (cursos 3,4,9,10 e 13) e distribuir material didático atualizado (curso 5,6,7,8 e 12).

Além destas , os alunos ainda sugerem que se implante também para o período noturno „ o que se justifica, pois muitos deles vêm do trabalho direto para as aulas .

UM ENFOQUE NO SENAI

Dentre os objetivos e metas a serem alcançadas , o SENAI prioriza : a educação global do indivíduo visando formar um cidadão ; dar acesso a alunos para que completem ou adquiram uma formação profissional ; desenvolver ou cooperar com pesquisas de interesse da indústria e, finalmente , descobrir, desenvolver e

Profa. P. e. F. / M. G. de

melhorar as aptidões do homem.

Esses objetivos são alcançados de uma maneira geral, porém no que se refere a educação global do aluno, deixa algumas lacunas, pois o perfil traçado para o aluno ao final da formação é o de um homem renovado, concebido como profissional, pessoa e cidadão auto-confiante, com espírito crítico, inovador, que cria e melhora as condições de trabalho. Para que se alcance esse perfil, alguns aspectos na postura adotada devem ser modificados, como a grande tendência de certos professores a centralização e diretividade nos cursos, a consideração das necessidades e expectativas dos alunos serem colocadas em segundo plano em detrimento do programa ou do professor, um sistema de avaliação que não propicia o questionamento crítico do aluno e algumas atitudes de controle disciplinar adotadas por alguns professores. Estes aspectos são considerados incompatíveis com a proposta de formação de um homem crítico, auto-confiante e participativo.

curriculo

Na relação que o SENAI mantém com seus professores, percebe-se grande preocupação com o seu aspecto formal, na medida em que possui um regimento interno, a descrição das funções dos professores, um sistema de avaliação e uma classificação dos professores, de acordo com sua qualificação (que inclui titulação relacionada com grau de escolaridade e tempo de experiência, basicamente) .Dentre as funções para o professor, coloca em primeiro lugar o "cumprir e fazer cumprir o regulamento interno do SENAI " , seguidas de planejar o curso,

orientar e avaliar o aluno, manter a disciplina e sugerir alterações necessárias.

Percebe-se uma delegação de poder aos professores no sentido de manter a ordem e o controle dos alunos, o que, por um lado é vital para a sobrevivência de qualquer organização, por outro, pode ser a antítese da proposta de criar cidadãos críticos, na medida em que essas normas disciplinares começam a interferir na criatividade, na participação e no desenvolvimento crítico do aluno.

Os professores mantêm posturas e atitudes bastante diferenciadas em relação ao SENAI, indo desde a reprodução do sistema disciplinar, a discussão e adaptação, até o questionamento. Por um lado, é interessante observar que existe um espaço para sugestões, resta saber até que ponto elas são aceitas formalmente. Um outro aspecto a ser observado é se não existe um direcionamento para que os professores aceitem o seu sistema disciplinar, que poderia ser implicitamente passado durante a seleção, treinamento e avaliação dos mesmos. O que foi evidenciado é que apesar de haver espaço para discussão com chefes e alunos, 30% dos professores adotam uma postura de receber o planejamento e executá-lo.

A concordância por parte da maioria dos professores com o sistema de disciplina adotado pelo SENAI indica que há certa adaptação às normas por parte dos mesmos, e que este sistema deve se repetir em sua sala de aula também.

De acordo com o que foi apresentado até o momento, faz-se necessário explicitar a existência de um hiato entre o discurso adotado pela instituição e o praticado pelos seus colaboradores. Mas cabe ressaltar que o SENAI possui uma preocupação de formar seus professores para que adotem seus princípios e sejam coerentes com eles em sua prática.

Essa preocupação se expressa na realização de uma seleção de pessoal para ingresso no seu quadro de pessoal, oferecimento de treinamentos que visam formar seus professores /instrutores em aspectos pedagógicos, reciclagens contínuas e avaliações periódicas dos mesmos. Apesar do SENAI oferecer cursos que visam a formação de seu pessoal, observou-se a existência de instrutores do quadro que ainda não fizeram nenhum curso na área pedagógica, mesmo estando no SENAI há quase dois anos.

Se todos estes pontos estivessem sendo bem trabalhados, talvez essa discrepância fosse minimizada. Uma das hipóteses explicativas deste problema, é que a seleção dos instrutores esteja sendo realizada priorizando a capacidade dos candidatos no que se refere aos seus conhecimentos a nível técnico em detrimento de seu perfil como instrutor. Outra possibilidade é que, apesar de haver diversos cursos para formar o instrutor, seu enfoque esteja mais para a discussão de conteúdos e metodologias do que para o desenvolvimento de habilidades ou atitudes condizentes com o papel de instrutor. Ainda existe a possibilidade de que as avaliações que são realizadas também priorizassem aspectos relacionados com o conteúdo e a metodologia.

Se fossem confirmadas estas hipóteses, estaríamos diante de um quadro previsível, se considerarmos que o SENAI é uma instituição mantida pela indústria, que por sua vez possui como característica fundamental a prioridade nos aspectos materiais e quantitativos. O SENAI reproduziria a ideologia dominante da classe industrial, que tanto se refletiria na sua relação com os instrutores/professores como na deles para com os seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta trajetória e respondendo às questões iniciais a partir dos dados levantados, podemos apresentar algumas conclusões finais.

A primeira pergunta levanta se existem características específicas para educar o aluno adulto. Pelas respostas dos professores e alunos, percebemos que as teorias sobre educação de adultos são confirmadas, principalmente no que se refere aos aspectos a serem apresentados a seguir.

Os dados comprovam que Axford (1980) estava correto quando afirmou que os alunos adultos estão especialmente interessados na aplicação prática do que aprendem. Isto tanto foi comprovado, que este item aparece dentre os objetivos a serem perseguidos pelos professores durante os cursos e também nos próprios documentos do SENAI.

Stephens (1974) também pode ter suas conclusões reforçadas, no que se refere ao fato de que o aluno adulto não aceita disciplina rígida e que possui motivações individuais. Pôde-se verificar a ocorrência de comportamentos de resistência por parte dos alunos às normas disciplinares, e também que a motivação básica, da grande maioria, se centrava na busca de uma nova profissão ou de desenvolvimento profissional. Neste aspecto, Dohmen (1981) também teve suas posições comprovadas.

na medida em que reforça este aspecto da motivação do aluno adulto estar a busca de auto-afirmação profissional e novas perspectivas.

Correlacionados diretamente com a motivação, observa-se que a Teoria do Capital Humano também foi confirmada, pois as habilidades e conhecimentos adquiridos pelos alunos adultos dos cursos de formação profissional representam um capital que pode lhes render benefícios econômicos, advindo daí consonância com a posição apresentada por Frigotto (1984).

O resultado também referendou a Tese da Requalificação proposta por Paiva (1987) de que as novas tecnologias vão exigindo a elevação da qualificação média da força de trabalho, na medida em que observou, que a procura por cursos, tanto de qualificação quanto de suprimento, vem crescendo em proporções geométricas nos últimos anos, conforme indicam os dados fornecidos pelo SENAI -GO.

Dentro da metodologia utilizada pelo SENAI, percebe-se que vários pressupostos apresentados por Ludojoski (1972), Masetto (1992) e Knowles (1990) servem de embasamento. [?] / [?] dentro deles, podemos citar: o emprego de exemplos clarificadores, tomados da experiência real; a relação do tema da aula com uma situação de vida do aluno; o desenvolvimento de síntese didática entre os conteúdos a aprenderem; a consideração das necessidades dos alunos para o planejamento do curso. Planejamento este que preferencialmente é realizado com a participação dos alunos; a utilização de estratégias variadas e dinâmicas para integrar o

grupo na existência de um clima participativo e aberto durante as atividades.

Não só no que se refere a participação, também Quintana (1986) pode ter sua posição reforçada, na medida em que a participação do aluno é considerada (tanto por alunos como por professores) como fator essencial para o processo de aprendizagem.

Na segunda questão, em que se fundamenta a maneira como o professor se relaciona com o aluno adulto, podemos observar que a maioria dos professores do SENAI se baseiam nas necessidades dos alunos. Sabemos, porém, que existem outros fatores que também interferem neste aspecto, dentre eles, o conhecimento técnico e psicopedagógico do professor, aspectos pessoais (como fatores de personalidade, por exemplo), aspectos da instituição (SENAI, no caso desta pesquisa) e pressupostos adotados por ele sobre educação. Dentre os pressupostos, levantamos dados principalmente relacionados a conceito de aluno adulto, fonte para elaboração do conteúdo e planejamento do curso, metodologias utilizadas, tomada de decisões e posturas do professor.

No aspecto específico relacionado com a avaliação, as propostas de Kundu (1986) e Abreu (1990) de que a avaliação deveria ser contínua e permitir um contínuo reiniciar da aprendizagem não são aplicadas pelo SENAI. Exatamente por considerar estes fatores como fundamentais, e pelo fato de não estar sendo utilizados, percebe-se muita dificuldade dos

professores em lidar com a avaliação.

O terceiro aspecto a ser estudado foi compreendermos como o poder aparece na relação entre professor e aluno adulto. Baseados nas teorias sobre poder, levantamos alguns aspectos que influenciam diretamente esta relação entre professor e aluno adulto (compreendida neste estudo como de mútua influência).

Especificamente relacionados a este aspecto, pode-se confirmar que, baseados em French & Raven (in Moscovici, 1987), apesar de ter como base principal de poder o conhecimento e a informação, alguns professores colocam na base de seu poder a coerção e o poder de recompensa.

Este estudo reforça também as teorias de Galbraith (1986) e Iofler (1990), na medida em que se percebe que o conhecimento aparece como base de um poder que o professor exerce sobre seu aluno, e que, nesta relação, tanto ocorrem o poder condigno, compensatório como o condicionado.

A comparação dos resultados deste estudo com outros fica impossibilitada na medida em que não foram encontrados estudos relacionados diretamente ao tema, o que faz com que este tenha um caráter de novidade para a área em questão.

Como esta pesquisa foi realizada a nível descritivo e leve como objetivo embasar uma tese de mestrado, alguns pontos poderiam ser melhor desenvolvidos em futuros estudos, dentre eles, a observação da relação entre a avaliação da instituição quanto ao cumprimento de seus objetivos; o desenvolvimento de instrumentos de coleta de dados que possam ^{elencados} fornecer dados mais

que *permanecer*
 confiáveis e específicos sobre as diversas formas de relações de
 poder ; *realiza estudo que ~~permanecer~~ amplia a competência*
 o aprofundamento ~~na~~ interferência do fator profissional
 sobre a aprendizagem em cursos de qualificação e suprimento .
 Por outro lado esperamos que os resultados obtidos neste estudo
 possam contribuir ^{pl a natureza} no desenvolvimento de cursos que preparem
 melhor os professores para lidarem com seus alunos, a nível de
 atitude, em questões referentes ao poder.

A nível de conclusão, devemos salientar que apesar da
 proposta contida nos documentos do SENAI de preparar seus alunos
 para serem cidadãos críticos e participantes da sociedade,
 verificamos que na realidade a prática de seus professores em
 sala de aula contribuem ~~mais~~ para que os mesmos sejam preparados
 a nível profissional, porém que não se consegue trabalhar o *implícito*
 desenvolvimento crítico e participativo dos mesmos. Desde a
 preparação psico-pedagógica dos professores, quando não existe
 uma ênfase nos tópicos que se referem às relações de poder entre
 professor e alunos , até quando o próprio SENAI avalia seus
 professores muito mais baseados no conteúdo trabalhado, carga
 horária ministrada e outros aspectos técnicos relacionados a
 sala de aula, em detrimento das atitudes relacionadas diretamente
 a eles e seus alunos. *qual*

Assim, o SENAI, enquanto instituição mantida pela
 indústria, cumpre seu duplo papel: o explícito de formar
 profissionais qualificados para trabalhar na indústria, e o
 implícito, de formá-los segundo a ideologia da indústria, que
 não inclui, por razões ligadas a ideologia capitalista, a

formação crítica de cidadãos participantes.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ABREU, Maria Tereza de - O professor universitário em aula : prática e princípios teóricos . 8 ed. São Paulo, P.L.G. Editora Associações, 1970.
- ALCANTARA Alcides de - A entidade Senai . Rio de Janeiro, SENAI/DN/DT, 1991 . (Série Programador Curricular, 2).
- ALCANTARA, Alcides de - Formação profissional . Rio de Janeiro, SENAI/DN/DT, 1991, (Série Programador Curricular, 1) .
- ALMEIDA, Sylvia Marinho de - O poder e o saber na relação docente - Rev. Fac. Franç. Vol. 3, no. 5. Educação III. pag 61-72, 1985.
- ANDREWS, T.E. & others - adult learners (a research study) - Association Of Teacher Educators - Washington, D.C., 1981.
- ANFORD, Roger - adult education : the open door to lifelong learning - The A.G.H. Publishing Company, Indiana, 1980.
- ARAÚJO, Anésia - SILVA - SENAI : Descrições . Rio de Janeiro : SENAI/DN/DPEA, 1987 . (Série Monografias, 2).
- BENVENISTE, Harry - Trabalho e capital monopolista : a degradação do trabalho no séc. XX - Trad. Nathanael C. Carneiro Zahar - Editores, Rio de Janeiro, 1977.
- BURRILL, C. - toward a theory of power in education, in Philosophy of education, 1984 : Proceedings of the Fortieth Annual Meeting of the Philosophy of Education Society, ed. Edmily Robertson (Normal, Ill. Philosophy of Education Society, 1985).
- HATELBY & QUINCY - História das Ideias políticas . Trad. Carlos Nelson Coutinho, 2a. ed, Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1990.

- CORADI, Carlos Daniel - O comportamento humano em administração de empresas - São Paulo, Pioneira, 1986.
- COSTA, André Pereira de - Tecnologia audiovisual e educação de adultos: uma experiência de treinamento = Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro, 10(40): 10-15, mar./jun 1981.
- CUNHA, Sudário de Aquiar - Impacto da formação profissional: em estudo de acompanhamento de egressos do Senai no Centro Industrial de Aratu - Rio de Janeiro: SENAI/DN/DPEA, 1990 (Coleção Albano Franco, Vol. 16).
- D.F.P., D.R.H. - SENAI: treinamento introdutório: introdução e integração. Goiânia, DEF/SMM, 1989.
- DOHRELL, G. - A aprendizagem do adulto - tecnologia educacional, Rio de Janeiro - 10 (40) : 3-7 mar/jun., 1981.
- ALCANTARA, Eliane Brígido de Florais - Sistema de Treinamento Didático de professores universitários: técnicas de interação professor - aluno e a colocação de perguntas aos alunos. Rio de Janeiro, s.d., 30.
- ALCANTARA, Eliane Brígido de Florais - Sistema de Treinamento Didático de professores universitários: técnicas de interação professor - aluno e a valorização da participação dos alunos. Rio de Janeiro, s.d., 32.
- ALCANTARA, Eliane Brígido de Florais - Sistema de Treinamento Didático de professores universitários: técnicas de interação professor - aluno: interesse e opiniões dos alunos como fonte de mudança na programação de um curso. Rio de Janeiro, s.d., 34.
- ALCANTARA, Eliane Brígido de Florais - Sistema de Treinamento Didático de professores universitários: técnicas de interação professor - aluno: momentos adequados para a interrupção de atividades em desenvolvimento. Rio de Janeiro, s.d., 34.
- RABELO, Luis Antonio Carvalho - A escola do trabalho e o trabalho da escola - São Paulo: Cortez - Autores Associados, 1988. (Coleção Polêmicas de Nosso Tempo, vol. 72).
- PEITINS, Barbara - Escola, estado e sociedade - 4 ed. revista. São Paulo: Moraes, 1980 (Coleção Educação Universitária 1).

FRIBOURG, Gaetano - A produtividade da escola improdutivo : um
re-exame das relações entre educação e estrutura social
capitalista - São Paulo : Cortez / Autores Associados, 1984.

FURTHER, Pierre - A educação do homem inacabado - ensaio de
andragogia - trad. Carmem Vargas de Andrade - Revista
Brasileira de Estudos Pedagógicos, 60 (134) : 129-39-Abr/jun
1984 .

GALBRAITH, J. Kenneth - Anatomia do poder - trad. Hilário
Corlioni - In 7
2 ed. São Paulo, Pioneira, 1986.

GILBERT, Henry - Pedagogia radical : subsídios - trad. Dagmar M.
L. Ribas, São Paulo : Cortez - Autores Associados,
1980. (Coleção Educação Contemporânea).

GOUILLON, Pierre - La formation continue des adultes - Presses
Universitaires de France, Paris, 1970.

GUINÁVELS, Marcos Antônio - Formação profissional : tratamento
de texto de uma série Metodica Ocupacional - Rio de Janeiro
SENAI/DN/DPEA, 1990. (Coleção Albano Franco, vol. 14).

HARTMAN, Harlow C. - Educação de adultos: Idéias norte-
americanas de 1710 a 1951 - trad. Raul de Politio - São Paulo,
LURAS, 1984.

HEPPELLO, Maria da Conceição R. Ferreira - Adaptação do
currículo escolar aos estilos cognitivos de alunos
regentes: implicações teóricas e práticas no treinamento de
professores - Rio de Janeiro : SENAI / DN / DPEA, 1989. (Coleção
Albano Franco, vol. 14).

HOBBS, Malcolm - The adult learner : a neglected process
- Gulf Publishing Company, 4th Edition, Houston, 1990.

HENRIK, Acácia S. - Pedagogia da fábrica - as relações de
produção e a educação do trabalhador - São Paulo : Cortez / Autores
Associados, 1985. (Coleção Educação Contemporânea).

HODD, C. L. - Adult education - Sterling Publishers Private
Limited, New Delhi, 1986.

- OPES, Stenio - Uma saga da criatividade brasileira - Rio de Janeiro : SENAI / DN - Divisão de Projetos Especiais, 1989.
- LOUBOUËF, Renée L. - Tradução: a educação del adulto - Buenos Aires : Editorial Guadalupe, 1972.
- SACHADO, Lucília R.S. - Politécnica, escola unitária e trabalho - São Paulo : Cortez - Autores Associados, 1989. (Coleção Educação Contemporânea).
- MASETTI, Marco Tarcsio - Aulas vivas - São Paulo : M.G. Editores Associados, 1991.
- METZGER, Nancy L. Bullock - Os superdotados universitários segundo a percepção de seus professores - Rio de Janeiro : SENAI/DN/DPEA, 1985. (Coleção Albano Franco, vol. 9).
- MINAYO, Carlos & outros - Trabalho e conhecimento : dilemas na educação do trabalhador - São Paulo : Cortez - Autores Associados, 1987.
- MURFPA, Marco Antônio - Avaliação do professor pelo aluno como instrumento de melhoria do ensino universitário - Educação e pesquisa, São Paulo (4) : 109-23, jul./dez., 1981.
- MUSQUINI, Fela - Desenvolvimento interpessoal, São Paulo : Atlas, 1987.
- MURPHY, Elana - Das técnicas artesanais à civilização industrial - a trajetória do ensino profissional no Brasil - SENAI/DN, Rio de Janeiro, 1986.
- ASCENHEDU, Usélio Vieira do - O ensino industrial no Brasil - 25 anos do ensino técnico ao ensino superior - Rio de Janeiro : SENAI/DN/DPEA, 1986. (Série Monográfica, 1).
- AIVA, Vanilda Ferreira & Rattner - Educação permanente e capitalismo tardio -, São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1989.

- PAVLANI, Jayme - Educação, poder e ação participativa. Rev. Educação e realidade, Porto Alegre, 9(2) : 89-96 mai/ago , 1984.
- PEREZ, Manuel Fernandez - La profesionalización del docente - perfeccionamiento, investigación en el aula, análisis de la práctica - Editorial Escuela Española , S.A. Madrid, 1988.
- PIREU, Alvaro Vieira - Sete lições sobre educação de adultos 3 ed. São Paulo - Cortez - Autores Associados, 1989.
- REPHAN, W. James - Educational evaluation, 2nd edition, Prentice Hall, Englewood Cliffs, New Jersey, 1988.
- RUIZGAMA, J.M. & otros - Investigación participativa de adultos - Narcea, S.A. de Ediciones - Madrid, 1986.
- ROUSZUMSKI, Hermelina das Graças Pastor - Um estudo sobre a individualização no treinamento de Recursos Humanos. Rio de Janeiro : SENAI / DN/DPEA . 1980. (Coleção Albano Franco, vol.19 1).
- Sã. Maria Tracoma de - Professoraluno : Que relação é essa? Uma abordagem sistêmica - Rev. de Psicologia 2(2) 23-27 , jul/dez. 1984.
- SOLAME, Ramzi F. - L'évaluation du personnel de l'enseignement - fondements et méthodes - Série études et Documents - vol.5 - Bibliothèque Nationale du Canada - LARRAPS, 1989.
- VERKINU, Antônio Joaquim - Educação, ideologia e contra-ideologia - São Paulo: FFL, 1986.
- WYLL, John - Teacher evaluation : critical, educative and transportative alternatives - (Contemporary analysis in education series) - Taylor & Francis Ltd, Basingstoke, England, 1989.
- WHEELERS, Michael D. - Teaching techniques in adult education. London, David & Charles, 1974.

TOFFER, Alvin - Powershift - As mudanças do poder - um perfil da sociedade do séc. XXI (Pela análise das transformações na natureza do poder). - trad. Luis C. Nascimento Silva - Rio de Janeiro :Editora Record, 1990.

VERHEE, Colette & Alan Booth - Educación de adultos - Buenos Aires, Editorial Troquel, 1973.

VILLAS BÓAS, Maria Violeta - Andragogia e formação profissional contínua - B. Técnica do Senac, Rio de Janeiro, 8(1) : 5-12, janeiro, 1987.

MICHELLE, João de & Outros - Educação de adultos na América Latina - Campinas :Papirus, 1985.

ZALESNICK, A. & DEVLICK, Nanrod - O poder e a mente empresarial - trad. Regina e Oswaldo Chiquetto - São Paulo :Livraria Pioneira Editora, 1981.

ANEXOS

ANEXO I

Os cursos oferecidos pelo SENAI atualmente estão divididos em duas áreas básicas, que são a administrativa e técnica-operacional:

AREA ADMINISTRATIVA - esta área inclui os seguintes cursos:

- Administração de pessoal;
- Aperfeiçoamento de motoristas rodoviários;
- Capacitação de supervisores;
- Didática de treinamento operacional;
- Didática de treinamento em supervisão;
- Direção defensiva no trânsito;
- Eficácia gerencial;
- Etiqueta e comunicação no trabalho;
- Operador de máquinas teleimpressoras;
- CIPA comissão interna de prevenção de acidentes;
- Prevenção e combate a incêndio;
- Primeiros socorros;
- Relações humanas na comunicação interpessoal e na integração funcional;
- Técnicas básicas de supervisão;
- Técnicas de vendas;

AREA TÉCNICA-OPERACIONAL

ALIMENTAÇÃO

- Confeiteiro;
- Padeiro;
- Tecnólogo da panificação.

EDITORIAL E GRÁFICA

- Blocador;
- Encadernador;
- Compositor manual;
- Fotógrafo de artes gráficas;
- Impressor em off-set e tipografia;
- Laboratorista em off-set;

CONSTRUÇÃO CIVIL

- Armador de ferragens;
- Carpinteiro de formas;
- Desenhista de arquitetura;
- Desenhista de instalações elétricas e hidro-sanitárias;
- Eletricista instalador predial;
- Estucador;
- Instalador de água e esgoto;
- Ladriheiro;
- Leiturista de plantas;
- Pedreiro;
- Pintor de obras;

ELETRICIDADE

- Eletricista de automóvel;
- Bobinador;
- Instalador predial;
- Instalador de manutenção industrial;
- Reparador de circuitos eletrônicos;
- Reparador de comandos elétricos.

MECÂNICA E METALURGIA

- Ajustador mecânico;
- Chapeador de veículos;
- Desenhista técnico mecânico;
- Fresador mecânico;
- Manutenção de máquinas;
- Mecânico afinador de motores;
- Mecânicos de autos a gasolina, álcool e diesel;
- Mecânico de sistemas de freio;
- Mecânico de suspensão e alinhamento de rodas;
- Mecânico de transmissão de veículos;
- Preventivo de autos;
- Metrologia;
- Pintor de veículos;
- Serralheiro;
- Soldador elétrico;
- Soldador oxiacetilênico;
- Torneiro mecânico.

MOBILIARIO

- Desenhistas de móveis;
- Entalhista de móveis;
- Marceneiro.

VESTUÁRIO E CALÇADOS

- Confeccionista de calçados;
- Contra-mestre de teares;
- Costureiro industrial;
- Modelista de vestuário.

OUTROS CURSOS OFERECIDOS EM UNIDADES MÓVEIS

- Comandos elétricos;
- Comandos hidráulicos;
- Comandos pneumáticos.
- Mecânica Diesel;
- Pantofeiras;
- Refrigeração.

ANEXO II

QUESTIONARIO PARA O PROFESSOR

1- IDENTIFICACAO

NOME -

SEXO - IDADE ESTADO CIVIL

ESCOLARIDADE -

HA QUANTO TEMPO ESTA NO SENAI?

CARGO INICIAL CARGO ATUAL

CURSOS EM QUE ATUOU COMO INSTRUTOR

.....
.....
.....

CURSOS EM QUE ATUA COMO INSTRUTOR ATUALMENTE

.....
.....

CURSOS EM QUE JA PARTICIPOU NA AREA TECNICA

.....
.....

CURSOS EM QUE JA PARTICIPOU NA AREA DE EDUCACAO

.....
.....

Este questionário tem como objetivo levantar dados sobre os professores e alunos do Senai.

Por favor, ao responder o questionário, considere os cursos de QUALIFICAÇÃO E SUPRIMENTO DO SENAI. Escolha APENAS uma resposta para cada questão. Marque com um X a alternativa escolhida. Responda a todas as questões com toda a sinceridade. Se você tiver dúvidas, pergunte a pessoa que está aplicando o questionário.

Desde já agradecemos sua colaboração.

1- O PAPEL DO PROFESSOR COMPREENDE:

a- () ORGANIZAR CONDIÇÕES PARA QUE OCORRAM RESPOSTAS ESPERADAS DOS ALUNOS

b- () ADMINISTRAR AS CONDIÇÕES DE TRANSMITIR AS MATERIAS

c- () PROPOR SITUAÇÕES E PROBLEMAS PARA O ALUNO INVESTIGAR E DESCOBRIR

d- () ANIMAR E GUIAR O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM, LEVANDO OS ALUNOS A BUSCAREM O CONHECIMENTO.

2- O PAPEL DO ALUNO COMPREENDE:

- a- () RECEBER, AFREENDER E FIXAR INFORMAÇÕES
- b- () MEMORIZAR E SABER FALAR OU ESCREVER SOBRE O QUE O PROFESSOR ENSINOU
- c- () OBSERVAR, EXPERIMENTAR, COMPARAR, RELACIONAR, ANALISAR E ARGUMENTAR
- d- () EXERCITAR SUA LIBERDADE PARA ESCOLHER, DECIDIR SOBRE SUA AÇÃO.

3- O CONTEUDO DA APRENDIZAGEM DEVE SER BUSCADO BASICAMENTE:

- a- () NOS LIVROS-TEXTOS E APOSTILAS DEVIDAMENTE SELECIONADOS PARA ATINGIR OS OBJETIVOS
- b- () EM PRINCÍPIOS CIENTÍFICOS, TEÓRIAS, LIVROS E OBRAS CLÁSSICAS
- c- () ATRAVÉS DA LEITURA CONSCIENTE E CRÍTICA DA HISTÓRIA DO HOMEM
- d- () NAS NECESSIDADES DO ALUNO, SEGUNDO SUAS ETAPAS EVOLUTIVAS

4- QUAL O ELEMENTO QUE CONSIDERA MAIS IMPORTANTE PARA FACILITAR A APRENDIZAGEM DO ALUNO?

- a- () A PESSOA DO PROFESSOR
- b- () O MODO COMO O PROFESSOR CONDUZ A AULA
- c- () OS RECURSOS INSTRUÇÃOIS QUE O PROFESSOR UTILIZA
- d- () O INTERESSE E A PARTICIPAÇÃO DO ALUNO

5- EDUCAR ADULTOS É O MESMO QUE EDUCAR CRIANÇAS E ADOLESCENTES:

- a- () CONCORDO TOTALMENTE
- b- () CONCORDO PARCIALMENTE
- c- () DISCORDO PARCIALMENTE
- d- () DISCORDO TOTALMENTE

6- CABE AO PROFESSOR TOMAR TODAS AS DECISÕES RELACIONADAS A SALA DE AULA

- a- () CONCORDO TOTALMENTE
- b- () CONCORDO PARCIALMENTE
- c- () DISCORDO PARCIALMENTE
- d- () DISCORDO TOTALMENTE

7- O PAPEL DO PROFESSOR EM RELAÇÃO AO SENAI COMPREENDE QUAL POSTURA?

- a- () DECIDIR SOZINHO SOBRE CONTEUDO, METODOLOGIA, SISTEMA DE AVALIAÇÃO
- b- () RECEBER DO SENAI O PLANEJAMENTO E EXECUTAR
- c- () RECEBER DO SENAI O CONTEUDO, PLANEJAR E DISCUTIR COM ALUNOS SOBRE O CURSO
- d- () DISCUTIR COM CHEFES E/OU ALUNOS SOBRE CONTEUDO, METODOLOGIA, SISTEMA DE AVALIAÇÃO

8-O PROGRAMA DA DISCIPLINA RECEBIDA DO SENAI DEVE OU PODE SER DISCUTIDO?

- a-() SEMPRE
- b-() QUASE SEMPRE
- c-() RARAMENTE
- d-() NUNCA

9- O SENAI POSSUI UM SISTEMA DE DISCIPLINA PARA OS ALUNOS, VOCE?

- a-() CONCORDA TOTALMENTE
- b-() CONCORDA PARCIALMENTE
- c-() DISCORDA PARCIALMENTE
- d-() DISCORDA TOTALMENTE

10-SUA POSTURA EM RELAÇÃO AO QUE NÃO CONCORDA NO SENAI É :

- a-() DISCUTE E ADAPTA
- b-() DISCUTE, NÃO ACEITA E PROPOE MUDANÇAS
- c-() NÃO DISCUTE NEM PROPOE MUDANÇAS , PORÉM ADAPTA PARA SUA SALA
- d-() NÃO DISCUTE , NEM PROPOE MUDANÇAS, APESAR DE NÃO ACEITAR

11-OS OBJETIVOS QUE PRETENDE ALCANÇAR COM SEU CURSO SE RELACIONAM PRINCIPALMENTE A:

- a-() ATITUDES E COMPORTAMENTOS FINAIS NOS ALUNOS
- b-() APRENDIZAGEM DOS ALUNOS E APLICAÇÃO PRÁTICA NA VIDA DOS MESMOS
- c-() NOTAS E AVALIAÇÕES DE REAÇÕES POSITIVAS
- d-() DESENVOLVER O CONTEUDO PROPOSTO

12-O PROFESSOR DEVE DISCUTIR A EMENTA RECEBIDA COM ALUNOS?

- a-() CONCORDO TOTALMENTE
- b-() CONCORDO PARCIALMENTE
- c-() DISCORDO PARCIALMENTE
- d-() DISCORDO TOTALMENTE

13-VOCE CONSIDERA IMPORTANTE O FATO DOS SEUS ALUNOS COMPREENDEREM METAS E OBJETIVOS DO CURSO?

- a-() SIM
- b-() NÃO
- c-PORQUE?

14- VOCE ELABORA O PLANEJAMNTO DE SEU CURSO BASEANDO-SE PRINCIPALMENTE :

- a-() NO PROGRAMA DE CURSO
- b-() EM SUA EXPERIENCIA ANTERIOR
- c-() NO DIAGNOSTICO DAS NECESSIDADES DOS ALUNOS/ TURMA
- d-() NA CONSULTA A LIVROS E MATERIAIS

15- O MELHOR MEIO /TÉCNICA DE ENSINAR é:

- a-() MEDIANTE AULAS EXPOSITIVAS E ESQUEMAS ORGANIZADOS DE TRANSMISSÃO DE CONTEUDOS
- b-() ATRAVÉS DE INSTRUÇÃO PROGRAMADA, MODULOS DE ENSINO E OUTRAS TECNOLOGIAS INDIVIDUALIZADAS
- c-() ATRAVÉS DO DIALOGO, DISCUSSOES ENTRE PROFESSOR-ALUNO
- d-() ATRAVÉS DE TÉCNICAS E DINAMICAS GRUPAIS PARTICIPATIVAS

16- VOCE UTILIZA ESTE MATERIAL DIDÁTICO:

- a-() SEGUINDO COMO DIRETRIZ BASICA, USANDO TODAS INSTRUÇÕES E INFORMAÇÕES
- b-() UTILIZANDO COMO GUIA A SER ADAPTADO , PORÉM NÃO COMENTADO
- c-() UTILIZANDO COMO PONTO DE PARTIDA PARA APRENDIZAGEM, LEVANDO ALUNOS A COMENTA-LO CRITICAMENTE
- d-() UTILIZANDO COMO MATERIAL DE APOIO

17-O PROFESSOR DEVE UTILIZAR A EXPERIENCIA DOS ALUNOS PARA ILUSTRAR O ASSUNTO

- a-() CONCORDO TOTALMENTE
- b-() CONCORDO PARCIALMENTE
- c-() DISCORDO PARCIALMENTE
- d-() DISCORDO TOTALMENTE

18- O PROFESSOR DEVE RECEBER E UTILIZAR AS SUGESTOES DOS ALUNOS

- a-() SEMPRE
- b-() QUASE SEMPRE
- c-() RARAMENTE
- d-() NUNCA

19-SEUS ALUNOS SAO CONSULTADOS E DISCUTEM RECURSOS E ESTRATÉGIAS PARA ATINGIR OBJETIVOS?

- a-() SEMPRE
- b-() QUASE SEMPRE
- c-() RARAMENTE
- d-() NUNCA

20- O PROFESSOR DEVE DECIDIR PREVIAMENTE SOBRE CONTEUDO, METODOLOGIA E AVALIAÇÃO DO CURSO QUE MINISTRARÁ

- a-() CONCORDO TOTALMENTE
- b-() CONCORDO PARCIALMENTE
- c-() DISCORDO PARCIALMENTE
- d-() DISCORDO TOTALMENTE

21 - VOCE IDENTIFICA AS NECESSIDADES ESPECIAIS EM SEUS ALUNOS?

- a- () SEMPRE
- b- () QUASE SEMPRE
- c- () RARAMENTE
- d- () NUNCA

22-VOCE DIAGNOSTICA NECESSIDADES DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS PARA FORMULAR OBJETIVOS DO CURSO?

- a- () SEMPRE
- b- () QUASE SEMPRE
- c- () RARAMENTE
- d- () NUNCA

23- OS MÉTODOS E PROCEDIMENTOS UTILIZADOS POR VOCE SÃO VARIADOS DE ACORDO COM AS NECESSIDADES DA TURMA?

- a- () SEMPRE
- b- () QUASE SEMPRE
- c- () RARAMENTE
- d- () NUNCA

24- VOCE CONDUZ EXPERIENCIAS COM TÉCNICAS E MATERIAIS?

- a- () SEMPRE
- b- () QUASE SEMPRE
- c- () RARAMENTE
- d- () NUNCA

25-VOCE DESENVOLVE ATIVIDADES ADEQUADAS AO RITMO DOS ALUNOS?

- a- () SEMPRE
- b- () QUASE SEMPRE
- c- () RARAMENTE
- d- () NUNCA

26- O AMBIENTE E ESPAÇO FÍSICO DE SUA SALA É ADEQUADO?

- a- () SEMPRE
- b- () QUASE SEMPRE
- c- () RARAMENTE
- d- () NUNCA

27 - O CLIMA DE RELACIONAMENTO ENTRE ALUNOS É BOM?

- a- () SEMPRE
- b- () QUASE SEMPRE
- c- () RARAMENTE
- d- () NUNCA

28- O CLIMA DE RELACIONAMENTO ENTRE VOCE E SEUS ALUNOS É BOM?

- a- () SEMPRE
- b- () QUASE SEMPRE
- c- () RARAMENTE
- d- () NUNCA

29- VOCE ATENDE, DA ATENÇÃO E RESPONDE AOS ALUNOS QUANDO NECESSARIO?

- a- () SEMPRE
- b- () QUASE SEMPRE
- c- () RARAMENTE
- d- () NUNCA

30- O PROFESSOR DEVE CONTROLAR OS ALUNOS.

- a- () CONCORDO TOTALMENTE
- b- () CONCORDO PARCIALMENTE
- c- () DISCORDO PARCIALMENTE
- d- () DISCORDO TOTALMENTE

31- VOCE UTILIZA SUA AUTORIDADE COMO PROFESSOR PRINCIPALMENTE:

- a- () NO PLANEJAMENTO
- b- () NO RELACIONAMENTO DE CONTROLE DOS ALUNOS
- c- () NA AVALIAÇÃO
- d- () NÃO UTILIZO AUTORIDADE

32- A DIFERENÇA HIERARQUICA ENTRE PROFESSOR E ALUNOS

- a- () SEMPRE EXISTIU E DEVE SER RESPEITADA
- b- () EXISTE, PORÉM NÃO PODE INTERVIR NAS RELAÇÕES ENTRE ELES
- c- () SO EXISTE NOS DOCUMENTOS, NÃO NA SUA SALA
- d- () NÃO DEVE HAVER DIFERENÇA

33- VOCE UTILIZA RECOMPENSA OU ELOGIO QUANDO SEUS ALUNOS FAZEM O QUE VOCE DESEJA?

- a- () SEMPRE
- b- () QUASE SEMPRE
- c- () RARAMENTE
- d- () NUNCA

34- VOCE PUNE SEUS ALUNOS

- a- () COM NOTAS
- b- () COM CASTIGOS
- c- () IGNORANDO-OS
- d- () NÃO PUNE

35- OS ALUNOS ADAPTAM O AMBIENTE PARA QUE POSSAM FUMAR, SAIR DA SALA, ETC.

- a-() sempre
- b-() quase sempre
- c-() raramente
- d-() nunca

36-OS ALUNOS DEMONSTRAM ALGUMA FORMA DE REJEIÇÃO AO CURSO?

- a-() SIM COMO?
- b-() NÃO

37- OS ALUNOS REPUDIAM O ENSINO VELADO DE NORMAS, PONTUALIDADE, ASSEIO, OBEDIENCIA

- a-() sempre
- b-() quase sempre
- c-() raramente
- d-() nunca

38-OS ALUNOS FORMAM GRUPINHOS INFORMAIS PARA SE DIVERTIREM DEPOIS DA AULA?

- a-() sempre
- b-() quase sempre
- c-() raramente
- d-() nunca

39 -OS ALUNOS PARTICIPAM INTENSAMENTE DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS EM SALA?

- a-() sempre
- b-() quase sempre
- c-() raramente
- d-() nunca

40- VOCE INTERFERE NOS COMPORTAMENTOS INDISCIPLINADOS DOS ALUNOS?

- a-() SEMPRE
- b-() QUASE SEMPRE
- c-() RARAMENTE
- d-() NUNCA

41-VOCE DIALOGA COM SEUS ALUNOS?

- a-() SEMPRE
- b-() QUASE SEMPRE
- c-() RARAMENTE
- d-() NUNCA

42-VOCE ADAPTA O SEU PLANO BASICO AS NECESSIDADES DOS SEUS ALUNOS?

- a-() SEMPRE
- b-() QUASE SEMPRE
- c-() RARAMENTE
- d-() NUNCA

43- O MELHOR MEIO DE AVALIAR É ATRAVÉS :

- a-() DA MEDIDA DA QUANTIDADE E EXATIDÃO DAS INFORMAÇÕES QUE O ALUNO CONSEGUIU REPRODUZIR E ARMAZENAR
- b-() DA VERIFICAÇÃO DO ALCANCE DOS OBJETIVOS COMPORTAMENTAIS PROPOSTOS
- c-() DA AUTO E HETERO-AVALIAÇÃO, MEDIDA PELO PROFESSOR
- d-() DO DIALOGO ENTRE PROFESSOR-ALUNO E OBSERVAÇÃO DURANTE TODO O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

44- O QUE CONSIDERA MAIS IMPORTANTE PARA AVALIAR NOS ALUNOS?

- a-() CONHECIMENTOS
- b-() ATITUDES
- c-() HABILIDADES
- d-() COMPORTAMENTOS EM SALA DE AULA

45 - AVALIAR É BUSCAR AS FALHAS

- a-() CONCORDO TOTALMENTE
- b-() CONCORDO PARCIALMENTE
- c-() DISCORDO PARCIALMENTE
- d-() CONCORDO TOTALMENTE

46- O PROFESSOR DEVE CONSIDERAR ASPECTOS NÃO VERBAIS DO ALUNO NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO?

- a-() SEMPRE
- b-() QUASE SEMPRE
- c-() RARAMENTE
- d-() NUNCA

47- VOCE DIZ AOS SEUS ALUNOS OS CRITÉRIOS QUE UTILIZARA PARA AVALIA-LOS?

- a-() SEMPRE
- b-() QUASE SEMPRE
- c-() RARAMENTE
- d-() NUNCA

48 - VOCE APRENDE COM SEUS ALUNOS?

- a-() SEMPRE
- b-() QUASE SEMPRE
- c-() RARAMENTE
- d-() NUNCA

49- VOCE TRATA SEUS ALUNOS COMO ADULTOS?

- a- () SEMPRE
- b- () QUASE SEMPRE
- c- () RARAMENTE
- d- () NUNCA

GRATOS POR SUA PARTICIPAÇÃO...

ANEXO III

QUESTIONARIO DO ALUNO

1- IDENTIFICACAO

SEXO _____ IDADE _____ ESTADO CIVIL _____

PROFISSAO _____

NOME DO CURSO QUE ESTA FAZENDO _____

ESCOLARIDADE () 1 GRAU INCOMPLETO () 1 GRAU COMPLETO
 () 2 GRAU INCOMPLETO () 2 GRAU COMPLETO
 () SUPERIOR INCOMPLETO () SUP. COMPLETO

Este questionário tem como objetivo levantar dados sobre os professores e alunos do Senai.

Para respondê-lo, escolha APENAS UMA resposta para cada questão. Marque com um X na alternativa escolhida por você. Responda a todas as questões. Se tiver alguma dúvida, pergunte a pessoa que está aplicando o questionário.

Desde já agradecemos sua colaboração.

1- PORQUE VOCE VEIO FAZER O CURSO?

- a- () EM BUSCA DE MELHORIA NA FORMACAO PROFISSIONAL.
 b- () PARA APRENDER A TRABALHAR
 c- () POR SOLICITACAO DE SEU SERVIÇO
 d- () PARA PREENCHER MEU TEMPO

2- VOCE CONHECE OS OBJETIVOS DO CURSO QUE ESTA FAZENDO?

- a- () SIM, TOTALMENTE
 b- () SIM, PARCIALMENTE
 c- () NÃO

3- SEU PROFESSOR LEVANTA OS INTERESSES E EXPECTATIVAS DA SUA TURMA?

- a- () SEMPRE
 b- () QUASE SEMPRE
 c- () RARAMENTE
 d- () NUNCA

4- SEU PROFESSOR ADAPTA A PROGRAMACAO AOS INTERESSES DA TURMA?

- a- () SEMPRE
 b- () QUASE SEMPRE
 c- () RARAMENTE
 d- () NUNCA

5-O MATERIAL UTILIZADO PELO PROFESSOR (APOSTILAS, MAQUINARIO, ETC.) É APROPRIADO A SUA TURMA?

a-() SIM

b-() NÃO PORQUE?.....

6-O MATERIAL UTILIZADO FOI APROPRIADO AO TEMA ?

a-() SIM

b-() NÃO PORQUE?.....

7-O MATERIAL UTILIZADO FUNCIONA COMO MOTIVADOR?

a-() SIM

b-() NÃO PORQUE?.....

8- VOCE FAZ PERGUNTAS AO SEU PROFESSOR QUANDO TEM DUVIDAS?

a-() SEMPRE

b-() QUASE SEMPRE

c-() RARAMENTE

d-() NUNCA

9- QUANDO VOCE CONSULTA SEU PROFESSOR, ELE RESPONDE A SUAS DUVIDAS?

a-() SEMPRE

b-() QUASE SEMPRE

c-() RARAMENTE

d-() NUNCA

10-O SEU PROFESSOR PARECE ESTAR MAIS PREOCUPADO COM:

a-() O MODO DE TRANSMITIR A MATERIA

b-() A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

c-() AS NECESSIDADES DOS ALUNOS

d-() COM O CONTEUDO /TEMA TRABALHADO

11- PARA VOCE, O PAPEL DO PROFESSOR COMPREENDE, PRINCIPALMENTE:

a-() ORGANIZAR AS CONDIÇÕES PARA QUE OCORRAM RESPOSTAS ESPERADAS DO ALUNO

b-() ADMINISTRAR AS CONDIÇÕES DA SALA E TRANSMITIR O CONTEUDO

c-() PROPOR SITUAÇÕES E PROBLEMAS PRA O ALUNO INVESTIGAR E DESCOBRIR

d-() ANIMAR E GUIAR O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM, LEVANDO OS ALUNOS A BUSCAR O CONHECIMENTO

12- O PAPEL DO ALUNO COMPREENDE, PRINCIPALMENTE:

- a-() RECEBER, APREENDER E FIXAR INFORMAÇÕES
- b-() MEMORIZAR E SABER FALAR OU ESCREVER SOBRE O QUE O PROFESSOR ENSINOU
- c-() OBSERVAR, EXPERIMENTAR, COMPARAR, RELACIONAR, ANALISAR E ARGUMENTAR
- d-() EXERCITAR SUA LIBERDADE PARA ESCOLHER, DECIDIR SOBRE SUA AÇÃO

13- O PAPEL DO ALUNO COMPREENDE AS FUNÇÕES:

- a-() CUMPRIR AS DETERMINAÇÕES DO PROFESSOR, QUE SABE TUDO
- b-() CUMPRIR AS DETERMINAÇÕES DO PROFESSOR, DESDE QUE CONCORDE
- c-() DISCUTIR COM O PROFESSOR SOBRE SUAS PROPOSTAS
- d-() FAZER O QUE CONSIDERA PRODUTIVO E POSITIVO PARA SUA APRENDIZAGEM

14- QUAL O TIPO DE AULA MAIS COMUM NO CURSO QUE VOCE ESTA FAZENDO ?

- a-() EXPOSIÇÃO DA MATÉRIA PELO PROFESSOR
- b-() TRABALHO EM GRUPO
- c-() AULA PRÁTICA
- d-() DISCUSSÃO COM A TURMA

PARA AS PROXIMAS PERGUNTAS, RESPONDER COLOCANDO O NÚMERO DENTRO DO PARENTESIS AO LADO DA PERGUNTA, OBSERVANDO ESSA ORDEM:

- 1 quando a resposta for SEMPRE
- 2 quando a resposta for QUASE SEMPRE
- 3 quando a resposta for RARAMENTE
- 4 quando a resposta for NUNCA

15-() O SEU PROFESSOR DEIXA OS ALUNOS SE EXPRESSAREM A VONTADE?

16-() O SEU PROFESSOR DESENVOLVE O TEMA OU ASSUNTO DA AULA COM A PARTICIPAÇÃO DA TURMA ?

17-() O SEU PROFESSOR ELOGIA OS ALUNOS QUE CONTRIBUEM PARA O CRESCIMENTO DO GRUPO?

18-() O SEU PROFESSOR PUNE OU AMEAÇA OS ALUNOS PARA QUE CONSIGAM BUAS NOTAS?

19-() O SEU PROFESSOR DEMONSTRA PREFERENCIA POR ALGUNS ALUNOS?

20-() O SEU PROFESSOR IGNORA ALGUNS ALUNOS?

21-() O SEU PROFESSOR FICA IMPACIENTE QUANDO OS ALUNOS O INTERROMPEM?

22-() O SEU PROFESSOR ESTIMULA AS PERGUNTAS DOS ALUNOS?

- 23-() O SEU DESENVOLVE O TEMA DA AULA COM A PROFUNDIDADE ADEQUADA?
- 24-() O SEU PROFESSOR DEMONSTRA SEGURANÇA NO QUE ENSINA?
- 25-() O SEU PROFESSOR ACEITA CRITICAS E PROPUESTAS DOS ALUNOS?
- 26-() O SEU PROFESSOR MANTÉM DIALOGO COM OS ALUNOS?
- 27-() O SEU PROFESSOR SABE EXPLICAR BEM A MATÉRIA?
- 28-() O SEU PROFESSOR POSSUI CLAREZA E OBJETIVIDADE NA TRANSMISSÃO DE INFORMAÇÕES?
- 29-() O SEU PROFESSOR DEMONSTRA PREOCUPAÇÃO COM OS INTERESSES DOS ALUNOS?
- 30-() O SEU PROFESSOR INCENTIVA A PARTICIPAÇÃO DA TURMA?
- 31-() O SEU PROFESSOR BUSCA, COM A TURMA, AS SOLUÇÕES PARA OS PROBLEMAS?
- 32-() O SEU PROFESSOR EXIGE EXCESSO DE TAREFAS?
- 33-() O SEU PROFESSOR LHE AJUDA A UTILIZAR O QUE JA APRENDEU NA APRENDIZAGEM DE COISAS NOVAS?
- 34-() O SEU PROFESSOR MANTÉM UM RELACIONAMENTO PESSOAL E AMIGO COM OS ALUNOS?
- 35-() O SEU PROFESSOR FAZ LIGAÇÃO ENTRE UMA AULA E OUTRA?
- 36-() O SEU PROFESSOR FAZ CONCLUSÃO NO FINAL DA AULA OU DO ASSUNTO?
- 37-() O SEU PROFESSOR RELACIONA TEORIA E CONTEUDO COM A EXPERIENCIA PRÁTICA DOS ALUNOS?
- 38-() O SEU PROFESSOR UTILIZA NAS AULAS A EXPERIENCIA PROFISSIONAL DOS ALUNOS?
- 39-() O SEU PROFESSOR TRATA OS ALUNOS COMO ADULTOS?
- 40-GUAL ESTA SENDO O SEU RENDIMENTO NO CURSO?
- a-() OTIMO
- b-() BOM
- c-() REGULAR
- d-() INSUFICIENTE
- 41-O SEU PROFESSOR AVALIA VOCE CORRETAMENTE
- a-() SIM
- b-() NAO PORQUE?

42- QUANTO DO QUE VOCE APRENDEU NESTE CURSO E APLICAVEL NOSEU TRABALHO E NA SUA VIDA?

- a- () TUDO
- b- () QUASE TUDO
- c- () POUCO
- d- () NADA

43-0 QUANTO DE NOVO VOCE APRENDEU NESTE CURSO?

- a- () MUITO
- b- () POUCO
- c- () QUASE NADA
- d- () NADA

44-0 SEU PROFESSOR COMENTA COM OS ALUNOS QUAIS OS CRIT&EIRIOS DE AVALIA&C3;O QUE UTILIZARA ?

- a- () SEMPRE
- b- () QUASE SEMPRE
- c- () RARAMENTE
- d- () NUNCA

45-0 SEU PROFESSOR COMUNICA A AVALIA&C3;O DO TRABALHO QUE VOCE FEZ?

- a- () SEMPRE
- b- () QUASE SEMPRE
- c- () RARAMENTE
- d- () NUNCA

46-0 SEU INTERESSE PELO CURSO É

- a- () MUITO GRANDE
- b- () GRANDE
- c- () RAZOAVEL
- d- () NENHUM

47-0 CURSO ESTÀ SENDO INTERESSANTE ?

- a- () SIM
- b- () NÃO PORQUE?

48- O SEU PROFESSOR TRATA OS ALUNOS COMO ADULTOS?

- a- () SEMPRE
- b- () QUASE SEMPRE
- c- () RARAMENTE
- d- () NUNCA

49-CITE TRES ASPECTOS QUE VOCE SUGERE PARA MELHORIA DO CURSO

- 1-
- 2-
- 3-

50-CITE 5 CARACTERISTICAS DO BOM PROFESSOR

- 1-
- 2-
- 3-
- 4-
- 5-

51- CITE 3 CARACTERISTICAS DO BOM ALUNO

- 1
- 2-
- 3-

GRATOS PELA COLABORACAO...

ANEXO IV

ENTREVISTA COM O PROFESSOR

- 1- Nome -
- 2- Quando começou a trabalhar em educação?
- 3- Qual é o papel do professor?
- 4- Porque está no SENAI? Cite vantagens e desvantagens.
- 5- Como foi o processo de seleção para entrar no SENAI?
- 6- Quais treinamentos recebeu na área técnica e psicopedagógica?
- 7- Os treinamentos recebidos foram suficientes?
- 8- Como vê a metodologia utilizada no SENAI hoje?
- 9- Qual a dificuldade que você encontra como professor?
- 10-A sua prática no SENAI é diferente de quando atua como professor fora do SENAI? Como?
- 11-Como vê a relação de poder entre professor e aluno?
- 12-Você controla seus alunos? Como?
- 13-Você utiliza recompensa ou punição com seus alunos? Quais?Como?
- 14-O que você mais leva em consideração na avaliação de seus alunos?
- 15-Como imagina que seus alunos te vêem como professor?
- 16-Como motiva os seus alunos a participarem das aulas?
- 17-Como percebe o envolvimento (interesse, motivação , participação) dos alunos da sua turma?
- 18-Você se identifica com o curso que está ministrando?

ANEXO V

A seguir serão apresentados os dados levantados.

1. Alunos que responderam ao questionário, por curso e escola.

| ESCOLA | CURSO | TIPO | INSCRITOS | RESPONDENTES | |
|---------|---------------------------|------|-----------|--------------|-------|
| | | | | FREQUENCIA | % |
| VC | -ELETRICISTA FREDIAL | Q | 12 | 10 | 83,0 |
| VC | -COMPUTAÇÃO GRAFICA | Q | 08 | 07 | 87,5 |
| VC | -FOTOMECANICA | Q | 08 | 06 | 75,3 |
| VC | -MECANICA DE AUTOS | Q | 13 | 10 | 76,9 |
| VC | -IMPRESSOR DE OFF SET | Q | 12 | 12 | 100,0 |
| IB | -PINTURA DE AUTOS | Q | 13 | 12 | 92,3 |
| IB | -MONTADOR DE CALÇADOS | Q | 12 | 10 | 83,0 |
| IB | -CORTADOR DE TECIDOS | Q | 08 | 08 | 100,0 |
| IB | -COSTUREIRO INDUSTRIAL | Q | 15 | 13 | 86,6 |
| IB | -MODELAGEM IND. FEMIN. | Q | 14 | 11 | 78,5 |
| CETRESG | -SISTEMA OPERACIONAL | S | 10 | 09 | 90,0 |
| CETRESG | -PLANILHA ELETRONICA | S | 12 | 12 | 100,0 |
| CETRESG | -ETIQUETA E | S | 13 | 11 | 84,6 |
| TOTAL | | | 150 | 131 | 87,0 |

VC - VILA CANAAS;
 IB - ITALO BOLOGNAS;
 CETRESG - CENTRO DE TREINAMENTO DE SUPERVISORES E GERENTES
 Q - QUALIFICAÇÃO ; S - SUPRIMENTO .

2 - Alunos quanto ao gênero .

| SEXO | FREQUENCIA | % |
|-----------|------------|-----|
| MASCULINO | 80 | 61 |
| FEMININO | 51 | 39 |
| TOTAL | 131 | 100 |

3 - Alunos quanto a idade .

| IDADE | FREQUENCIA | % |
|-------|------------|-------|
| 15-19 | 35 | 26,7 |
| 20-24 | 29 | 22,2 |
| 25-29 | 20 | 15,2 |
| 30-34 | 14 | 10,6 |
| 35-39 | 16 | 12,4 |
| 40-44 | 06 | 4,6 |
| 45-49 | 05 | 3,8 |
| 50 | 06 | 4,5 |
| TOTAL | 131 | 100,0 |

4 - Alunos quanto ao estado civil

| ESTADO CIVIL | FREQUENCIA | % |
|--------------|------------|-------|
| SOLTEIRO | 75 | 57,3 |
| CASADO | 50 | 38,3 |
| DESQUITADO | 3 | 2,2 |
| DIVORCIADO | 2 | 1,5 |
| VIUVO | 1 | 0,7 |
| TOTAL | 131 | 100,0 |

5 - Alunos quanto a escolaridade

| ESCOLARIDADE | FREQUENCIA | % |
|---------------------|------------|-------|
| I GRAU INCOMPLETO | 34 | 26,0 |
| I GRAU COMPLETO | 21 | 16,0 |
| II GRAU INCOMPLETO | 20 | 15,1 |
| II GRAU COMPLETO | 34 | 26,0 |
| SUPERIOR INCOMPLETO | 09 | 7,0 |
| SUPERIOR COMPLETO | 13 | 9,9 |
| TOTAL | 131 | 100,0 |

6 - Professores quanto ao gênero.

| SEXO | FREQUENCIA | % |
|-----------|------------|-------|
| MASCULINO | 09 | 69,3 |
| FEMININO | 04 | 30,7 |
| TOTAL | 13 | 100,0 |

7-Professores quanto a idade.

| IDADE | FREQUENCIA | % |
|-------|------------|-------|
| 25-29 | 3 | 23,0 |
| 30-34 | 2 | 15,4 |
| 35-39 | 2 | 15,4 |
| 40-44 | 3 | 23,0 |
| 45-49 | 1 | 7,6 |
| 50- | 2 | 15,4 |
| TOTAL | 13 | 100,0 |

8 - Professores quanto a estado civil.

| ESTADO CIVIL | FREQUENCIA | % |
|--------------|------------|-----|
| SOLTEIRO | 01 | 8 |
| CASADO | 10 | 76 |
| DESQUITADO | 01 | 8 |
| DIVORCIADO | 01 | 8 |
| TOTAL | 13 | 100 |

9 - Professores quanto a escolaridade.

| ESCOLARIDADE | FREQUENCIA | % |
|---------------------|------------|-----|
| II GRAU COMPLETO | 6 | 47 |
| SUPERIOR INCOMPLETO | 4 | 30 |
| SUPERIOR COMPLETO | 2 | 15 |
| POS-GRADUAÇÃO | 1 | 8 |
| TOTAL | 13 | 100 |

10 - Qualificação dos professores em relação aos cursos oferecidos pelo SENAI.

| PROFESSOR CURSO | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 |
|------------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|----|----|----|
| FAI BASIC | X | X | X | X | X | X | X | X | | X | | | X | 10 |
| FAI COMPL | X | | X | | | | | | | | | | | 2 |
| ITO | | X | | | X | X | X | | | X | | | X | 6 |
| JOGOS SIM- ULACOES | | X | | X | X | | X | | | X | X | | X | 6 |
| AUDIO - VISUALS | | | | X | | | | | | | X | | X | 2 |
| PSIC. ADO- LESCENTE | | | | X | | | | | | | | | X | 2 |
| DINAMICA GRUPOS | | | | | | | X | | | X | | | X | 3 |
| ODÁTICA BASICA | | | | | | | | | | | X | X | X | 2 |
| MONITOR | | | | | | | | | | | | X | | 1 |
| SEMINARIOS | | | | | X | | | | | | | | X | 2 |
| OUTROS | X | | | | X | | | | | | | | X | 3 |

I T O -- INSTRUTOR DE TREINAMENTO OPERACIONAL

F A I -- FORMAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DE INSTRUTORES

11-Pergunta 1 do questionário do professor e 11 do questionário do aluno' .

| resp | PROFESSOR | | ALUNO | |
|------|-----------|-----|-------|-----|
| | F | % | F | % |
| a | . | - | 11 | 8 |
| b | - | - | 5 | 4 |
| c | 2 | 16 | 21 | 16 |
| d | 11 | 84 | 94 | 72 |
| T | 15 | 100 | 131 | 100 |

- a- Organizar condições para que ocorram respostas esperadas
- b- Administrar condições de transmitir matéria
- c- Propor situações e problemas para o aluno investigar
- d- Animar e guiar o processo ensino-aprendizagem

12-Pergunta 2 do questionário do professor e 12 do questionário do aluno .

| RESPOSTA | PROFESSOR | | ALUNO P.12 | |
|----------|-----------|-----|------------|-----|
| | F | % | F | % |
| a | 4 | 30 | 22 | 17 |
| b | 1 | 8 | 24 | 19 |
| c | 7 | 54 | 74 | 56 |
| d | 1 | 8 | 11 | 8 |
| T | 13 | 100 | 131 | 100 |

a- Receber , aprender e fixar informações

b- Memorizar e saber falar ou escrever sobre o que o professor ensinou

c- Observar, experimentar, comparar, relacionar, analisar e argumentar

d- Exercitar liberdade escolhendo e decidindo

13-Pergunta 3 do questionário do professor .

| RESP: | F | % |
|-------|----|-----|
| a | 5 | 38 |
| b | - | - |
| c | 1 | 8 |
| d | 7 | 54 |
| T | 13 | 100 |

- a- Nos livros e apostilas
- b- Em princípios científicos, teorias e obras clássicas
- c- Através da leitura crítica da história do homem
- d- Nas necessidades do aluno

14-Pergunta nº. 14 do questionário do professor.

| RESP: | F | % |
|-------|----|-----|
| a | 4 | 30 |
| b | - | - |
| c | 8 | 62 |
| d | 1 | 8 |
| T | 13 | 100 |

- a- No programa de curso oferecido pelo SENAI
- b- Em sua experiência anterior
- c- No diagnóstico das necessidades dos alunos
- d- Na consulta a livros e materiais

15-Pergunta nº. 21 do questionário do professor e pergunta 3 do questionário dos alunos.

| resp: | PROFESSOR | | ALUNO | |
|-------|-----------|-----|-------|-----|
| | F | % | F | % |
| a | 6 | 46 | 110 | 84 |
| b | 7 | 54 | 21 | 16 |
| T | 13 | 100 | 131 | 100 |

- a- Sempre
- b- Quase sempre
- c- Raramente
- d- Nunca

16-Pergunta nº. 4 do questionário do professor.

| RESP: | F | % |
|-------|----|-----|
| a | - | - |
| b | 7 | 46 |
| c | - | - |
| d | 6 | 54 |
| T | 13 | 100 |

- a- A pessoa do professor
- b- O modo como o professor conduz a aula
- c- Os recursos instrucionais que o professor utiliza
- d- O interesse e a participação do aluno

17-Pergunta nº. 5 do questionário do professor.

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 1 | 8 |
| b | 3 | 30 |
| c | 1 | 8 |
| d | 8 | 54 |
| T | 13 | 100 |

- a- Concordo totalmente
- b- Concordo parcialmente
- c- Discordo parcialmente
- d- Discordo totalmente

18-Pergunta nº. 6 do questionário do professor.

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 3 | 24 |
| b | 3 | 24 |
| c | 6 | 46 |
| d | 1 | 8 |
| T | 13 | 100 |

- a- Concordo totalmente
- b- Concordo parcialmente
- c- Discordo parcialmente
- d- Discordo totalmente

19-Pergunta no. 12 do questionário do professor .

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 3 | 24 |
| b | 6 | 46 |
| c | 2 | 15 |
| d | 2 | 15 |
| T | 13 | 100 |

- a- Concordo totalmente
 b- Concordo parcialmente
 c- Discordo parcialmente
 d- Discordo totalmente

20-Pergunta no. 13 do questionário do professor e pergunta no. 2 do questionário dos alunos.

| resp | PROFESSOR | | ALUNO | |
|------|-----------|-----|-------|-----|
| | F | % | F | % |
| a | 13 | 100 | 88 | 67 |
| b | - | - | 43 | 33 |
| T | 13 | 100 | 131 | 100 |

- a- SIM
 b- NÃO

21-Pergunta no. 11 do questionário do professor.

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 1 | 9 |
| b | 12 | 92 |
| c | - | - |
| d | - | - |
| T | 13 | 100 |

- a- Atitudes e comportamentos finais nos alunos
- b- Aprendizagem dos alunos e aplicação prática
- c- Notas e avaliações de relações positivas
- d- Desenvolvimento do conteúdo proposto

22-Pergunta 10 do questionário dos alunos.

| RESP | F | % |
|------|-----|-----|
| a | 9 | 7 |
| b | 110 | 84 |
| c | 8 | 6 |
| d | 4 | 3 |
| T | 131 | 100 |

- a- O modo de transmitir a matéria
- b- A aprendizagem dos alunos
- c- As necessidades dos alunos
- d- O conteúdo e o tema trabalhado

23- Pergunta n. 22 do questionário do professor.

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 5 | 38 |
| b | 7 | 54 |
| c | 1 | 8 |
| d | - | - |
| T | 13 | 100 |

- a- sempre
- b- Quase sempre
- c- Raramente
- d- Nunca

24- Pergunta no. 19 do questionário do professor.

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 2 | 16 |
| b | 6 | 46 |
| c | 5 | 38 |
| d | - | - |
| T | 13 | 100 |

- a- Sempre
- b- Quase sempre
- c- Raramente
- d- Nunca

25- Pergunta no. 15 do questionário do professor e pergunta 14 do questionário dos alunos.

| PROFESSOR | | | ALUNO | | |
|-----------|----|-----|-------|-----|-----|
| resp | F | % | resp | F | % |
| a | 3 | 20 | a | 34 | 26 |
| b | 3 | 23 | b | 48 | 36 |
| c | 4 | 31 | c | 23 | 18 |
| d | 3 | 23 | d | 20 | 20 |
| t | 13 | 100 | t | 131 | 100 |

- a- Mediante aulas expositivas e esquemas organizados de transmissão de conteúdos
 b- Através de instrução programada , módulos de ensino e outras tecnologias individualizadas
 c- Através do diálogo, discussões entre professor-aluno
 d- Através de técnicas e dinâmicas grupais participativas

26- Pergunta n.º. 16 do questionário do professor.

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 3 | 23 |
| b | - | - |
| c | 5 | 23 |
| d | 7 | 54 |
| f | 13 | 100 |

- a- como diretriz básica, usando todas informações e instruções
 b- como guia a ser adaptado
 c- como ponto de partida para aprendizagem
 d- como material de apoio

27- Pergunta n.º. 20 do questionário do professor.

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 7 | 54 |
| b | 6 | 46 |
| c | - | - |
| d | - | - |
| f | 13 | 100 |

- a- Concordo totalmente
 b- Concordo parcialmente
 c- Discordo parcialmente
 d- Discordo totalmente

28- Pergunta 23 do questionário do professor

| | a | | b | | c | | d | | T | |
|---|---|----|---|----|---|---|---|---|----|-----|
| | F | % | F | % | F | % | F | % | F | % |
| T | 9 | 70 | 3 | 22 | 1 | 8 | - | - | 13 | 100 |

a- sempre
b- quase sempre
c- raramente
d- nunca

29- Perg. 23 do questionário dos alunos

| | a | | b | | c | | d | | T | |
|---|----|----|----|----|---|---|---|---|-----|-----|
| | F | % | F | % | F | % | F | % | F | % |
| T | 96 | 73 | 30 | 23 | 4 | 3 | 1 | 1 | 131 | 100 |

a- sempre
b- quase sempre
c- raramente
d- nunca

30- perg. 27 do questionário dos alunos

| | a | | b | | c | | d | | T | |
|---|-----|----|----|---|---|---|---|---|-----|-----|
| | F | % | F | % | F | % | F | % | F | % |
| T | 119 | 91 | 11 | 8 | 1 | 1 | - | - | 131 | 100 |

a- sempre
b- quase sempre
c- raramente
d- nunca

31- perg. 28 do questionário dos alunos

| | a | | b | | c | | d | | T | |
|---|-----|----|----|----|---|---|---|---|-----|-----|
| | F | % | F | % | F | % | F | % | F | % |
| T | 109 | 83 | 20 | 15 | 1 | 1 | 1 | 1 | 131 | 100 |

a- sempre
b- quase sempre
c- raramente
d- nunca

32- perg. 35 do questionário dos alunos

| | a | | b | | c | | d | | T | |
|---|----|----|----|----|---|---|----|----|-----|-----|
| | F | % | F | % | F | % | F | % | F | % |
| T | 79 | 60 | 31 | 24 | 8 | 3 | 13 | 10 | 131 | 100 |

a- sempre
b- quase sempre
c- raramente
d- nunca

33- perg. 36 do questionário dos alunos

| | a | | b | | c | | d | | T | |
|---|----|----|----|----|----|----|---|---|----|-----|
| | F | % | F | % | F | % | F | % | F | % |
| T | 70 | 54 | 39 | 30 | 15 | 12 | 7 | 4 | 13 | 100 |

a- sempre
b- quase sempre
c- raramente
d- nunca

34 - perg. 37 do questionário dos alunos

| | a | | b | | c | | d | | T | |
|---|----|----|----|----|---|---|---|---|-----|-----|
| | F | % | F | % | F | % | F | % | F | % |
| T | 97 | 74 | 27 | 21 | 2 | 2 | 5 | 3 | 131 | 100 |

a- sempre
b- quase sempre
c- raramente
d- nunca

35- Pergunta 25 do questionário do professor.

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 9 | 70 |
| b | 4 | 30 |
| c | - | - |
| d | - | - |
| T | 13 | 100 |

- a- Sempre
- b- Quase sempre
- c- Raramente
- d- Nunca

36- Pergunta 26 do questionário do professor.

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 10 | 76 |
| b | 2 | 16 |
| c | 1 | 8 |
| d | - | - |
| T | 13 | 100 |

- a- Sempre
- b- Quase sempre
- c- Raramente
- d- Nunca

37- Pergunta no. 43 do questionário do professor.

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | - | -- |
| b | 1 | 8 |
| c | - | -- |
| d | 12 | 92 |
| T | 13 | 100 |

- a- Na medida da quantidade e exatidão das informações que o aluno conseguir reproduzir e armazenar
 b- Na verificação do alcance dos objetivos comportamentais propostos
 c- Na auto e hetero-avaliação, medida pelo professor
 d- No diálogo entre professor-aluno e observação durante todo o processo de ensino-aprendizagem

38- Pergunta no. 44 do questionário do professor.

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 4 | 30 |
| b | 2 | 16 |
| c | 7 | 54 |
| d | - | -- |
| T | 13 | 100 |

- a- Conhecimentos
 b- Atitudes
 c- Habilidades
 d- Comportamentos em sala de aula

39- Pergunta nº. 45 do questionário do professor .

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 2 | 16 |
| b | 6 | 46 |
| c | 5 | 38 |
| d | - | - |
| T | 13 | 100 |

- a- Concordo totalmente
- b- Concordo parcialmente
- c- Discordo parcialmente
- d- Discordo totalmente

40- Pergunta nº. 46 do questionário do professor.

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 6 | 46 |
| b | 2 | 16 |
| c | 5 | 38 |
| d | - | - |
| T | 13 | 100 |

- a- Sempre
- b- Quase sempre
- c- Raramente
- d- Nunca

41- Pergunta nº. 47 do questionário do professor e perg. 44 do questionário dos alunos

| RESP | PROFESSOR | | ALUNO | |
|------|-----------|-----|-------|-----|
| | F | % | F | % |
| a | 10 | 76 | 67 | 52 |
| b | 1 | 8 | 30 | 23 |
| c | 2 | 16 | 16 | 13 |
| d | - | - | 18 | 12 |
| T | 13 | 100 | 131 | 100 |

- a- Sempre
- b- Quase sempre
- c- Raramente
- d- Nunca

42- Pergunta no. 18 do questionário do professor e pergunta 25 do questionário do aluno).

| Resp: | PROFESSOR | | ALUNO | |
|-------|-----------|-----|-------|-----|
| | F | % | F | % |
| a | 4 | 30 | 100 | 76 |
| b | 8 | 62 | 13 | 14 |
| c | 1 | 8 | 5 | 4 |
| d | - | - | 8 | 6 |
| T | 13 | 100 | 131 | 100 |

- a- Sempre
- b -Quase sempre
- c- Raramente
- d- Nunca

43- Pergunta no. 28 do questionário do professor,
 perg. 34 do questionário dos alunos .

| Resp. | PROFESSOR | | ALUNO | |
|-------|-----------|-----|-------|-----|
| | F | % | F | % |
| a | 11 | 84 | 110 | 84 |
| b | 2 | 16 | 17 | 12 |
| c | - | - | - | - |
| d | - | - | 2 | 2 |
| T | 13 | 100 | 131 | 100 |

- a- Sempre
- b- Quase sempre
- c- Raramente
- d- Nunca

44- Pergunta no. 29 do questionário do professor e perg. 9 do questionário dos alunos

| RESP | PROFESSOR | | ALUNO | |
|------|-----------|-----|-------|-----|
| | F | % | F | % |
| a | 10 | 70 | 122 | 93 |
| b | 3 | 30 | 8 | 6 |
| c | - | - | 1 | 1 |
| d | - | - | - | - |
| T | 13 | 100 | 131 | 100 |

- a- Sempre
- b- Quase sempre
- c- Raramente
- d- Nunca

45- Pergunta no. 15 do questionário dos alunos.

| RESP | F | % |
|------|-----|-----|
| a | 108 | 82 |
| b | 14 | 10 |
| c | 1 | 1 |
| d | 3 | 4 |
| T | 131 | 100 |

- a- sempre
 b-Quase sempre
 c- Raramente
 d- nunca

46- Pergunta no. 30 do questionário do professor.

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 7 | 54 |
| b | 4 | 30 |
| c | 2 | 16 |
| d | - | - |
| T | 13 | 100 |

- a- Concordo totalmente
 b- Concordo parcialmente
 c- Discordo parcialmente
 d- Discordo totalmente

47- Pergunta n.º. 31 do questionário do professor.

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 4 | 30 |
| b | 3 | 24 |
| c | 1 | 8 |
| d | 5 | 38 |
| T | 13 | 100 |

- a- No planejamento
- b- No relacionamento de controle dos alunos
- c- Na avaliação
- d- Não utiliza autoridade

48- Pergunta n.º. 32 do questionário do professor.

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 1 | 8 |
| b | 10 | 76 |
| c | - | - |
| d | 2 | 16 |
| T | 13 | 100 |

- a- sempre existiu e deve ser respeitada
- b- Existe, porém não pode intervir na relação com o aluno
- c- Só existe nos documentos, não na sua sala
- d- Não deve haver diferença

49 - Pergunta no. 33 do questionário do professor e pergunta 17 do questionário do aluno.

| resp | PROFESSOR | | ALUNO | |
|------|-----------|----|-------|----|
| | F | % | F | % |
| a | 8 | 62 | 72 | 54 |
| b | 5 | 38 | 31 | 24 |
| c | - | - | 21 | 16 |
| d | - | - | 7 | 6 |

- a- sempre
- b- Quase sempre
- c- Raramente
- d- Nunca

50- Pergunta nº4 do questionário do professor e pergunta nº. 18 do questionário do aluno.

| resp | PROFESSOR | | ALUNO | |
|------|-----------|-----|-------|-----|
| | F | % | F | % |
| a | 1 | 8 | 17 | 13 |
| b | 2 | 14 | 8 | 6 |
| c | 1 | 8 | 4 | 3 |
| d | 9 | 70 | 108 | 78 |
| T | 13 | 100 | 131 | 100 |

- a- Com notas
- b- Com castigos
- c- Ignorando-os
- d- Não pune

51- Pergunta n.º. 40 do questionário do professor.

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 7 | 55 |
| b | 4 | 30 |
| c | 2 | 15 |
| d | - | - |
| T | 13 | 100 |

- a- sempre
- b- Quase sempre
- c- Raramente
- d- Nunca

52- Pergunta 3a do questionário do professor.

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 1 | 8 |
| b | 12 | 92 |
| T | 13 | 100 |

a- sim
b- não

53- Pergunta nº. 37 do questionário do professor.

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | - | - |
| b | 4 | 30 |
| c | 5 | 40 |
| d | 4 | 30 |
| T | 13 | 100 |

a- sempre
b- quase sempre
c- raramente
d- nunca

54 - Pergunta 39 do questionário do professor e perg. 16 do questionário do aluno e perg. 30 do questionário do aluno

| RESP | PROFESSOR | | ALUNO P.16 | | ALUNO P.30 | |
|------|-----------|-----|------------|-----|------------|-----|
| | F | % | F | % | F | % |
| a | 9 | 70 | 100 | 76 | 112 | 86 |
| b | 4 | 30 | 28 | 21 | 13 | 10 |
| c | - | - | 1 | 1 | 5 | 3 |
| d | - | - | 2 | 2 | 1 | 1 |
| T | 13 | 100 | 131 | 100 | 131 | 100 |

- a- sempre
b- quase sempre
c- raramente
d- nunca

55- Pergunta n.º. 41 do questionário do professor e 26 do questionário dos alunos.

| Resp | PROFESSOR | | ALUNO | |
|------|-----------|-----|-------|-----|
| | F | % | F | % |
| a | 13 | 100 | 127 | 97 |
| b | - | - | 3 | 2 |
| c | - | - | 1 | 1 |
| d | - | - | - | - |
| T | 13 | 100 | 131 | 100 |

- a- Sempre
- b- Quase sempre
- c- Raramente
- d- Nunca

56- Pergunta n.º. 48 do questionário do professor.

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 9 | 70 |
| b | 4 | 30 |
| c | - | - |
| d | - | - |
| T | 13 | 100 |

- a- Sempre
 b- Quase sempre
 c- Raramente
 d- Nunca

57- Pergunta 49 do questionário do professor e 39 do questionário dos alunos.

| RESP | PROFESSOR | | ALUNO | |
|------|-----------|-----|-------|-----|
| | F | % | F | % |
| a | 9 | 70 | 123 | 94 |
| b | 4 | 30 | 6 | 6 |
| c | - | - | - | - |
| d | - | - | - | - |
| T | 13 | 100 | 131 | 100 |

- a- Sempre
 b- Quase sempre
 c - Raramente
 d- Nunca

58- Pergunta 7 do questionário do professor.

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | - | - |
| b | 4 | 30 |
| c | 2 | 15 |
| d | 7 | 54 |
| T | 13 | 100 |

a- Decidir sozinho sobre conteúdo, metodologia e sistema de avaliação

b- Receber do SENAI o planejamento e executar

c- Receber o conteúdo do SENAI, planejar e discutir com alunos sobre o curso

d- Discutir com chefes e alunos sobre conteúdo, metodologia e sistema de avaliação

59- Pergunta n. 8 do questionário do professor.

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 7 | 54 |
| b | 5 | 38 |
| c | - | - |
| d | 1 | 8 |
| T | 13 | 100 |

a- Sempre

b- Quase sempre

c- Raramente

d- Nunca

60- Pergunta n. 9 do questionário do professor .

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 7 | 54 |
| b | 5 | 38 |
| c | 1 | 8 |
| d | - | - |
| T | 13 | 100 |

- a- Concorda totalmente
- b- Concorda parcialmente
- c- Discorda parcialmente
- d- Discorda totalmente

61- Pergunta no. 10 do questionário do professor .

| RESP | F | % |
|------|----|-----|
| a | 9 | 70 |
| b | 2 | 14 |
| c | 1 | 8 |
| d | 1 | 8 |
| T | 13 | 100 |

- a- Discute e adapta
- b- Discute, não aceita e propõe mudanças
- c- Não discute nem propõe mudanças, porém adapta para sua sala
- d- Não discute, nem propõe mudanças, apesar de não aceitar

62-Pergunta n.º 20 do questionário dos alunos .

| resp | F | % |
|------|-----|-----|
| a | 3 | 2 |
| b | 4 | 3 |
| c | 9 | 7 |
| d | 115 | 88 |
| T | 131 | 100 |

a- sempre
 b- quase sempre
 c- raramente
 d- nunca

63-Pergunta 21 do questionário do aluno.

| resp | F | % |
|------|-----|-----|
| a | 5 | 4 |
| b | 9 | 7 |
| c | 32 | 24 |
| d | 85 | 65 |
| T | 131 | 100 |

a- sempre
 b-quase sempre
 c-raramente
 d-nunca

64- Pergunta 19 do questionário dos alunos.

| resp | F | % |
|------|-----|-----|
| a | 10 | 7 |
| b | 12 | 9 |
| c | 14 | 11 |
| d | 95 | 73 |
| T | 131 | 100 |

- a- sempre
- b- quase sempre
- c- raramente
- d- nunca

65-Pergunta 1 do questionário do aluno.

| resp | F | % |
|------|-----|-----|
| a | 109 | 83 |
| b | 18 | 14 |
| c | 4 | 3 |
| d | - | - |
| T | 131 | 100 |

a- Busca de melhoria na formação profissional

b- Aprender a trabalhar

c- Solicitação do seu serviço

d- Preencher o tempo

66-Pergunta 42 do questionário do aluno.

| resp | F | % |
|------|-----|-----|
| a | 62 | 47 |
| b | 54 | 41 |
| c | 13 | 10 |
| d | 2 | 2 |
| T | 131 | 100 |

a- Tudo

b- Quase tudo

c- Pouco

d- Nada

67-Pergunta nº. 43 do questionário do aluno.

| resp | F | % |
|------|-----|-----|
| a | 117 | 89 |
| b | 10 | 8 |
| c | 4 | 3 |
| d | - | - |
| T | 131 | 100 |

- a- Muito
- b- Pouco
- c- Quase nada
- d- Nada

68-Pergunta nº. 46 do questionário do aluno.

| resp | F | % |
|------|-----|-----|
| a | 107 | 82 |
| b | 23 | 17 |
| c | 1 | 1 |
| d | - | - |
| T | 131 | 100 |

- a- Muito grande
- b- Grande
- c- razoável
- d - Nenhum